A LENDA DA MEIA-NOITE

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

PORTO.
LIVRARIA MORÉ
PRAÇA DE D. PEDRO

1874.

A LENDA DA MEIA-NOITE

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

PORTO
LIVRARIA MORÉ
PRAÇA DE D. PEDRO

1874.

A LENDA DA MEIA-NOITE

N'um dos sitios mais pittorescos da Beira-Baixa, n'essa montanha vestida de verdura, onde se recosta Alpedrinha, e que domina o verdejante valle do Fundão, ergue-se uma casa ampla e antiga, de cuja varanda, extensa varanda de madeira, em cujos beiraes vem as andorinhas fazer os seus ninhos, se descortina a extensa paizagem, onde alvejam Val de Prazeres e outras villas e aldeias que matizam, com as suas casas brancas, o verde do arvoredo, e que têm como panno de fundo a imponente massa da serra da Estrella, coroada com as suas neves eternas.

A casa não tem formosuras architectonicas, nem aspecto de palacio, é apenas um edificio vasto, cercado de dependencias rusticas, tendo defronte do portão as cavallariças, casas de habitação dos criados, etc., que, desenrolando-se em semi-circulo, fecham um terreiro que dá ao edificio campestre uma especie de pateo de entrada. A parte mais caracteristica da residencia é a extensa varan-

da de madeira, tão usada na provincia, onde nas tardes de estio se respira a viração da serra, onde nas manhãs de inverno se toma alegremente a restea do sol.

Fica isolada a habitação que a largos traços descrevemos. Pegada com a fachada principal está o muro, onde se abre o portão da quinta. Esta é assombreada pelo magnifico arvoredo, que viça, com incrivel vigor, n'esse torrão privilegiado conhecido na provincia pelo nome de cova da Beira. Para um lado a pouca distancia fica Alpedrinha, a pittoresca villa com as suas cazas penduradas entre verduras da encosta da montanha, para outro lado a estrada desce até ao Fundão. Por toda a parte verdura, arvores, aguas, o ar purissimo das serras, os rumores mysteriosos das solidões. E' encantadora a situação d'aquelle formoso eremiterio.

No outono e no inverno a paizagem toma uns tons mais carregados e lugubres. A montanha assume um certo ar de grandeza. Nos soutos espessos dos castanheiros passa o furacão silvando com furia; a trovoada vae-se repercutindo de echo em echo pelas concavidades dos valles, e os relampagos illuminam, com a sua luz sinistra, o arvoredo que se estorce nos braços doidos do vendaval. Nos amplos salões d'esses edificios isolados ouvem-se rumores sinistros, e sons mysteriosos, e o vento, fazendo ranger os pilares da varanda, entôa a musica triste das lendas populares.

E' exactamente no outono que nós conduzimos o leitor á casa da Fragosa, como por lá se chama ao sitio em que ella fica. Os viscondes da Fragoza, que alli moram, tinham

convidado alguns amigos seus para irem caçar nas suas terras, de fórma que estavam reunidas bastantes pessoas no grande salão da residencia, junto da brazeira, no momento em que convidamos o leitor para entrar tambem e aproveitar o calor benefico do lume.

E' já noite; a tarde estivera sobre-maneira ventosa e fria, de fórma que os convidados, reunidos na varanda, para assistirem a um d'esses esplendidos occasos do sol, que são tão frequentes no outono, tiveram que retirar e fechar-se em casa, deixando o vento gemer lá fóra, estorcendo os ramos do arvoredo. Accendeu-se a brazeira, e, esquecendo-se o frio e o vento, entrou-se n'uma palestra tão animada, como se se estivesse n'uma sala de Lisboa, a dois passos do Theatro Italiano, e sentindo-se, a rodarem nas ruas, as carruagens da cidade.

O salão era vasto e simples, mobilado á antiga. Nas paredes alguns velhos quadros sombrios; pesadas cadeiras, de pés torneados, forradas de coiro lavrado, dispostas em circulo, em torno de uma mesa de pau santo, ornavam apenas um canto da sala immensa. N'esse canto, onde se agrupavam a familia e os convidados, havia uma profusa illuminação. O resto da sala ficava perdido na sombra. De vez em quando surgiam d'esse fundo escuro os criados, que vinham fazer algum serviço. O toque da campainha não parecia que os chamava, parecia que os evocava. Saíam de subito da penumbra, como se surgissem do chão. O aspecto da casa era portanto o mais legendario que podia imaginar-se.

A conversação prolongara-se ainda depois do chá! Um

medico, que residia em Alpedrinha, para onde viera, não exercer a clinica, mas tratar da sua propria saude, arruinada em proveito da saúde dos outros, homem de espirito fino e amavel, fôra quem sustentara principalmente a palestra, ajudado por um snr. Lucio Valença, escriptor de certa aura, e caçador intrépido, e por uma filha dos viscondes, gentil menina, sympathica, alegre e desembaraçada, que, apesar de ter vivido sempre em Castello-Branco, e de ter ido apenas uma ou duas vezes a Lisboa, não tinha nenhum dos acanhamentos tradicionaes das provincianas de romance.

A pouco e pouco, porém, esmorecera a conversação: pausas cada vez mais amiudadas cortavam a palestra, e o medico já tirára o relogio para vêr se não iam sendo horas de retirada. Mas o visconde da Fragosa estava agarrado, com o commendador Madureira, e alguns visinhos de campo, a um impertinente *boston*, e em vista d'isso ninguem ousava ser o primeiro a tocar a recolher.

N'estes silencios ouvia-se distinctamente o rugir do vento na serra, e os seus gemidos e silvos nos corredores da casa.

—Meu Deus! que tristeza de noite! disse de subito uma joven senhora, de notavel formosura, extraordinariamente pallida, mas com umas opulentas tranças negras, e uns olhos negros tambem, grandes, rasgados que lhe illuminavam com estranho fulgor o rosto de alabastro. O vento geme com uns sons tão lugubres, que nos parece ouvir as queixas dos phantasmas. E' uma noite de lenda allemã!

—Para isso, acudiu o doutor Macedo, falta a chuva, a trovoada, a neve e muitos outros accessorios germanicos. O vento só não basta.

—V. ex.ª gosta de lendas, snr.ª D. Isaura? perguntou inclinando-se para ella um elegante moço do Fundão, em quem pareciam ter produzido uma impressão profunda os olhos negros e a romantica pallidez da filha do commendador Madureira.

—Se gosto de lendas! respondeu a pallida menina. Ah! de certo, adoro-as, mas gosto de as lêr em Lisboa, no meu gabinete e á luz do sol.

—Sem *mise-en-scene* não prestam, observou com toda a gravidade o doutor Macedo.

—A que chama *mise-en-scene*, doutor? perguntou Isaura.

—O Lucio que lh'o explique, minha senhora; não quero invadir os seus dominios.

—Oh! meu Deus, accudiu o escriptor, não é difficil de adivinhar. O doutor entende que as lendas devem ser lidas e apreciadas á noite, no meio do silencio geral, quando se está sósinho, n'um velho castello de Anna Radcliffe, cheio de alçapões e de subterraneos, quando o vento geme lugubremente nos corredores, e faz oscillar a luz da vela que allumia a nossa solitaria vigilia. Creio que o doutor, acudiu Lucio voltando-se rindo para elle, dispensa que a vela esteja n'um craneo, em vez de estar n'um castiçal, e que haja um cemiterio por baixo da janella.

—Dispenso... dispenso... acudiu o doutor com a mesma imperturbavel gravidade, quero dizer... não julgo in-

dispensaveis esses accessorios, mas não posso negar que augmentavam de um modo notabilissimo o effeito phantastico da narrativa legendaria.

—Meu Deus! exclamou a pallida Isaura. Fazem-me morrer de susto com essas historias pavorosas. Hoje com toda a certeza não durmo. Que idéa! E' necessario que não tenham a minima dose de sensibilidade para assim estarem zombeteando a respeito de coisas, que me produziriam uma impressão tamanha, que os meus nervos de certo não resistiriam. Estou já toda tremula!

—Mas, minha senhora, exclamou o doutor Macedo, as lendas são como os ananazes. Ha-os nascidos ao ar livre, na sua terra propria, e ha-os desabrochados artificialmente com o calor da estufa. N'um velho solar provinciano, ao som lugubre do vento nos corredores, n'uma noite de inverno sulcada de relampagos, nasce a lenda tão naturalmente como o ananaz no Brazil. N'uma sala de Lisboa, forrada de espelhos, ornada de macios sophás, entre os rumores meridianos da rua, á luz clara e alegre do sol, a lenda não póde ter mais sabor do que um ananaz de estufa.

—Jesus, meu Deus, exclamou D. Isaura, percebo isso perfeitamente, e bem sei que o phantastico só póde produzir toda a impressão de que é susceptivel no scenario que o doutor descreve; mas é que levado a esse ponto, o phantastico produziria no meu espirito um funesto effeito. Matava-me ou enlouquecia-me! Ah! tornou ella, eu adoro o ideal, mas o ideal póde tambem partir as cordas da minha alma.

—Tomo o partido de Isaura, disse não sem alguma ironia a filha dos viscondes da Fragosa, linda menina de cabellos castanhos claros e olhos azues, de um azul tão vivo que produziam ás vezes a sensação de olhos negros, como se fossem aquelles reflexos azulados da aza negra do corvo, tomo o partido de Isaura. Os senhores estão fallando ahi como creaturas vulgares incapazes de sentirem profundamente as grandes commoções. Para as almas privilegiadas os grandes prazeres da imaginação muitas vezes são tambem o martyrio. São as Ophelias, as Marias de Noronha, as creaturas ideaes cujos corpos são apenas, como o da irmã do bispo Myriel nos *Misérables* de Victor Hugo, pretextos para conservarem no mundo almas de anjos.

—E cuidas que não ha na terra esses entes, cujas expressões mais sublimes foram encontradas por tres grandes poetas que acabas de citar, Garrett, Shakespeare e Victor Hugo? acudiu vivamente o enthusiasta de Isaura, que sentira o leve epigramma, que o seu idolo não comprehendêra.

—Não cuido tal, Henrique. A prova de que os ha é que Isaura é um d'esses entes.

—Por quem és, Leonor... acudiu Isaura com uns certos ares de modestia, que ainda mais desesperaram o seu apaixonado.

—E' assim, tornou Leonor. Tu, Isaura, sentes que se partiriam as cordas da tua alma, se quizesses lêr á noite n'um quarto de uma velha casa provinciana uma historia de phantasmas. Morrias se te achasses sósinha

á noite n'uma sala de lugubre aspecto. Porque? Porque tens a imaginação exaltada, a sensibilidade nervosa das Ophelias e das Marías de Noronha!

—E não admirava, acudiu Henrique Osorio que assim se chamava o moço do Fundão, não admirava, snr.ª D. Isaura, que v. ex.ª tivesse medo de estar sósinha n'um castello de Anna Radcliffe. Nem todas podem ter a imaginação calma, o prosaico bom senso, a fria intrepidez de Leonor. A marqueza da Lusacia, de que falla Victor Hugo n'um dos seus poemas, preferia perder a soberania do seu marquezado a ir passar a noite sósinha, como o ordenava o costume tradicional, no castello de seus avós...

—Logo encontrou quem a acompanhasse, interrompeu Leonor ironicamente.

—E não seria só ella.

—Isaura, ouviste? acudiu Leonor rindo com tal ou qual amargura, se quizeres passar alguma noite n'um castello legendario, como a marqueza da Lusacia, já tens trovador que te acompanhe, ao bater da meia-noite, e que te cante:

> Si tu veux, faisons un rêve,
> Montons sur deux palefrois,
> Tu m'emmènes, je t'enléve.
> L'oiseau chante dans les bois.

Isaura sorriu-se sem comprehender bem a lucta que em torno d'ella se travava; Henrique Osorio calou-se. Leo-

nor, um pouco arrependida de ter mostrado um tal ou qual azedume, voltou-se para sua mãi que resonava recostada na sua poltrona, e, chamando-a, disse-lhe algumas palavras em voz baixa, convidando-a a que lembrasse a seu pai que eram horas de pôr um termo ao *boston*. O doutor levára a mão aos labios para comprimir um bocejo, e Lucio Valença, sorrindo-se, contemplava a esplendida formosura de Isaura, e esses olhos que Deus fizera tão formosos, e que não reflectiam comtudo senão as preoccupações pueris da mulher da moda, e da lisbonense frivola.

No meio d'este silencio ouviu-se o vento bramir com mais força, para depois gemer com mais tristeza, parecendo que se estabelecia um dialogo entre os espiritos atmosphericos, e que aos rugidos ameaçadores de um demonio respondiam as queixas plangentes de um ente fraco e debil.

De subito ouviu-se ao longe, ao longe, vibrar uma badalada no sino de S. Martinho de Alpedrinha.

O vento soprava d'aquelle lado, e trazia nas suas azas as lugubres vibrações do bronze.

Ouviu-se em profundo silencio uma, duas, tres... doze badaladas.

—Meia-noite! disse naturalmente o doutor, quebrando o silencio em que todos estavam, porque todos tinham estado contando as horas.

Mas a voz do doutor tambem tomára involuntariamente como que uma sinistra entoação.

D. Isaura soltou um grito.

—Jesus! disse ella.

—Que tem, minha senhora? perguntou Henrique sollicito e afflicto.

—Meu Deus! exclamou Isaura, é que me aterraram com as suas loucas historias, é que me puzeram n'um estado incrivel de sobre-excitação nervosa. Meia-noite! vê? Meia-noite é a hora dos phantasmas, é a hora das apparições! E esta sala é tão lugubre, e este silencio é tão agoireiro!

—Minha senhora, exclamou o doutor Macedo alegremente, v. ex.ª suppõe por acaso que nós sejamos phantasmas, e que estejamos quasi a dissipar-nos em fumo como quaesquer entes mal-creados do mundo sobrenatural? V. ex.ª está no meio de um batalhão de gente viva capaz de affrontar dois subterraneos de Anna Radcliffe, tres conventos de Lewis, reforçados ainda pelos mil e um phantasmas de Alexandre Dumas.

—Oh! tornou Isaura toda tremula, mas é que a meia-noite soou de um modo tão lugubre... E nós a esta hora ainda a pé...

—V. ex.ª deita-se mais cedo em Lisboa? perguntou o doutor.

—Não, mas...

—Mas é que a meia-noite só aterra os que lhe dão importancia. E' uma hora covarde e manhosa, que, se vê a alegria do baile, as salas illuminadas, as danças caprichosas e revoluteadoras, entra pacatamente como outra hora qualquer, até com mais risos e mais alegrias, accendendo mais o fogo das walsas, comprimentando para to-

dos os lados amavelmente. Se vê o estudioso debruçado sobre os livros, indifferente e sereno, entra timidamente, nos bicos dos pés, e abafa até as suas proprias vibrações, se encontra n'um serão de familia a conversação alegre, o bule de chá em cima da mesa, as cartas do *boston* para um lado, um livro para outro, bate á porta discretamente, e annuncia que é tempo de se recolher cada qual para o seu leito. Ora agora, se encontra gente que espera com susto, que está prompta a desmaiar apenas ouvir a primeira badalada que a annuncia, então eil-a que toma uns ares pavorosos, engrossa a voz, faz entrada solemne, espalha em torno de si o terror e o assombro. Fóra com semelhante fanfarrão! E' necessario darmos-lhe uma lição mestra! Peço a palavra para um requerimento.

—Hein? disse lá da mesa do jogo o visconde da Fragosa, que aspirava á deputação.

—Está concedida, visconde? disse o doutor rindo.

—Mas que diz você? tornou o visconde muito espantado dos risos com que os interlocutores do Macedo acolhiam a sua idéa.

—Bem! Passo adiante. Requeiro que para todos os effeitos seja abolida a meia-noite.

—Approvado por unanimidade e mais um que é o visconde, tornou rindo Lucio Valença. Agora queira o snr. deputado apresentar uma proposta indicando o modo prático de se levar a effeito essa medida importante.

—Proponho, tornou o doutor com gravidade comica, que de ámanhã em diante affrontemos a meia-noite rosto a rosto, e lhe torçamos o pescoço.

—Mas o meio? o meio? o meio prático? bradaram Lucio e Leonor.

—O meio é o seguinte. O mau tempo ameaça prolongar-se, e nós ou não podemos caçar, ou não podemos prolongar a caça por todo o dia, sob pena de estoirarmos ahi de frio por essa serra. Portanto á noite estamos frescos e descançados, e podemos protrahir o serão. Proponho que organisemos um *Decamerone* para zombarmos da meia-noite, como os narradores de Bocaccio zombaram da peste de Florença. Cada um de nós, que se sentir para isso com forças, se compromette a compôr uma historia phantastica, uma lenda, um conto maravilhoso que será lido aqui ao bater da meia-noite. D'essa fórma affrontamos face a face a terrivel inimiga do repouso da snr.ª D. Isaura, e, se ella ainda ousar fazer uso dos seus sortilegios, comnosco se ha-de haver!

—Apoiado! apoiado! bradaram todos menos D. Isaura que soltou um grito, exclamando:

—Isso é horrivel!

—Não, minha senhora, é uma receita, é um remedio heroico, é um banho russo. Vou-lhe combater os seus nervos.

—Mata-me, doutor!

—Qual historia, minha senhora! Mato a meia-noite! Verá como depressa a moda acceita a minha idéa. D'aqui a pouco tempo não se falla em Lisboa n'outra coisa, e a *lenda da meia noite* será o anti-espasmodico mais empregado.

A idéa de que effectivamente em Lisboa d'ahi a pou-

co tempo se não fallaria n'outra coisa foi o que decidiu D. Isaura. Ao mesmo tempo terminára a partida do voltarete, e um dos jogadores, homem já de cabellos grisalhos, vivo, espirituoso, illustrado, que no tempo do romantismo commettera alguns peccados litterarios, exclamou alegremente:

—Acceitam-me para companheiro? Eu ainda sirvo para uma montaria aos lobos, vamos a vêr se tambem presto para uma montaria á meia-noite.

—E' acceito com mil vontades, snr. Roberto Soares. Eu já o conheço como robusto campeão, e assento-lhe praça com enthusiasmo. Agora cabe-me designar o serviço. Henrique Osorio, você é quem rompe o fogo.

Henrique inclinou-se em silencio relanceando um ardente olhar á pallida Isaura.

—Meia-noite e meia hora! disse o doutor tirando o relogio. Saudemos, meus senhores, a ultima meia-noite que passa, e vamo-nos deitar. Todos se riram, e um borborinho alegre encheu d'ahi a pouco os corredores da habitação. Ainda por algum tempo se sentiu o rumor de portas que se abriam e fechavam, de passos que se perdiam ao longe, de vozes que se despediam. Depois caíu tudo em silencio, e só se pôde ouvir o vento que continuou toda a noite a gemer lugubremente as suas monotonas queixas.

A previsão do doutor realisou-se. O tempo continuou mau, e aggravou-se ainda com a chuva que principiava a cair em torrentes. A noite seguinte passou-se alegremente. Quando porém um relogio de parede, que fôra posto na sala, indicou onze e meia, Isaura fez-se ainda mais pallida do que era, e houve no auditorio uns taes ou quaes signaes de commoção.

—A postos, meus senhores! exclamou o doutor alegremente. Firmeza, companheiros! Do alto d'aquelle relogio trinta minutos vos contemplam.

Houve de novo *entrain;* risos e enthusiasmo. N'isto o sino de S. Martinho deu a primeira badalada da meia-noite. Soava ainda mais lugubremente do que na vespera. Solta no meio dos loucos rumores do vendaval, a vibração do bronze parecia uma nota perdida de agonia e de desespero.

—Henrique! disse o doutor. Vamos! Estás um pouco pallido? É a commoção do auctor e não a da meia-noite, juro-o aos deuses immortaes. Vá! inflexão lugubre, voz cavernosa, gesto sombrio!

Henrique desenrolou um manuscripto, e, no meio da attenção geral, leu o seguinte:

JULIETA

CONTO PHANTASTICO

I

Eram onze horas da noite, e estava-se tomando chá em casa do meu amigo Frederico B... em Bemfica. Havia uma roda d'intimos; a conversa estava animada e o meu amigo, a quem a alegria e o *entrain* dos convivas deixavam mais liberdade no cumprimento dos seus devêres de dono da casa, aproveitava-se d'isso para contemplar extasiado sua linda mulher, com quem casára havia pouco tempo, e que do seu lado lhe sorria tambem com a meiguice e ternura da mulher que ama devéras.

A conversa animára-se tanto, que se ia transformando em algasarra.

Discutia-se acaloradamente a questão da existencia das almas do outro mundo, com grande desprazer d'um jornalista que por força queria conduzir ao bom caminho aquelles discutidores extraviados, propondo que se tra-

tasse da bondade do ministerio; deixando de parte essas tolices, que não serviam para nada. Mas ninguem lhe prestava attenção, o que fez com que elle desesperado fosse lêr pela centesima vez um artigo seu publicado n'um jornal que estava em cima de uma das mezas da sala. Essa producção do seu engenho, que o jornalista relia com tanto enthusiasmo, merecia indubitavelmente tão paterna solicitude, porque elle e o revisor da imprensa tinham sido os seus unicos leitores. Mas o autor tantas vezes o tinha lido, e tal admiração professava pelo seu proprio talento, que podéra dizer, sem receio de ser taxado de mentiroso —«*que o seu artigo tinha feito tal impressão, que lhe constava ter havido uma pessoa que o relia a miudo, e sempre com enthusiasmo crescente, honra de que se podiam gabar poucos artigos politicos da imprensa portugueza.*»

—Concluámos, bradava entretanto um medico materialista por dever de profissão, onde collocam os senhores esse agente mysterioso a que dão o nome de espirito, teimando em appellidar assim pomposamente o mechanismo material, que a morte paralisa? Quando esse relojoeiro sombrio, que se chama tempo, quebra com mão despiedosa as rodas complicadas do nosso systema vital, onde se refugia esse ente inutil, esse ser impalpavel a que os senhores espiritualistas querem dar as redeas do governo d'este barro quebradiço, que constitue o homem? E durante a vida quaes são os laços invisiveis, que prendem o escravo ao senhor, o corpo material e fragil á alma etherea e immortal? Tremendo absurdo, utopia talvez respeitavel, sublime tolice pela qual se tem sacrificado innu-

meras gerações! Ah! mas sobretudo, é doido devéras quem imagina que essa invenção impossivel, resultado das aspirações da humanidade para a existencia eterna, possa vir aos cemiterios animar os restos putrefactos dos reis da creação; quem tal suppõe, não sentiu nunca debaixo do escalpello anatomico o cadaver inerte e despresivel, nem póde avaliar com a vista infallivel da sciencia o nada immenso das vaidades humanas!

—Fóra com o materialista, bradou um rapaz enthusiasta; sabes tu, meu caro doutor, que a primeira vaidade humana cujo nada immenso tu devias avaliar, é a vaidade da sciencia? Que sabes tu, presumpçoso Hippocrates, que tens de recuar vencido perante o primeiro obstaculosinho, que a natureza caprichosa queira oppôr á vista infallivel, como tu dizes, do saber dos homens? E ės tu que andas perdido no meio da confusão dos systemas medicos a procurar no labyrintho scientifico o fio conductor que te está sempre a escapar das mãos, ės tu que pretendes entrar com passo firme no insondavel labyrintho da eternidade?.. Espera, continuou elle. vendo entrar um mancebo muito pallido, que foi apertar a mão de Frederico, e comprimentar a dona da casa, queres-te convencer? Pois ahi tens tu um homem vivo, que teve relações directas com um phantasma.

—Roberto assenta-te ahi, e conta-nos immediatamente a historia do teu espectro, se v. ex.as não se oppõem a isso ainda assim, continuou elle, voltando-se para as senhoras presentes, que tinham escutado a discussão metaphysica, com ligeiros signaes de aborrecimento.

Propôr a senhoras uma historia de phantasmas é despertar-lhes a attenção, é fazer-lhes passar nas veias o estremecimento do enthusiasmo. Não sei porque, esses entes frageis, pallidos ou rosados, de olhos negros ou azues, alegres ou melancolicos, esses entes femininos encantadores e timidos adoram tudo o que os faz tremer, e recreiam-se sobre tudo com essas historias terriveis, em que o leitor estupefacto encontra um punhal ao voltar de cada pagina, um ladrão á esquina de cada periodo, um phantasma pelo menos em cada capitulo.

Por isso a parte feminina da assembleia acolheu a proposta com enthusiasmo: e a mim e aos outros homens, que estavam presentes, não desagradou a idéa de ouvir uma historia terrivel, em *petit comité*, no pino da meia noute, tendo de voltar depois para casa por aquelles caminhos desertos dos arredores de Lisboa; a mim sobretudo, que tinha de passar pelas casas arruinadas de Campolide, sorria a idéa de ir com a imaginação povoada de phantasmas, que poderia distribuir á vontade pelos recantos d'essa paisagem tão magestosa, quando a lua envolve os paredões solitarios na branca mortalha da sua luz, em quanto ao longe se desenha sobranceiro entre os campos verdejantes o perfil grandioso do aqueducto sombrio.

Roberto, devemos dizel-o para honra sua, não se fez rogado, comprimentou silenciosamente a assembleia, e começou pouco mais ou menos n'estes termos:

II

«Cantava-se em Lisboa pela segunda ou terceira vez o *Baile de mascaras*. Era uma noute de delirio no theatro de S. Carlos. Franschini, o cantor sublime, fazia tremer de enthusiasmo a plateia inteira, e a voz portentosa de madame Lotti despenhava sobre o publico palpitante torrentes de melodia e de sentimento. O personagem de Amelia, interpretado como então o foi, deixava de ser um typo creado pela imaginação do poeta para se transformar, animado pelo Prometheo do genio, n'um ente real, cujos sentimentos traduzidos em suspiros de harmonia, iam arrancar os soluços dos peitos dos espectadores.

Era o poema da paixão, com todas as suas peripecias, mas da paixão verdadeira, da paixão que geme e rasga os seios da alma, da paixão que verte lagrimas, de cujas feridas brota o sangue, e não d'essa paixão ficticia, cuja expressão convencional anima só a mascara, que a artista desafivella apenas desce o panno.

Eu, perdido n'um canto da platea, escutava, como escuto sempre quando vou ao theatro lyrico. N'isso devo confessar-lhes que tenho idéas um pouco originaes. O panno, que sóbe lentamente no principio da opera, descerra para os outros espectadores meia duzia de taboas rodeadas por bastidores de lona, onde uns poucos de ar-

tistas vão cantar umas poucas de arias para divertimento do publico. Para mim é como que uma janella encantada que se abre por onde eu me arrojo para os espaços azues do ideal. Os outros analysam com toda a paciencia a instrumentação e o canto, investigam se foram executadas as leis do contraponto, e depois de satisfeitos applaudem compassadamente para não rasgarem as luvas, voltam-se bocejando, e comprimentam a senhora condessa de***, ou a senhora baroneza de***, cuja chronica escandalosa vão contar immediatamente ao seu visinho da esquerda.

Mas eu não. A minha alma, que illumina o fogo do enthusiasmo, não póde ficar na terra, quando sente passar no espaço o sopro da harmonia, da casta filha do céo. Desapparece o theatro, desapparecem os espectadores, desapparece a ficção. Arrastada no manto de fogo do ideal, a minha alma sente, enleva-se, palpita, geme, pranteia, soluça com Macbeth o grito do remorso, suspira com Desdémona a canção da saudade, gorgeia com Helena o hymno da desposada, escuta com Rosina a meiga serenata, solta com Lucrecia o rugido da envenenadora, e volta depois á terra, deixando-me ficar pallido, extasiado, porque entrevi em sonhos a deslumbrante claridade de um mundo desconhecido.

Tinha começado o segundo acto, e eu seguia cheio de um vago terror a scena lugubre do principio. As notas da aria de Amelia soavam-me aos ouvidos como dobres de finados, e quando a Lotti soltou aquelle grito de pavor, que vibrava sonoro e plangente pelo theatro, fazendo estremecer os espectadores, eu levantei-me pallido, con-

vulso, e senti correr-me pela raiz dos cabellos o halito de fogo de uma mysteriosa commoção.

O meu visinho olhou para mim espantado; sentei-me, deixei cahir a cabeça entre as mãos, e scismei.

—O' ideal, dizia eu, quando poderei finalmente sorver a longos tragos o teu nectar precioso na cinzelada taça da phantasia?

«O' virgem dos meus sonhos, ó anjo das azas de ouro, quando poderá a minha alma, abraçando-se comtigo nas regiões celestes, aspirar a plenos pulmões a balsamica aragem da poesia?... O que és tu, ente mysterioso, que assim bafejas o espirito dos grandes poetas, e lhes vaes murmurar, em noutes de inspiração, os segredos sublimes que o vulgo profano admira, mas não comprehende?

«Oh! quaes serão as visões d'estes homens portentosos, e nas suas noutes de febre, de delirio e de insomnia, em que mysticos amores te enlaças tu com elles, ó ideal sublime, ó ideal inspirador? E emtanto nós, os desherdados, bebemos com um riso alvar a agua insipida e lodosa dos prazeres do mundo, e caminhamos n'esta planicie monotona da vida, olhando com terror para o Sinai chammejante, onde campeiam, cercados de divina aureola, os harmoniosos prophetas, os validos da inspiração!

«Não posso; falta-me o ar no recinto estreito da vida social; a prosa d'este mundo opprime-me o coração. A minha alma está sequiosa de amor, e este apparece-me sempre escoltado pelas conveniencias, trazendo sobre o rosto formoso a mascara ridicula dos interesses materiaes,

ou a mascara odiosa do capricho sensual. Amor! amor! mas um amor como o teu, ó casta e pura Amelia, como o teu, ó Julieta, ó noiva gentil de Romeu e da sepultura, quero um d'esses amores sublimes, e, se elle não se encontra na terra, surge dos tumulos, ó pallida virgem por quem eu anhelo, e mostra-me ao menos n'um relampago as mysteriosas alegrias da eternidade!»

N'isto levantei a cabeça, e os meus olhos involuntariamente fixaram-se n'um camarote, que ficava pouco distante do logar que eu occupava na platea. Uma senhora de belleza maravilhosa estava sósinha n'esse camarote, e encarava-me com uma attenção extraordinaria. Não sei porque gelou-se-me o sangue nas veias, e fiquei extatico a contemplar aquella esplendida formosura.

Raras vezes tenho encontrado um rosto assim! A correcção das linhas, a pureza dos contornos, a magestade do perfil deixavam na sombra os mais perfeitos modêlos da antiga estatuaria. Praxiteles quebraria desesperado as estatuas e o cinzel, se lhe fosse dado contemplar as inflexões suaves, a perfeição das fórmas d'aquella viva esculptura.

Se algum defeito se lhe poderia notar, era a rigidez marmorea da physionomia. Via-se que nem tristezas nem alegrias seriam capazes de alterar a regularidade do semblante, que só parecia ter vida nos olhos, que eram lindos a mais não ser, e d'onde emanavam raios magneticos e deslumbrantes, que enlouqueciam quem se atrevesse a encaral-os. Aquelle rosto assemelhava-se a uma urna de marmore, em cima da qual se tivesse collocado uma lam-

pada de luz fascinadora. Era um fragmento de gêlo dourado levemente pelos reflexos de um vulcão, mas essa physionomia tinha um não sei que de mysterioso e sombrio, que me impressionou profundamente.

Olhei para o relogio. Os ponteiros marcavam no mostrador meia noite em ponto.

No theatro os conjurados cantavam o côro das gargalhadas, e repetiam rindo o estribilho:

> Ah! ehé baccano-sul caso strano
> Andrá dimani per la cittá!

III

Sem poder explicar a mim mesmo a fascinação irresistivel, que me impellia tão imperiosamente á contemplação d'aquelle formoso semblante, nunca mais desviei a vista do camarote. E ella, oh! ella olhava-me com uma meiguice de enlouquecer.

Estava toda vestida de negro, e isso ainda mais contribuia para fazer realçar a alvura da sua tez. Trajava elegantissimamente, mas com uma singeleza, que me encantou, a mim, que procuro quasi sempre o bom gosto na simplicidade.

Só ella occupava o camarote! Sósinha! Quem poderia ser? Tão nova, tão formosa, e só! Oh! meu Deus! seria

ella uma d'essas mulheres sem pudor, que arrastam por toda a parte o manto de seda da ignominia, que foram apanhar da lama, onde deixaram em troca o candido véo da innocencia? Impossivel! O seu porte modesto, a simplicidade do seu trajo eram um protesto vivo contra o descaro, e orgulhoso cynismo d'essas Messalinas venaes.

Mas só! Quem sabe? Talvez a pessoa que a acompanhava, estivesse escondida na sombra do camarote; talvez tivesse saído. Tudo podia ser, mas a suspeita é que não podia manchar nem por momentos a luz serena d'aquelle rosto angelical.

E eu olhava-a deslumbrado; e uma transformação estranha se operava em mim. Parecia-me que as luzes do theatro iam esmorecendo a pouco e pouco até se reduzirem á claridade sinistra das lampadas sepulchraes, o palco e a plateia confundiam-se n'um vasto cemiterio, onde o vento da noite fazia ondular a copa dos cyprestes, por entre cujos ramos passavam os raios da lua, da pallida scismadora, da solitaria amiga das sepulturas.

E ella, ella, a formosa desconhecida, vinha dizer-me com o seu olhar tão triste:

—Queres o meu amor, ó pobre escravo d'um corpo material, ó doido, que aspiras ao infinito sem pensares que tens os pés embaraçados na immunda vaza d'esse oceano de desespero, que se chama a vida? Oh! não queiras conhecer os segredos dos tumulos, porque tu, meu louro poeta, voltavas ao mundo de cabellos brancos, se tocasses um só minuto com os labios na taça inebriante dos amores da eternidade!

—Oh! que me importa a vida, respondia eu na allucinação febril, se em troca d'esses dias de prosa me posso arrojar um instante só aos espaços infinitos das sublimes commoções! A minha alma é como a aguia, que se arroja ás regiões das nuvens, affrontando a tempestade, e cai depois na terra fulminada pelo raio, que altiva foi provocar. Que me importa a mim a morte, a condemnação eterna, se podér sorver nos teus labios voluptuosidades desconhecidas, e ler nos teus olhos o poema sublime do amor, que eu phantasio?

A visão desapparecia; mas no palco a voz seductora d'Oscar, o elegante pagem, vinha murmurar-me aos ouvidos:

Pieno d'amor
Mi balza il cor;
Ma pur discreto
Serba il segreto.

E no olhar da minha formosa desconhecida lia-se em letras de fogo a mesma confissão inebriante:

Pieno d'amor
Mi balza il cor.

IV

Tinha acabado a opera. Levantei-me e saí.

Fiz um esforço sobre mim, não querendo olhar para o camarote fatal. A pessoa que o occupára durante a noite produzira em mim uma impressão tal que cheguei a ter medo... medo da influencia pasmosa que ella ia tomando sobre o meu pobre coração. .

Oh! fatalidade! Quando cheguei ao corredor, o primeiro vulto, que passou por diante de mim, foi o vulto elegante e nobre da gentil desconhecida. Ia só!

Tive como que uma vertigem, quando ella, ao passar, me lançou um d'esses olhares que endoudecem o homem de razão mais fria, que lançam no inferno o mais virtuoso santo do paraizo.

Não tive forças para luctar contra a fascinação irresistivel d'esse olhar. Se elle tinha sobre mim a influencia magnetica do olhar de José Balsamo sobre a pobre Lorenza ideada por Alexandre Dumas! Debalde a pobre italiana se torcia desesperada debaixo d'aquelle jugo oppressor, debalde oppunha toda a força da sua vontade e do seu odio á tenacidade diabolica do terrivel magnetisador, debalde resistia com todo o ardor da sua devoção, com todo o vigor da sua alma virginal áquelle poder incomprehensivel, mas horrendamente verdadeiro; tinha de recuar diante d'esse olhar, como diante d'uma espada chammejante, até

caír oppressa e desesperada aos pés de José Balsamo. Então esse corpo quebrado pela resistencia, reclinava-se nos braços da voluptuosidade, e a voz que ia terrivel a bradar «Odeio-te», terminava supplicante a balbuciar: «Adoro-te».

Ao vel-a, disse eu comigo mesmo: «Não quero, não quero ceder a esse imperio inexplicavel.» E minutos depois surprehendia-me a seguil-a apressadamente pelas ruas de Lisboa.

Ha occasiões em que nos vemos obrigados a acreditar em forças sobrenaturaes que nos attrahem e nos repellem, é quando a nossa vontade se aniquila, e quando as leis da nossa organisação são violentamente revogadas por um despotismo estranho.

Submetto esta reflexão á consideração dos illustres materialistas que me escutam!

V

A desculpa que eu dei a mim mesmo, quando apezar de todos os meus protestos me surprehendi a seguir a senhora de negro, foi a desculpa da curiosidade.

Com effeito, dizia eu comigo, tirando philosophicamente baforadas de fumo do charuto que acabára de accender no momento em que passou por diante de mim a formosa desconhecida; o que ha mais natural? Encontro

uma linda mulher em S. Carlos, linda como poucas, e original a mais não poder ser. Vejo-a no camarote sósinha, e torno a vel-a, saindo a pé, e ainda só. Não tenho nada que fazer, e por conseguinte sigo-a. É naturalissimo.

E a voz da consciencia murmurava-me ao ouvido:

—É o brilho da chamma tentadora, ó douda borboleta, é o olhar fascinador da serpente, ó ave descuidosa.

—Ora adeus, respondia a voz da minha apparente philosophia, prejuizo, superstição, fanatismo, como dizia o tenente Boutraix de um dos romances de Carlos Nodier. Vou offerecer-lhe o meu braço.

A senhora que eu seguia caminhava lentamente a quinze passos adiante de mim, quando muito. Passava ella então defronte da igreja dos Martyres. Puz o chapéu ao lado com modos conquistadores, colloquei o charuto ao canto da bôca, e accelerei o passo.

Apezar d'isso, e apezar da minha bella não alterar por fórma alguma o seu andamento, não diminuia, pelo menos sensivelmente, a distancia que nos separava. O vulto elegante da senhora de negro, ao passar por diante dos candieiros de gaz, revelava-se em toda a sua riqueza de fórmas, em toda a magestade do seu porte airoso. Havia uma suprema distincção no seu modo de andar, mas apezar d'isso havia um não sei quê de mysterioso n'aquelle mover de estatua, lento e inteiriçado, que fazia uma impressão pouco agradavel.

Chegámos assim á rua Nova do Carmo; ella voltou para baixo; eu segui-a.

A distancia conservava-se a mesma. Mas, como ia di-

minuindo o numero das pessoas que caminhavam para aquelles sitios, saindo, como nós, de S. Carlos, eu tomei uma resolução definitiva, e comecei a dar grandes passadas para apanhar finalmente aquella mulher que me fugia incessantemente como esse caçador das lendas do norte, que foge sempre, sem perder um palmo de terreno, mas sem poder tambem desapparecer, á sua matilha infernal.

Nem assim pude diminuir a distancia que me separava d'esse vulto extraordinario.

E o vulto parecia escorregar magestoso e sombrio, sem que a bulha dos seus passos acordasse um só ecco nas ruas solitarias.

Chegámos ao Rocio. Eu começava a estar suado. Despi, sem affrouxar o passo, o paletot que me incommodava, e pul-o aos hombros.

Depois dei a andar com dobrada rapidez.

A senhora de negro caminhou pelo Rocio na direcção do Passeio.

Chegámos ao largo de Camões.

Nem uma pollegada diminuira a distancia que mediava entre nós.

E o vulto parecia escorregar magestoso e sombrio, sem que a bulha dos seus passos acordasse um só ecco nas ruas solitarias.

Eu apertava as mãos na cabeça, porque sentia uma torrente de fogo a inundar-me o cerebro, e a razão a abandonar-me.

Entrámos na rua Oriental do Passeio. Estava completamente só.

A noute era sombria, e no estado em que estava pareceu-me sinistro devéras o aspecto d'essa massa do passeio publico, envolto n'um manto de trevas.

A quinze passos adiante de mim caminhava sempre elegante e distincto o vulto negro da minha gentil desconhecida.

Perdi a cabeça e deitei a correr, litteralmente a correr, atraz d'ella. A bulha da corrida produzia um som lugubre, e fazia-me estremecer de vez em quando. O suor escorria-me em fio pela cara abaixo.

Saimos da rua Oriental do Passeio, entrámos na calçada do Salitre, chegámos á esquina da travessa do Moreira, e eu não conquistára um palmo de terreno.

E o vulto parecia escorregar magestoso e sombrio sem que a bulha dos seus passos acordasse um só ecco nas ruas solitarias.

Quando ali chegámos, a desconhecida entrou resolutamente na travessa, e eu parei. Sentia o coração palpitar-me com violencia, e... tive medo, confesso-o.

Era tão extraordinario o que me estava succedendo, que este sentimento, devem confessal-o, era um pouco desculpavel.

Comtudo venci a timidez passageira, e entrei resolutamente n'essa rua tão deserta.

Quando a minha desconhecida chegou ao pé de uma casa isolada no meio da travessa, parou, voltou-se para mim, e bradou com uma voz melodiosissima:

—Amanhã á meia-noite, debaixo d'esta janella.

Eu estaquei attonito de surpreza.

VI

Descrever-lhes a luta que se travou no meu espirito, quando voltando para casa me fui sentar á mesa de trabalho, e comecei a reflectir fria e pausadamente na aventura nocturna, seria contar-lhes a historia longa e fastidiosa do combate da razão com as minhas tendencias para o sobrenatural.

Dir-lhes-hei resumindo, que sem attender a outra coisa que não fosse a seducção inexplicavel, que me attraía para esse ente incomprehensivel, fui no dia seguinte á meia noite ao *rendez-vous* aprazado.

Soava não sei em que relogio a ultima badalada da meia noite, quando se abriu a janella, e appareceu ante os meus olhos deslumbrados o formoso rosto da gentil desconhecida.

Balbuciei phrases sem sentido, mas a lingua pegou-se-me ao ceu da bôca; e não pude dizer uma palavra que se entendesse.

—Porque me seguiu hontem? perguntou ella com uma voz melodiosa e triste, como o gemer da brisa nos cyprestes.

—Porque a amo.

—Sabe quem eu sou?

—Que me importa! Quem vae perguntar ao anjo que

nos afaga em sonho o nome com que o distinguem nas phalanges celestiaes?

—E ama-me?

—Mais do que a vida!

—Só?!

Que poder incrivel tinha aquella mulher sobre mim? Não sei; sei que lhe respondi com o olhar inflammado:

—Mais do que Deus!

—Não estranha o mysterio em que me envolvo?

—Não sei. Este meu amor é uma paixão fatal. Virgem ou devassa, candida ou profanada, anjo ou demonio, amo-a cegamente, sem me importar com o passado nem com o futuro, desejando só ter o presente meu, só meu. Este amor é para mim um vinho que embriaga, e se no fundo da taça encontrar veneno, que importa? morrerei abençoando as horas da embriaguez. Isto é uma loucura, bem sei, mas se podésse conhecer a atonía moral em que o meu espirito tem existido! Se soubesse como eu anhelo por estas commoções extraordinarias, que devoram n'um minuto a existencia de um homem! Já vê quão pouco exigente eu sou; não me negue um raio d'essa aureola d'amor que lhe circumda a fronte. Essa luz tenuissima transformal-á-hei em chamma esplendida, que ha-de illuminar as trevas do meu viver prosaico.

—Acceito o seu amor, se essas palavras não o exageram. Não queira penetrar no mysterio que me envolve. Quando fôr necessario, eu mesma o rasgarei, e confie em mim, ha-de encontrar-me digna do seu amor. Entretanto creia e espere. Adeus.

—Já?

—Não me posso demorar nem um minuto.

—Oh! mas diga-me uma palavra consoladora. Este amor immenso não encontrou ecco no seu coração?

—Amo-o.

—Mas com um amor semelhante ao meu, inebriante, immenso?

—Immenso... como a eternidade.

E fechou a janella, deixando-me ficar extatico e cada vez mais espantado da estranheza dos seus modos.

VII

Assim continuou todas as noites aquelle amor excentrico. Todas as noites eu tomava a firme resolução de não tornar lá, e sempre as badaladas da meia noite me surprehendiam na travessa do Moreira por baixo da janella fatal.

No tempo em que me succedeu esta aventura, tratavam meus pais do meu casamento com uma menina rica, que não desgostava de mim, e por quem eu, não sentindo amor, não sentia tambem antipathia.

Era ella uma menina capaz de inspirar uma affeição fraternal, mas nunca uma paixão a um espirito arrebatado como este meu.

Era bonita, mas um typo vulgar, horrivelmente vul-

gar. A pobre menina não tinha culpa d'isso. Demais a mais era o que se podia chamar um acerto; dote soffrivel, excellentes qualidades de mulher e de dona de casa.

Creio que juntava a isso tudo o fazer marmelada perfeitamente. Não sendo muito guloso, não era eu o mais proprio para poder apreciar dignamente esta prenda, que a distinguia.

Nunca mais appareci em casa d'ella, desde a noite de S. Carlos. Um dia passei occasionalmente por lá, e vi-a com os olhos vermelhos de chorar. Comprimentei-a, ella correspondeu-me tristemente, e retirou-se da janella.

—Ora adeus, disse eu comigo mesmo, foi deitar assucar nos marmelos. Talvez ali esteja um coração! accrescentei eu no monologo mental. Não creio, continuei, o coração desarranja as cassarolas, e incommoda-a no varrer da casa.

Foram estas idéas falsas que me perderam, meus senhores, idéas d'um espirito extravagante que procurou sempre em regiões inaccessiveis a felicidade, que nunca pude encontrar, e que talvez caminhasse ao meu lado sem eu dar por isso.

O meu espirito talvez fosse como o Rouvière de uma comedia de Feuillet, que, depois de ter percorrido o mundo em todos os sentidos, fica espantado de encontrar a felicidade sentada ao canto da lareira de uma familia burgueza n'uma aldeola do seu paiz natal.

VIII

Chamava-se Julieta a heroina do meu romance de amor. Até o nome era de fazer enlouquecer um enthusiasta como eu.

Essa aureola de poesia e de encanto com que Shakespeare circumdou a fronte da pallida italiana, parecia atravez das idades vir doirar com um reflexo luminoso a fronte gentil da Julieta, que eu adorava.

Foi a unica informação a seu respeito que d'ella obtive. Tudo o mais ficava para mim envolvido n'um mysterio que eu nem tentava penetrar.

Uma noite a nossa conversação foi tomando a pouco e pouco um caracter mais ardente e languido. Palavras de amor entrecortadas, suspiros involuntarios vindo interromper o dialogo, longos silencios durante os quaes eu sentia o palpitar apressado do meu coração, em quanto via a imagem seductora de Julieta desenhar-se na janella illuminada caprichosamente pelo fulgor da lua, tudo isto despertava em mim uma voluptuosidade deliciosa, mas que me magoava.

Uma vez, em quanto ella ficava perdida n'essa vaga contemplação da lua e da noite perfumada, eu involuntariamente aproximei-me da parede da casa, e ajudando-me com as grades da janella do pavimento das lojas, pude trepar até ao parapeito da janella, e de repente, sem que

ella parecesse reparar na ousadia do meu procedimento, imprimi-lhe nos labios um beijo de fogo.

Os labios d'ella estavam frios como os de uma estatua.

Olhou para mim com olhar meigo e recuou.

Entrei no quarto e caí-lhe aos pés, balbuciando:

—Julieta, amo-te.

E cobri-lhe as mãos de beijos devoradores.

Ella olhava para mim com uma expressão indefinivel. Não podia dizer se era ternura, se ardor, se frieza, o que esse olhar continha, sei sómente que quanto mais ella me encarava, mais eu me sentia enlouquecer.

—Vem, meu amante, murmurou Julieta passando-me o braço á roda do pescoço, e arrastando-me com meiguice para uma porta entre-aberta, vem! sobre o lilaz florido do meu jardim embalsamado descanta o rouxinol as suas trovas de amores! é tudo mysterio n'esta hora encantadora! Vem!

Abriu-se a porta e nós entramos n'um jardim esplendido.

IX

Era na hora mysteriosa em que das urnas das flores se expandem na atmosphera thesouros de aroma e de languidez, e em que o homem absorto julga escutar vagamente na esplendida immensidade a longiqua harmonia das espheras.

Na hora em que o rouxinol espalha sobre a terra as perolas do seu canto, e em que a natureza escuta embevecida o hymno mavioso do seu interprete sublime.

Porque n'essa hora dormem as paixões terrenas, e o mundo parece envolver-se por momentos no manto da sua virgindade, afim que Deus possa reconhecer a sua feitura, desfigurada pelo agitar convulso do verme pretencioso que se chama o homem.

E o Omnipotente immovel no throno da sua grandeza, revê-se silencioso no espelho da Creação.

Oh! como a lua desenrola graciosamente o seu manto luminoso sobre as alamedas desertas do esplendido jardim! Como os seus raios se baloiçam mollemente no berço fluctuante da folhagem! Como se miram descuidosos no crystal das fontes!

E as estatuas primorosas dos deuses do paganismo, parecem espreitar complacentes os mysterios da voluptuosidade que se vão abrigar nos caramanchões floridos! E emtanto as acacias que lhes assombreiam os vultos immoveis, inundam com a chuva perfumada das flôres vermelhas as pregas ondeantes da sua roupagem marmorea!

E eu e Julieta caminhavamos silenciosos por entre os alegretes, e a voz do rouxinol da balseira despertava no meu coração um rouxinol desconhecido que me fallava de amor e de ternura.

Inclinei-me para ella e beijei-a! E parecia-me que sentia ao tocar-lhe nos labios as azas brancas do anjo da pu-

reza que davam áquella fronte limpida um resplendor celestial.

Por um sentimento involuntario troquei o meu annel pelo annel de Julieta.

Julguei que Deus santificava o nosso amor, e nos contemplava com indulgencia!

X

Mas quando ergui os olhos, erriçaram-se-me os cabellos de terror, e correu-me pelas veias um calafrio. Fugiu-me a luz dos olhos, e o sangue refluiu ao coração.

Desappareceram os floridos canteiros, emmudeceu o rouxinol suave, sumiram-se as estatuas, fugiram as acacias.

Estendem-se a perder de vista as ruas sombrias de um cemiterio, de um lado e de outro avultam as pedras brancas das sepulturas.

O vento da noite faz ondear os cyprestes funerarios, e o pallido clarão da lua vem beijar melancholico as cruzes tumulares.

O grito sinistro do mocho só de vez em quando perturba a paz dos mortos; por entre a relva dos sepulchros fulgura a lugubre phosphorecencia dos cemiterios.

E' tudo silencio em roda, mas ao longe começa a sentir-se um vago rumor, que parece o longiquo ruido de um exercito marchando.

E uma aragem de terror parece esvoaçar por entre os tumulos, dando vida ás loisas, e voz ao cyprestal.

Lugubres clarões abraçam as cruzes das campas, e as figuras de pedra que guardam, sentinellas inanimadas, o somno dos finados, agitam-se convulsamente ao sopro de fogo d'aquella procella desconhecida.

A sineta da ermida vibrou no meio do silencio; tres vezes eccoou na immensidade aquelle som terrivel.

E eu senti os cabellos erriçarem-se-me e um suor gelado me inundava a testa,

Então um côro de vozes cavas e profundas entoou lugubremente *o Dies iræ* o hymno da cholera de Deus.

E logo uma longa procissão de phantasmas brancos começou a desfilar por diante de mim n'um silencio aterrador.

Depois deram-se as mãos e formaram em torno de mim uma dança de espectros.

E eu sentia os cabellos erriçarem-se-me, e um suor gelado me inundava a testa.

Depois um dos vultos brancos destacou-se do grupo e avançou para mim.

E eu quiz recuar, mas os pés estavam pregados no terreno, e uma força invencivel me domava.

O passo do phantasma não produzia ruido algum, mas eu sentia-o vibrar no fundo do coração.

Vinha involto no longo manto sepulchral, e ornava-lhe a fronte a grinalda virginal das rozas brancas.

Reconheci as pallidas feições de Julieta, da minha noiva de ha pouco.

—Vae consumar-se o lugubre noivado, disse-me ella sorrindo, vem meu pallido amante, vem inebriar-te com as mysticas voluptuosidades das sepulturas.

—O mocho cantará o nosso epithalamio, e no cruzeiro do cemiterio serão as danças dos finados o nosso baile nupcial.

—Olha para a mysteriosa alcova, como nos sorri de dentro da loisa entre-aberta a alva mortalha do nosso leito de noivado.

E eu olhei e vi abrir-se a garganta pavorosa de um sepulchro, e senti que a mão de Julieta me arrastava invencivelmente.

Eccoavam nas lugubres alamedas as gargalhadas dos finados, o mocho soltava o seu grito funebre, e a lua entornava sobre as campas a sua luz tão pallida.

E eu senti os cabellos erriçarem-se-me de terror, e um suor gelado me inundava a testa.

Não pude resistir, passou-me uma nuvem de sangue por diante dos olhos e cahi desmaiado!

XI

Roberto parou um momento como se se sentisse opprimir pela recordação terrivel d'essa noite.

—Pouco mais lhes posso dizer, meus senhores, sei

apenas que no dia seguinte acordei no meu leito, e que estive sériamente doente. Apenas me restabeleci corri á travessa do Môreira.

Da casa de Julieta nem signaes! Tudo desapparecera.

Julguei que fôra victima de uma allucinação, mas ainda hoje se me representam tanto ao vivo as scenas, a que assisti, que não posso admittir a possibilidade d'essa hypothese.

D'ahi por diante nunca mais tive felicidade! Em pouco tempo gosei e padeci muito. As fibras da minha alma sujeitas a uma fortissima tensão quebraram-se, e hoje vivo n'uma incrivel atonia.

A senhora, com quem minha familia me queria vêr casado, desposou um homem menos imaginoso do que eu, que a estremece, e a quem ella estima. Tem dois filhos, que são a alegria da casa e o enlevo dos paes.

A minha imaginação desregrada deixou-me isolado no mundo».

Roberto calou-se. Todos nós ficamos silenciosos, impressionados por essa lugubre historia. Mas Frederico abraçando sua mulher, e dando-lhe um beijo na testa, disse para Roberto:

—As aspirações da alma tem um limite, que não podem ultrapassar. No ceu da felicidade ha espheras inaccessiveis onde a natureza humana desmaia, prostrada pela vertigem. Na familia, meu amigo, resume-se a suprema ventura. E' prosaica unicamente para os que a não comprehendem. N'esses amores ideaes chega o homem a

pontos, em que para me servir das phrases do sceptico Musset:

> Où le vertige prend, ou l'air devient le feu.
> Et l'homme doit mourir où commence le Dieu.

Quando Henrique Osorio acabou de ler o seu improvisado romance, applaudiram-n'o fervorosamente os seus indulgentes ouvintes. Só Isaura bocejava de um modo notavel.

Henrique mordeu os labios um pouco raivoso, e, inclinando-se para ella, disse-lhe ironicamente:

—A nossa idéa foi soberba, minha senhora; se não cura dos terrores, que sentem as pessoas nervosas, ao menos concilia-lhes o somno que affugenta os phantasmas.

—Ah! não, senhor Henrique Osorio, respondeu Isaura; a sua idéa acho-a cada vez peior. Vejam se é admissivel fallar-se aqui em cemiterios á uma hora da noite. Eu, se estou assim mais tranquilla, é porque a Leonor me prometteu que dormia no meu quarto.

—E' contra os regulamentos, bradou o doutor Macedo. A snr.ª D. Isaura está illudindo a receita.

—Meu Deus, doutor! exclamou Leonor alegremente. Os regulamentos cumprem-se assim de um modo feroz. Não vê que eu vou passar a noite com uma mulher palli-

da? Depois de ouvir o romance de Henrique, deve confessar que é necessario ser-se heroina!

—E' verdade, exclamou Isaura, o snr. Osorio tratou bem as pallidas! No seu entender mulher pallida só póde ser mulher desenterrada. Muito agradecida.

—Mas, minha senhora... balbuciou Henrique.

—Aquillo são reminiscencias de Lisboa, Isaura, exclamou Leonor rindo. Quiz-se vingar de alguma pallida que o magoou.

—E's maldosa, Leonor, murmurou Henrique ao ouvido da sua amiga de infancia.

—E' para te ensinar a fazer declarações mais habeis, disse-lhe Leonor tambem ao ouvido. Isaura levantára-se para ir ter com seu pai.

—Então o meu romance é uma declaração? tornou Henrique.

—O teu romance é uma loucura. Estás engraçado com as tuas idealisações constantes. Queres mulheres sobre-naturaes, entes phantasticos, damas brancas de Avenel! Se achas que é lisongeiro para uma mulher perder a sua realidade para agradar ao homem que diz amal-a, morrer primeiro para ser depois desposada por elle em fórma espectral, como no *Noivado do Sepulchro* de Soares de Passos...

E a maliciosa rapariga recitou zombeteando:

> E ao som dos pios do cantor funereo,
> E á luz da lua de sinistro alvor,
> Junto ao cruzeiro sepulchral mysterio
> Foi celebrado de infeliz amor!

—Então menina! exclamou Isaura, lá de longe. Olha que eu não vou sósinha para o quarto.

—Ahi vou, querida, ahi vou!

E Leonor, deitando a Henrique um olhar malicioso, foi ter com a sua amiga.

—Então, snr. Roberto Soares, disse o doutor Macedo emquanto pegava no castiçal para se dirigir para o seu quarto, porque n'essa noite de temporal, nem os visinhos tinham podido recolher a suas casas, então, snr. Roberto Soares, a sua composição caminha? Olhe que é ámanhã a sua vez.

—Que lhe hei-de eu fazer? Cá me vou apressando, tanto quanto posso. Metti-me em boa, não ha duvida. Já não estou para estas folias. O viver da provincia enferruja. A'manhã os rapazes vão rir-se de mim.

—Veremos isso! redarguiu Henrique Osorio sorrindo amigavelmente. Eu preparo uma pateada.

Roberto Soares affastou-se rindo, e o doutor Macedo, accendendo um charuto, disse para Henrique Osorio:

—Sabe o que lhe digo, Henrique? Você é uma criança. Anda todo enlevado na pallidez e nos terrores nervosos de Isaura, que é uma tola com bonitos olhos, e não repara que ha por estas serranias uma rapariga, uma perola, que se fina por você.

—Por mim?! Quem me faz essa honra? exclamou Henrique fazendo-se córado.

—Quem tem olhos para vêr, veja; quem tem ouvidos para ouvir, oiça; e quem tem somno para dormir, durma; respondeu gravemente o doutor Macedo. Boas noites.

E partiu deixando ficar Henrique pasmado. Este demorou-se por alguns instantes a ouvir o temporal que rugia com violencia, e a contemplar com tristeza o sitio onde estivera sentada Isaura. Depois, soltando um suspiro, saiu da sala.

Devo dizer que no dia seguinte as impressões foram muito menos profundas que na vespera. A noite estava mais socegada; caçara-se pela manhã. Estivera bonito o dia, cortado apenas por alguns chuveiros. Comtudo, quando deu a meia noite, correu um fremito por todos os ouvintes. Estabeleceu-se um profundo silencio, mas a figura amavel de Roberto Soares não era para inspirar terrores legendarios, e foi no meio de uma attenção tranquilla, até um pouco risonha, que o jornalista aposentado começou a sua leitura.

A VISÃO DO PRECIPICIO

I

O meu romance annuncia-se de um modo terrivel. Começa por uma tempestade. Estou obrigado moralmente a apresentar alçapões, subterraneos, e donzellas perseguidas. Se não invento por ahi uns quatro assassinios, estou perdido no conceito de certos leitores!

Tenham paciencia os amadores das *Nodoas de sangue* e dos *Amantes infelizes ou as victimas de uma paixão,* mas d'esta vez hão de se contentar com um romance bem morigerado, cujos heroes, todos elles pessoas honestas, não hão de incommodar, em quanto durar o enredo, nem as partes de policia, nem os regedores de parochia, nem os jovens advogados, nem as columnas dos jornaes destinadas pelos noticiaristas aos acontecimentos tragicos do paiz.

Feita esta declaração, vou introduzir os meus leito-

res... n'um lagar de azeite, por uma noite tempestuosa de dezembro, quando o vendaval açoita rijamente os pinheiraes frementes, e os relampagos illuminam com pallido fulgor as campinas inundadas pelas chuvas copiosas de uma noite de invernía.

Recresce o temporal. As levadas de agua, engrossadas com as chuvas, resvalam pelos penedos, despenham-se, espadanam, fazem scintillar á luz do raio doidejantes borbotões de espuma, e arrastam na carreira vertiginosa as arvores desarreigadas pela força irresistivel do furacão! N'estas noites, o aspecto ridente dos campos, que a primavera orna com todas as galas da vegetação, transforma-se completamente. Parece-nos impossivel que o regato, que havia pouco se espreguiçava voluptuosamente sobre as campinas esmaltadas, seja agora a torrente impetuosa que arranca, n'um accesso de furor, as arvores que se miravam descuidosas na sua limpida corrente.

A mim agrada-me o quadro medonho das furias da invernía! Contemplo com delicias a physionomia terrivelmente phantastica das planicies e dos bosques, onde páira, batendo as azas chammeantes, o sinistro archanjo da tempestade!

São estes os episodios grandiosos do poema da natureza! São estas as paginas sublimes do livro da creação!

Era uma quinta solitaria nos arredores de Santarem; a casa dos morgados campeiava orgulhosa e insulada no meio dos campos cultivados, e lá mais ao longe alvejavam as modestas casinhas do logarejo que se debruçava

curiosamente sobre as aguas do riacho, mirando n'esse espelho crystallino o seu humilde aspecto, e contemplando depois, á socapa, as pompas quasi feudaes do solar dos descendentes d'algum valentão das Indias.

Como os gloriosos representantes d'essa familia aristocratica, deixando a quinta só, estão comendo em Lisboa os seus rendimentos, escusamos de lhes bater á porta, e, se vos parece, vamos immediatamente ao lagar de azeite, que não fica muito longe.

A entrada é franca, e a vista da fornalha, sobre a qual está collocada a caldeira, e onde arde um molho de lenha, produzindo um bom fogo, claro e crepitante, tenta devéras o pobre homem, que, todo ensopado, contempla o lume da fogueira, tão consolador e attrahente em noites de frio e chuva.

Entrámos em boa occasião; o lagar está em plena actividade. Os clarões indecisos da lareira illuminam um quadro pittoresco e original. Aqui o *engenho de agua* gira produzindo um som monotono, que, no meio dos rugidos da tempestade, similha o resmungar de velha feiticeira por entre os coros dos archanjos rebeldes em noite de congresso infernal, e, girando sem cessar, tritura conscienciosamente a azeitona submettida á sua implacavel pressão. Além as *varas*, subindo e descendo com toda a regularidade, obrigam a azeitona, já triturada e estendida nas *ceiras*, a distillar o seu oleo precioso. Mas não se resumem n'estes os trabalhos do lagar. Quem reconhecerá o azeite n'esse liquido negro que vae acolher-se silenciosamente na enorme vasilha de barro, a que nos la-

gares se dá o nome de *tarefa?* Trata-se de o purificar; vamos ás abluções. O liquido negro é assaltado repentinamente por um diluvio de agua a ferver, proveniente da caldeira, que opera a decomposição com toda a rapidez. Pelo *inferno,* communicação subterranea que conduz a um vallo distante, escoa-se a agua negra, que vae terminar ao longe a sua existencia ignorada, e o azeite, livre finalmente da macula original, apparece em toda a sua limpidez, em todo o seu brilho, em todo o seu esplendor.

No centro da casa terrea, o sr. Manoel dos Reis, mestre-lagareiro, chefe das operações, e supremo dictador n'esta solemne occasião, vigia attentamente as multiplicadas operações do lagar, em quanto o sr. João Moedor (assim chamado por causa das importantes funcções que alli exercia), contempla satisfeito o andamento do *engenho de agua,* confiado aos seus cuidados.

Os adjunctos d'estes dois chefes, sentados á roda da fogueira, alguns camponezes de fóra, que tinham vindo para o «cavaco», e que a tempestade tinha accommettido, os quaes em pé encostados ao cajado ficavam no segundo plano, e dois rapazes de Lisboa a quem a cortezia aldeã tinha concedido o logar de honra, eram as restantes figuras d'este quadro.

Os dois lisbonenses merecem uma descripção especial.

Chamava-se o primeiro José Augusto de Albuquerque. Alto e elegante, pallido, d'esta pallidez ardente, que é quasi sempre symptoma de uma imaginação exaltada, revelava no fulgor desusado dos olhos, scintillantes como

dois diamantes negros, o ardor d'aquella organisação sympathica, que devia ser ou a de um grande poeta, ou a de um grande doido, se estas duas idéas não são synonymas, segundo a opinião de muita gente. As olheiras fortemente accentuadas, e que pareciam crestadas pela ardente irradiação das pupillas, acabavam de dar a esta physionomia um cunho original, romantico emfim, *tranchons le mot,* porque devo confessar que o meu heroe tem todas as apparencias de um typo de romance, apesar de ser tão verdadeiro, como... o orçamento portuguez.

O companheiro de José Augusto formava com elle um perfeito contraste. Se as centelhas de intelligencia, que se escapavam dos olhos negros de José Augusto, revelavam uma organisação em que o espirito predominava, em que *l'âme* dominava *la bête,* para me servir da classificação de Xavier de Maistre, a luz fria e sem expressão, que brilhava nos olhos azues do seu companheiro, dava a conhecer a beatifica indifferença do adorador da materia. N'um a estatura delicada e quasi feminil denunciava a fina constituição de uma natureza naturalmente aristocratica; no outro a obesidade das fórmas dava idéa do Sancho Pança de Cervantes, ainda que a alta estatura mostrasse que esta nova edição do governador da Barataria era feita n'outro formato. N'aquelle os movimentos altivos da cabeça, o modo enthusiastico com que atirava para traz as ondas lustrosas da sua negra cabelleira, indicavam bem as aspirações elevadas de um coração a trasbordar de poesia e de generosidade; n'este os gestos

pacatos, e as suissas loiras que flanqueavam serenamente uma cara de lua cheia, mostravam o genio bonacheirão do homem que não pensa senão no modo de conservar sempre, em bom estado, a sua economia animal, satisfazendo as reclamações incessantes de um estomago insaciavel.

O primeiro era, como disse, José Augusto de Albuquerque, rapaz com alguns vintens, que viajava para se divertir. O segundo era o sr. John Williams, inglez ingenuo e bem morigerado, que aguentava uma boa dóse de garrafas de vinho sem vacillar, que bebia exactamente o que ganhava n'um escriptorio de negociante, e que, apaixonado por viagens, como todo o bom inglez deve ser, tinha pedido licença de um mez para acompanhar o seu amigo José Augusto n'uma excursão á Estremadura.

No momento em que entrámos, reinava um profundo silencio. Lá fóra os rios, que a chuva fazia ferver em cachão, resaltavam sôbre os rochedos com um estampido formidavel; as rajadas da ventania, batendo com furor de encontro á porta, faziam-n'a ranger, e abriam-n'a de vez em quando, arrojando torrentes de chuva para dentro do lagar. A voz da procella ora se assimilhava aos rugidos blasphemos do anjo das trevas, ora, plangente e soturna, imitava os gemidos das almas penadas, que vagueiam na terra pedindo aos vivos orações. O trovão, ribombando no espaço, dominava, de vez em quando, com a sua voz magestosa, o pavoroso ruido da tempestade.

Havia harmonias sublimes n'aquella desharmonia ap-

parente; era selvatica mas grandiosa a immensa orchestra do temporal.

—Santa Barbara nos acuda, murmurou devotamente o sr. Manoel dos Reis, tirando o seu barrete azul, já bastante azeitado, no momento em que um trovão formidavel fazia benzer todos os circumstantes—S. Jeronymo te afaste, ruim trovoada, de todo o povoado onde haja almas christãs.

—Amen, resmungou em côro a companha aldeã.

—E temos a chuva pegada, que não ha que esperar senão uma noite de agua. O vento puxa por ella que é um regalo, tornou o mestre-lagareiro, quando o terror produzido pelo trovão se dissipou um pouco mais. Ah! meu fidalgo, v. s.ª querer-se metter a caminho por uma noite d'estas é mesmo tentar a Deus!

—Deixal-o, tornou o interpellado, que era o nosso amigo José Augusto de Albuquerque, sabe você, sr. Manoel dos Reis, que eu gosto de noites assim? Que diabo! quando atravesso a galope a clareira de um bosque inundado pela chuva, e que vejo, á luz do relampago, as arvores nuas de folhas estenderem-me os braços descarnados, e formarem em torno de mim, guiadas pelo furacão, danças phantasticas e extravagantes, imagino vêr as danças da meia-noite, travadas pelos espectros nos cruzeiros dos cemiterios, e, lembrando-me dos contos lindissimos que a minha ama me contava quando eu era pequeno, chego a acreditar na sua realidade, e acho prazer n'aquillo. Então que quer?

—Arreda!—bradou o João Moedor, coçando a cabeça

e fazendo ao mesmo tempo um gesto de susto, sempre v. exc.ª diz coisas que fazem arripiar os cabellos á gente. Gostar v. s.ª de ver dançar as aventesmas as suas danças malditas, como o meu compadre viu com os seus proprios olhos na noite de S. Bartholomeu, em que anda o diabo solto, como vocemecê ha de saber. Safa! Era capaz de seguir o phantasma do Açude até ao seu escondrijo infernal.

—O phantasma do Açude! O que é isso, o que é isso, ó sr. João? — perguntou José Augusto com a maior curiosidade.

—Historias da vida, meu fidalgo, retrocou o sr. Manoel dos Reis, é este diabo do João Moedor que não sabe fazer outra coisa senão contar contos da carochinha. Bom estavas tu, meu rapaz, para mestre-lagareiro! Andas com a cabeça a razão de juros a pensar lá n'essas *maniversias*, deixavas ir o azeite pelo *inferno* abaixo, e nunca eras capaz de pôr o *espicho* a tempo e a horas. Sempre estás um massador!

—E é verdade, sôr Manoel dos Reis. Este João Moedor não faz senão moer a paciencia á gente, tornou um camponez que estava ao pé da porta, encostado com toda a denguice ao seu varapau.

Todos se riram do *calembourg* aldeão, e o sr. João Moedor esteve algum tempo sem poder fallar no meio dos motejos e das risadas da turba campesina. Finalmente:

—Leva rumor! —bradou elle. Com que então, sô Zé do Moinho, acha você que eu môo a paciencia á gente,

heim! Você não acredita n'estas coisas, apesar de eu ter visto muita vez sua tia andar por cima da folha, e correr por cima das latadas para ir ter com seu compadre *Berzabum!* E ainda não estou muito certo se não é você, sô cara de não sei que diga, que anda a horas mortas a cumprir o seu fado, feito burro, por esse mundo de Christo, como fazia seu avô que foi lobis-homem, segundo diz a gente antiga cá da terra.

A victoria ficou d'esta vez ao novo campeador. Os motejos dirigiram-se todos para o snr. Zé do Moinho, que quiz replicar enfurecido, mas que se viu obrigado a metter a viola no sacco, e a ficar de cabeça baixa a um canto. O triumphador havia pouco era agora o humilhado. *Sic transit gloria mundi!*

—Conte lá a historia, ó snr. João, que aqui tem você um ouvinte que não é capaz de duvidar da veracidade das suas palavras—tornou José Augusto com a curiosidade a revelar-se-lhe nas feições.

—Tem v. s.ª muita rasão, meu fidalgo, retrocou o João Moedor com modos de triumpho, e com perdão de vocemecê, sôr Manuel dos Reis, sempre lhe direi que a historia do phantasma do Açude não é conto da carochinha. Em noites assim de temporal, quando o rio, engrossado pela cheia, ceifa os pinheiros mais taludos como eu ceifaria uma espiga de trigo no tempo da monda, não é cá o rapaz que se atreve a passar ao pé do Açude, sem se benzer quatro vezes, e sem fechar os olhos para não vêr a melancolica D. Branca. E não é só a mim que isso acontece; o mais pimpão do sitio tremia, como varas ver-

des, se se visse obrigado a passar a estas horas por aquelle sitio amaldiçoado, a não ser o *Come-bichos*, que vendeu a alma ao diabo. Deus me perdôe se minto; mas o maldito tem mesmo cara de condemnado. E conheço eu alguns que se fazem muito valentes quando estão bem acompanhados, e que não eram capazes de passar sósinhos por ao pé do Açude, nem que lhes dessem todos os thesouros encantados do imperador da Moirama.

Esta ultima allusão ia evidentemente com sobre-scripto para o Zé do Moinho; a resposta d'este (se por acaso elle tencionava responder), foi abafada pelas acclamações dos restantes, que applaudiram o orador, bradando em côro:

—Tem rasão! É até uma heresia duvidar d'estas coisas! O João fallou bem. Tem uma linguinha de oiro, este moedor!

O distincto orador comprimentou modestamente os seus amigos politicos pela ovação que fizeram ao seu estiradissimo discurso, e que impacientou apenas o Zé do Moinho, que era da opposição. José Augusto de Albuquerque, que estava desejoso de conhecer a lenda, e o leitor, que talvez nem esteja para a ouvir.

—Vamos á historia, vamos á historia, bradou José Augusto, todos lhe prestamos attenção, e acreditamos em tudo quanto você disser, como os mahometanos na missão do seu propheta.

Ninguem comprehendeu a comparação: por conseguinte todos ficaram fazendo uma elevadissima idéa da

erudição de José Augusto. João Moedor piscou os olhos, e bradou com enthusiasmo:

—Fallou que nem um livro. Pois então já que tanto aperta, lá vae a historia.

Todos se achegaram uns para os outros, e João Moedor começou no meio de um silencio solemne a sua narração.

Chegado a este ponto, Roberto Soares interrompeu-se, e, levantando os oculos, disse para os seus ouvintes:

—Não me responsabiliso pela verdade do modo de dizer. José Augusto, que tinha o desagradavel sestro de fazer estilo, quando me contou a historia, transfigurou completamente a expressão do narrador de aldéa. Comtudo asseverava-me elle que o estilo do camponez tinha uma certa elevação.

—Siga, siga, acudiu o doutor Macedo, José Augusto é o seu Jedediah Cleishbotham, já vêmos. Era moda no seu tempo, como as epigraphes.

Roberto Soares riu-se e continuou da seguinte maneira.

Ha de haver um par de annos, muito antes do terremoto, e talvez antes que tivessem nascido os paes dos nossos bisavós, governavam os moiros a maior parte da nossa terra abençoada. Segundo eu ouvi contar ao nosso padre prior, que Deus haja, dava-se e recebia-se muita lançada antes que a bandeira de Christo fluctuasse triumphante nas ameias das fortalezas. Cada palmo de terra conquistado aos cães dos sarracenos era regado por muito sangue, e muitos cadaveres dos nossos antepassados

adubaram a terra, antes que os seus descendentes podessem fazer em paz a semeadura e a colheita. Era mau tempo aquelle. Mas Deus e Santiago eram por nós, e os esquadrões cerrados dos cavalleiros de Christo levaram sempre de vencida as hostes aguerridas dos perros amaldiçoados.

Como dizia o padre prior, os pergaminhos d'esses fidalgos, que por ahi andam tão orgulhosos da sua inutilidade, foram sellados com o sangue de seus antepassados nos campos de batalha, em que se comprou bem cara a independencia portugueza. Deshonrado seria para todo o sempre o fidalgo portuguez que não envergasse as armas ao sair da infancia, e não luctasse incessante a favor dos opprimidos até caír no campo da batalha amortalhado na sua armadura de ferro. Repousem em paz nas campas os ossos d'esses valentes.

—O João Moedor sempre tem uma cachimonia de truz, resmungou á parte o Manuel dos Reis; onde elle vae buscar tudo isto!

—O que elle é, é um papagaio, murmurou o Zé do Moinho, não faz mais do que repetir tim tim por tim tim o que ouviu ao nosso antigo padre prior.

—N'esse tempo, continuou o João Moedor sem reparar na interrupção, viviam aqui n'este sitio dois fidalgos velhos, que, depois de terem ganho muitas cicatrises, e criado muitos cabellos brancos no seu luctar incessante contra o poder da Moirama, tinham vindo descançar na paz dos seus castellos das lides gloriosas em que haviam dispendido a sua existencia inteira. Não porque lhes fal-

tassem valor e bons desejos; mas a edade tudo gasta, e os corpos alquebrados dos bons cavalleiros já vergavam ao peso da armadura, e a voz implacavel da velhice advertiu-os que cedessem o logar a novos e mais vigorosos campeões. Penduraram na sala de armas dos seus castellos as valentes espadas, e, sentados ao canto da lareira, esqueciam o peso dos annos com as gratas recordações das suas façanhas d'outr'ora.

Ao mais velho dos dois, Inigo Paes, concedêra o ceo um filho; Raymundo se chamava elle. Era a delicia do bom velho rever no esbelto mancebo a risonha imagem da sua mocidade. Vendo-o crescer em annos, em vigor e em destreza, consolava-se o valente cavalleiro, esperando que Raymundo não deshonraria, nas fileiras portuguezas, o nome venerando que elle proprio tinha conquistado. Esperava com anciedade que seu filho completasse os dezoito annos para lhe cingir a espada, afivellar-lhe o arnez, e dizer-lhe, apontando-lhe o campo da batalha: «Vae, é esse o caminho da gloria.»

E tinha rasão em se gloriar de ter um filho assim. Ninguem meneava com mais garbo e destreza um cavallo fogoso, ninguem manejava com mais vigor o pesado montante, ninguem mostrava mais ardor guerreiro, quando o pae, sentado no salão do castello, contava aos rapazes, anciosos de aventuras, os feitos de armas dos velhos campeadores. E se Raymundo dava esperanças de ser um rude lidador, nem por isso deixava de ser o mais gentil mancebo d'estas cercanias. Alto e elegante, se os seus olhos negros quizessem fallar de amor, não havia dama

que se não rendesse, nem coração feminino que escutasse insensivel os seus protestos enamorados. Mais de uma altiva castellã apparecia na varanda do seu solar para vêr o elegante Raymundo correr a cavallo por essas campinas. Mas que importavam ao filho de Inigo Paes todas as castellãs do mundo, se tinha o coração já preso, e se Branca, a ingenua Branca, lhe conquistára o affecto, e accendera nos seus olhos a chamma ardente do primeiro amor?

Branca era filha do companheiro de armas de Inigo Paes; grande desconsolação tivera elle, vendo-se viuvo em edade avançada, sem ter um filho a quem podesse transmittir a sua herança de gloria. Muitas vezes ao ver a filha a doidejar na varzea, como gentil borboleta esvoaçando por entre flores, se lhe enrugava a fronte, e duas lagrimas de tristeza deslisavam pelas faces crestadas do velho soldado. Mas a sombra ligeira, que lhe annuviava o gesto, dissipava-se promptamente com as caricias affaveis da gentil donzella. Quem poderia resistir á influencia d'aquelle anjo de candura, loiro e rosado, como as imagens seductoras dos cherubins que cercam a Virgem Nossa Senhora na pintura do altar-mór da freguezia!

Branca e Raymundo conheciam-se e amavam-se desde crianças. Juntos tinham crescido, juntos tinham doidejado n'estas campinas, e, sem que nunca a palavra *amor* fosse pronunciada, tinham apesar d'isso consagrado um ao outro um affecto que a edade fôra desenvolvendo. E era um par galante a mais não poder ser. Quando Branca, fatigada de correr atraz de uma borboleta, vinha, com as faces vermelhas como duas rosas, os olhos a brilharem de alegria

infantil, e as loiras tranças fluctuando em ondas doiradas sobre os seus hombros de neve, refugiár-se nos braços de Raymundo, e encostar o rosto encantador nas faces levemente morenas do gentil fidalguinho, todos os que os viam paravam extasiados, e faziam votos pela felicidade d'aquelles anjos de innocencia e de candura.

Chegou finalmente o dia em que Raymundo completava dezoito annos, e em que, para não desmentir as gloriosas tradições da sua raça, devia cingir a espada, e ir aos campos de batalha pagar á patria e á santa religião dos nossos paes o tributo de sangue, que devia ser pago por todos os que se prezavam de christãos fieis, e portuguezes leaes.

No dia fixado para a partida de Raymundo, encontraram-se os dois namorados no sitio do Açude. E' um sitio medonho, como v. s.ª ha de saber; um pinhal sombrio, que vae terminar á beira de um precipicio, no fundo do qual o rio faz mugir, espadanando nos rochedos, as suas aguas turvas e espumantes. Mas n'esse dia o sol estava brilhante, e dava a esse quadro medonho o mais ridente aspecto. Os pinheiros, illuminados pelos raios de um sol de agosto, pareciam frechas doiradas que mão occulta arrojava ao ceo limpido e azul de um bonito dia de verão. Cada gotinha de agua parecia um espelho que reflectia a imagem brilhante do sol de Portugal, e o rio scintillante e espumoso parecia arrastar na corrente palhetas de oiro e prata. Gorgeiavam os passaros na floresta, e tudo dizia contentamento, quando os corações de Branca e Raymundo sómente sentiam tristeza e desesperação.

Branca vinha triste, triste como a rola namorada que vê fugir para longes terras o escolhido do seu coração, e pallida como a açuçena batida pelo vendaval. Mas que bem lhe ficava aquella pallidez, e como a alvura da face realçava a côr negra das roupas que vestira em signal de lucto e de saudade. O brilho dos olhos, empanado pelo pranto que tinha derramado, parecia ainda mais suave e meigo, e os loiros cabellos, caindo-lhe ao desdem sobre o pescoço deslumbrante de brancura, faziam-n'a assimilhar á imagem da Virgem que está pendurada na sala do presbyterio, e que o senhor padre prior dizia ser copiada de um quadro pintado por um italiano chamado Raphael.

Chegou, e ajoelhou aos pés de um crucifixo, que então existia n'aquelle sitio; porque n'esses tempos de fé viva a imagem do Crucificado apparecia em toda a parte para acolher em seu seio misericordioso as orações dos fieis. O sol tinha surgido havia pouco do Oriente, e a oração da candida virgem, pura como a rosa que abre o seio ao primeiro alvor da madrugada, foi, perfume singelo, de fé e de innocencia, conduzida pela brisa aos pés do throno do Senhor.

Quando se levantou viu Raymundo em pé diante d'ella, de cabeça descoberta, pallido, e mal podendo conter as lagrimas que lhe bailavam nos olhos.

—Raymundo, disse ella desatando a chorar, e escondendo a cabeça no peito do mancebo, não me deixes!

—Não posso, Branca, tornou elle, apertando-a ao peito com anciedade; o que pensariam de mim o rei, os ricos homens e os villões, se preso nos teus braços me esque-

cesse do que devo a mim, ao rei e a Deus? Era um nome deshonrado o nome de teu esposo, Branca, e não m'o podias acceitar. A espada de meu pae, que outr'ora brilhou ao sol das batalhas com deslumbrante fulgor, não póde jazer inerte a um canto do meu solar, em quanto as achas de armas dos meus compatriotas escrevem nas paginas de pedra, das fortalezas moiriscas, a historia sanguinolenta da resurreição dos godos. Bem vês, Branca; é um penoso dever; mas devo cumpril-o.

—E o nosso amor, Raymundo!—balbuciou a donzella afogada em lagrimas.

—Oh! cala-te, Branca, não vês que me despedaças o coração? Queres que eu perca o animo, queres que o puro azul dos teus olhos me faça esquecer que existe outro ceo, outra ventura que não seja o teu amor, outro dever que não seja o adorar-te? Não, Branca, não ordenes a minha deshonra; a tua imagem seductora será a estrella que me ha de guiar no caminho da gloria. Quaes serão as façanhas para mim impossiveis, pensando que o teu sorriso será a recompensa do meu valor, e que será a tua mãosinha branca e mimosa que me ha de limpar na fronte o suor dos combates e das luctas sanguinolentas?

—Mas quem sabe, Raymundo, tornou Branca erguendo para elle os olhos radiantes, ainda humedecidos das lagrimas que derramára, quem sabe se n'esses paizes longinquos não encontrarás alguma formosa dama cujos encantos te farão depressa olvidar a imagem da triste Branca, que dizes ter gravada no coração? Oh! meu Deus, que horrivel idéa! Se tu me esquecesses...

—Que fazias, Branca?

—Morria!—tornou ella com resolução.

Raymundo apertou-lhe a mão e levou-a ao pé do crucifixo. Alli, erguendo os olhos para o rosto divino do Christo crucificado, bradou com voz solemne e altiva:

—Juro diante de Deus que morreu pregado na cruz para remir os homens do peccado original, juro guardar-te sempre fé inteira e immutavel, como te juraria se um sacerdote nos abençoasse ao pé do altar. E's minha esposa diante de Christo. Cáia sobre mim a vingança do ceu se atraiçoar o meu juramento.

—Oh! obrigada, Raymundo, obrigada, clamou a donzella lançando-se com immenso ardor nos braços do mancebo e derramando copiosas lagrimas; tambem eu juro amar-te sempre, meu Raymundo, amar-te com inalteravel constancia, não viver senão com a tua imagem, não pensar senão em ti, meu unico amor. E agora parte, accrescentou ella, erguendo-se com inesperada resolução, vae conquistar um nome glorioso; a benção de Deus vae comtigo, porque os nossos anjos da guarda, abraçados e de joelhos ao pé do throno do Senhor, rogarão a Deus que proteja os esposos, cuja união foi abençoada pelo Crucificado, saudada pelos canticos da alvorada, perfumada pelos thuribulos das flores, illuminada pelos raios do sol nascente!

Raymundo apertou-a ao peito com enthusiasmo; deu-lhe na fronte com timidez, um beijo, e montando n'um cavallo que o esperava a pouca distancia, seguro por um pagem, partiu dizendo com ardor:

—Adeus, minha gentil esposa!

—Adeus, meu adorado esposo!

Estas palavras pronunciára-as ella, caindo ajoelhada aos pés da cruz. O perfume das flores, o canto dos passarinhos, o rumorejar das folhas, a luz pura e serena do sol, tudo parecia abençoar o seu amor. Unicamente no momento da despedida, uma nuvem ligeira passou por diante do astro do dia e offuscou-lhe um pouco o brilho.

Ai! Branca, timida Branca, nos momentos de felicidade uma ligeira nuvem é indicio temeroso de tempestade!

II

«Passaram-se mezes e mezes—continuou o João; veiu o outono desfolhar as arvores, e estender sobre a terra o seu manto de tristezas; depois o inverno gelado agrupou as familias ao canto da lareira; voltou a primavera sacudindo sobre os campos o seu regaço cheio de flores e verduras, voltaram as longas tardes do estio, e o sol ardente de agosto veiu de novo doirar os pinheiros que ensombravam a cruz do precipicio; e nem a triste Branca recebia noticias do seu noivo, nem Inigo Paes a podia consolar com outras novas, que não fossem as que, logo pouco depois da partida de Raymundo, tinham sido trazidas por um fidalgo que voltava das terras do Algarve.

Contava elle que vira n'uma renhida escaramuça o fi-

lho de Inigo Paes estreiar-se no arduo mister do lidador d'aquellas eras. A estreia fôra digna do nome honrado de seu pae. Contava o fidalgo que o tinha visto arrojar-se aos moiros com valor sobrehumano, e abrir com a acha de armas um largo e sanguinolento sulco nas fileiras mahometanas. Quando, no fim da escaramuça, Raymundo Paes passou de viseira levantada junto dos prisioneiros, estes, vendo o rosto delicado, o buço que lhe assombreava levemente o labio superior, e a belleza quasi feminil do mancebo, não queriam acreditar que fosse o mesmo que praticára prodigios de valor, e ante o qual as cimitarras moiriscas voavam em lascas, decepadas pelo montante que parecia manejado pelo braço de robusto montanhez.

Estas noticias encheram de orgulho o coração paternal do velho guerreiro. A Branca não succedia o mesmo. As façanhas que enthusiasmavam Inigo Paes, faziam receiar á gentil donzella que Raymundo, arrastado pelo seu ardor juvenil, fosse encontrar a morte no gume afiado de um alfange mahometano.

Assim correram os mezes, e as rosas do rosto de Branca desbotavam, desbotavam até se trocarem nos lyrios que a desesperança ia fazendo brotar nas faces da donzella.

E Raymundo? Valente cavalleiro, não ha proezas que absolvam um perjuro, nem as indulgencias, concedidas pelo santo padre aos defensores da fé, são sufficientes para arredar de cima da cabeça do sacrilego o raio fulminado pela mão do Omnipotente.

Raymundo Paes, Raymundo Paes, que demonio fatal

te arrojou aos pés da cruz, e te dictou o terrivel juramento, que havias de esquecer tão cedo? Ai! cavalleiro, ainda o vento do outono não desfolhou a verde grinalda que enramava a cruz do precipicio, e já o vento da inconstancia fez murchar o candido affecto que floría em teu peito, e que juráras conservar tão puro e tão sem mancha, como era pura e immaculada a imagem d'aquella que t'o inspirou.

Ai! Branca, timida rôla, que, escondida na espessura, a sós com as tuas tristezas, pranteias a ausencia do ingrato que te esqueceu, mal sabes tu, que, em quanto fitas o olhar melancolico na lua pallida como o anjo da saudade, e pareces perguntar-lhe mudamente se o teu olhar se cruza no espaço com o olhar saudoso do teu gentil campeão, elle o perfido, o perjuro, o sacrilego, esquece nos braços de outra o teu amor de virgem, o teu modesto encanto, as tuas graças infantís.

Durante os primeiros tempos, as meigas recordações do seu amor de criança arderam dentro d'elle tão vivas e tão serenas, como arde viva e serena a lampada do altar no recinto sagrado da egreja christã; se uma tentação má lhe surgia no animo, e lhe mostrava á luz de um relampago infernal mundos desconhecidos de prazer vertiginoso, era logo repellida pelo saudoso mancebo, que conservava o coração perfumado de innocencia, como sanctuario florido, onde o christão abriga devotamente a imagem da Mãe do Salvador.

. . . .

. . . .

Era por uma noite sombria, calada e mysteriosa, noite propria como nenhuma outra para emboscadas e ardís de guerra. N'essa noite, n'um alcaçar moirisco, situado em terras do Algarve, dormiam socegados os perros descridos, confiados na vigilancia das atalaias, e certos que os rudes batalhadores de Christo, vencidos do cansaço, concederiam involuntariamente tréguas aos filhos de Mafoma. Os almogavares, voltando das suas excursões, não tinham trazido novas de movimento algum no exercito christão. Dormiam as almenaras no cimo das montanhas, e a atalaia, vigiando no alto da torre, não estremecêra vendo uma pluma de fogo accender-se de repente, e, ondulando nos ares, dar signal da apparição dos nazarenos. Quão enganados estavam, e essa serpente de ferro, que se enrosca ás muralhas da fortaleza, vae acordal-os inesperadamente do seu somno voluptuoso!

De repente o grito de S. Thiago e ávante! echôa nas barbacans do alcaçar, e as sentinellas, caindo apunhaladas sem terem tempo de soltar um grito, pagam com a vida a sua indolencia descuidosa.

Que scena de confusão no meio das trevas! Os gemidos dos moribundos, os gritos das mulheres, as blasphemias dos guerreiros surprehendidos cruzam-se com os gritos de victoria dos cavalleiros portuguezes. Apenas de quando em quando um ou outro arabe mais destemido arranca da cimitarra, e faz brotar centelhas instantaneas, cruzando-a com o pesado montante christão. Não tem quartel os vencidos; os vencedores sequiosos de sangue transformam n'aquelle momento o valor do guerreiro na

ferocidade do assassino. Eras de barbaridade! Já vão longe felizmente.

Raymundo vae entre elles. Embriagado pela carnificina, descarregava ás mãos ambas a acha de armas sobre os que pretendiam fugir á sorte de seus irmãos. De repente um vulto feminino roja-se-lhe aos pés, suspende-lhe o braço já levantado para descarregar o golpe, e com uma voz melodiosa como o susurrar da brisa nos ramos do salgueiro, murmura em portuguez: Perdão!

A lua, que até ahi se conservára escondida entre nuvens, desembaraçou-se a final do seu manto sombrio, e veiu acariciar com os raios da luz serena as faces tostadas da arabe gentil.

Nunca Raymundo vira um rosto tão diabolicamente tentador. Eram uns labios onde se viam arfar promessas voluptuosas de beijos delirantes. Eram uns olhos negros, onde brilhavam as chammas do desejo, as labaredas infernaes da tentação! Eram as tranças negras fluctuando sobre o collo nú, que a brisa beijava com delirio, roubando-lhes perfumes inebriantes, que vinham enlouquecer o ingenuo amador da casta Branca. E elle sentiu a febre do desejo a vir escaldar-lhe o sangue, sentiu uma ignota anciedade vir opprimir-lhe o peito. Era o terrivel despertar dos sentidos n'um rapaz de dezoito annos. Eram as tentações da voluptuosidade, eram as commoções do prazer sensual, era um demonio desconhecido que lhe vinha murmurar ao ouvido os vagos encantos de mysteriosos amores.

Raymundo sentiu o perigo, e quiz afastar-se d'elle.

Repelliu-a, e, invocando a imagem de Branca, quiz fugir da tentação fatal; mas a moira, enroscando-se a elle, como a serpente se enrosca ao corpo do homem fascinado pelo poder invencivel do seu olhar, murmurou:

—Não me deixes, nazareno. Os teus olhos são negros como noite sem estrellas; mas são transparentes como o espelho das aguas. Porque havias tu de ser cruel como a hyena do deserto, se és bello e magestoso como o leão das selvas? Olha, sou tão nova! Ainda a amendoeira não floriu vinte vezes, desde que minha mãe me apertou pela primeira vez ao seio palpitante. Salva-me, salva-me e serei a tua escrava. Servir-te-hei de joelhos como a meu senhor e amo, cingir-te-hei a armadura, adivinharei os teus caprichos, e adorar-te-hei como adoro o propheta de Medina. Ouves? Filho dos christãos, salva-me, salva-me!

—Deixa-me, tentação do demonio, bradava Raymundo com voz balbuciante; deixa-me, anjo das trevas; deixa-me, enviada de Satanaz.

—Não, tornou a amaldiçoada, aproximando os labios vermelhos como a flor de romanzeira dos labios de Raymundo. Sou bella, e amo-te! Sou tua, e tu és todo meu; porque te vejo torcer desesperado nos braços de fogo do prazer. Amas-me, e eu... sou tua.

—Amo-te, amo-te, bradou Raymundo caindo oppresso aos pés da musulmana.

Ai! Branca, timida Branca, chora o teu amor profanado! N'esse momento fatal o anjo da guarda do teu amante velou com as mãos o rosto celestial, que as lagrimas inun-

davam), e foi, suspenso n'um raio da lua, prostrar-se aos pés do throno do Omnipotente!

Entrado na senda da perdição, não havia poder humano que salvasse Raymundo da condemnação eterna. Tinha vendido a sua alma por um beijo de fogo, e trocára o paraiso pelo inferno da voluptuosidade. Profanado o terrivel juramento, o que havia de sagrado para Raymundo? O que importava a honra de cavalleiro a quem prostituira a santa crença de seus paes? Apagára-se a candida estrella que o guiava nas trevas da existencia, e a luz, que o fascinava, scintillava nos olhos negros de Zoraida, a gentil amaldiçoada. Se tinha reflexos infernaes, tinha tambem o esplendor prestigioso da tentação sensual.

Desde essa noite ninguem mais soube d'elle. Diziam que renegára, e que, enlaçado nos braços da musulmana, fechára os olhos á luz do christianismo, e se arrojára ao abysmo infernal, onde ha o fogo eterno e o eterno ranger de dentes.

Foram estas as noticias que Branca recebêra, no dia em que fazia um anno que Raymundo a deixára.

Não disse palavra ao receber a nova fatal. Saiu e caminhou pallida, hirta e vagarosa como estatua adormecida n'um tumulo, que, obedecendo a feitiço desconhecido, se erguesse do seu leito de pedra, e se dirigisse muda para o sitio aonde a chamava a attracção mysteriosa.

Os aldeãos, que a encontravam, paravam para a saudar. Mas ella nem os ouvia, nem parecia vêl-os. Costumados á amabilidade da fidalguinha, ficavam os coitados boquiabertos, ao verem a desusada distracção. Mas, se lhe

reparavam nas feições demudadas, vendo a pallidez de marmore, os labios brancos e entre-abertos, os olhos fixos e esgazeados, benziam-se devotamente, e murmuravam que era mau olhado que tinham dado á menina do castello.

Assim caminhou até chegar ao sitio do Açude. Ajoelhou junto da cruz, e um aldeão, que a seguia de longe, viu-a rezar muito tempo, e abraçar os pés do Crucificado. Depois, chegou á beira do precipicio, e sem hesitação, sem fraqueza, despenhou-se no abysmo. O corpo gentil ennovelou-se nos ares, e foi despedaçar-se nas pedras da cascata, espirrando ondas de sangue que tingiram de purpura o manto de espuma que envolvia as rochas. As aguas do rio abriram-se para tragar o cadaver, e depois continuaram indolentes a correr, e a murmurar o seu eterno cantico, como se não se tivesse escripto alli o epilogo de um drama desventurado.

O aldeão, que vira de longe a scena fatal, sem poder obstar ao seu inesperado desenlace, fugiu dando um grito de horror, e foi contar ao castello o que presenciára. Quem perdeu alguma vez, de modo tão terrivel um ente estremecido, avalie a dôr do triste pae de Branca. Eu não a sei narrar. Sente-a o coração, mas os labios recusam-se a exprimil-a. Veiu depois gente do castello, e tiraram do fundo do precipicio o cadaver horrivelmente desfigurado da gentil donzella. Enterraram os restos d'aquella pobre martyr aos pés do Crucificado, que ouvira a sua ultima prece, e a quem pedira talvez perdão do crime que ia commetter. Plantaram ao pé da cruz roseiras e madresilvas,

cujo perfume suavissimo ia levar ao longe a ultima recordação da que tivera na terra a corôa da innocencia, e tinha agora nos céos a palma do martyrio.»

—Pobre rapariguinha, interrompeu o mestre lagareiro com mostras de penalisado, dar cabo de si por causa d'aquelle patife!

—Então que quer vossemecê, *só* Manoel dos Reis, coisas que acontecem, tornou o narrador, ninguem póde fugir á boa ou má sina, que Deus lhe deu. Era aquella a sorte de Branca, havia de cumpril-a.

—Vamos á historia, vamos á historia, bradou José Augusto com enthusiasmo! Que fez Raymundo? O que aconteceu a Zoraida? Quero saber quem é por fim de contas o phantasma do Açude.

«Raymundo, meu fidalgo, não via senão Zoraida n'este mundo. Um capricho d'ella valia mais do que um mandado de Deus.

Christão, tripudiou com a infame sobre a cruz despedaçada do Redemptor; cavalleiro, quebrou a espada de seu pae para que esse espelho da honra não lhe reflectisse constantemente toda a hediondez do seu crime; fidalgo e portuguez, salpicou de lama o brasão de seus maiores, e abandonou a defesa da patria, quando ella reclamava o auxilio de todos os seus filhos. Aqui está o que se póde chamar um amor de perdição!

Uma noite chovia agua se Deus a dava, o vento fazia tremer as casas, e curvava até ao chão os pinheiros agigantados! A trovoada estalava com medonho estampido, os relampagos cingiam a terra com o seu cinto de cham-

mas, e os raios vinham de vez em quando, lascando as rochas, transformar as arvores em archotes colossaes. O temporal era como nunca se tinha visto n'esta terra, nem nunca mais se tornou a vêr, porque todos dizem que a procella d'aquella noite era obra de Satanaz. No Açude principalmente era medonho o aspecto da tormenta. O rio furioso arrojava borbotões de espuma, que se cruzavam com os raios, que vinham lamber as rochas com as suas linguas de fogo. Deus me perdôe, mas o temporal de hoje tem algumas parecenças com a tempestade d'essa noite infernal. Quer-me parecer que tambem hoje anda fazendo das suas o inimigo do genero humano.»

Um calafrio de horror correu pela assemblêa. Todos se chegaram mais para ao pé do lume, e olharam uns para os outros benzendo-se silenciosamente ao passo que lá fóra gemia o vento com voz soturna na porta carunchosa do lagar.

«N'essa mesma noite Raymundo e Zoraida atravessavam a cavallo o pinheiral que termina no Açude. A reprovada de Deus folgava com noites tempestuosas, e nunca se sentia tão bem como quando os raios lhe illuminavam a estrada, e o trovão respondia magestoso á sua voz blasphema.

—Olha a cruz do nazareno, bradou Zoraida quando chegaram á cruz do precipicio; não vês, Raymundo, como a chuva açoita irreverente o rosto do martyr do Calvario! Porque não transforma elle os raios, que fulminam a cruz abandonada, em cimitarras de fogo que façam rolar a seus pés a cabeça da condemnada, da filha de Mahomet?

E ella ria,—ria com umas gargalhadas estridentes, que vibravam sinistras dominando os ruidos da tempestade, e que, repercutidas pelos echos do abysmo, tinham um não sei que de infernal. Raymundo estremeceu.

—Não zombes d'esta cruz, respondeu elle com modo sombrio; quando eu era innocente;—e suspirou—vinha aqui ajoelhar muita vez. Não zombes d'esta cruz, peço-t'o.

Zoraida fitou por muito tempo n'elle o seu olhar aveludado, fascinante, diabolico e tentador. Era incomprehensivel a magia d'esse olhar, e mais incomprehensivel ainda o dominio que exercia no moço cavalleiro. Dir-se-ia que dois sentimentos oppostos combatiam no coração de Raymundo; de um lado a repugnancia, a rebellião da vontade, do coração, do espirito contra aquelle demonio oppressor; do outro lado uma attracção irresistivel, fatal, que o arrastava a seu pesar, e o prostrava aos pés da musulmana.

Venceu o anjo mau. Raymundo curvou-se sobre o pescoço do cavallo, ebrio de amor ou de desejos fitou um olhar frenetico nos olhos de Zoraida, e quando ella, com um sorriso de escarneo, se approximou da cruz, e cuspiu no rosto do Crucificado!... elle, vencido pelo demonio, imitou-a, rindo com um riso convulso e doloroso, que fazia horror.»

—Jesus!—bradaram os circumstantes.

O vento abriu a porta do lagar, e á luz de um relampago viu-se o campo devastado pelo vendaval e inundado pela chuva; um trovão medonho fez benzer todos, e emmudecer o narrador. Chegaram-se mais ao lume, e olha-

ram uns para os outros. Estavam todos pallidos e tremulos.

—Aconteceu exactamente o mesmo que aconteceu agora, continuou o João Moedor com a voz a tremer-lhe um pouco; a luz de um relampago deixou vêr uma loisa aos pés da cruz, e o nome de Branca inscripto sobre a pedra. Um trovão formidavel ribombou sobre a cabeça dos dois amaldiçoados, e a campa estalou como se fosse de vidro. O phantasma de Branca, involto em candidas roupas, e com a fronte cingida das rosas virginaes, ergueu-se da sepultura, fazendo recuar Raymundo horrorisado. Este quiz desviar a vista, e o phantasma seguiu o movimento dos seus olhos; quiz tapar o rosto com as mãos, e as mãos fizeram-se-lhe transparentes, deixando vêr ainda a imagem da donzella serena como uma santa, triste como uma martyr, impassivel como o destino. Quiz enterrar os acicates nos ilhaes do cavallo, e o cavallo esvaiu-se como fumo, adelgaçando-se, e escapando-lhe por entre os joelhos, como um pedaço de neve que o sol derrete nas montanhas. Raymundo deu um grito de horror, e estacou petrificado.

Então voltou os olhos para Zoraida, e ficou atterrado da transformação da sua amante. O rosto, cuja belleza o fascinára, fizera-se negro, mais negro do que o carvão. Scintillavam os olhos como duas brazas, e nos labios volteava-lhe um sorriso de ironia. O braço assetinado que beijára tanto, estendia-se para elle terrivel e ameaçador. Raymundo, por um esforço supremo de vontade, recuou dois passos, mas o braço estendeu-se, estendeu-se, tor-

nou-se desmesurado e apertou-lhe o pescoço, queimando como se fôra uma tenaz ardente.

—Não me foges, bradou ella com voz rouca, vendeste-me a tua alma, renegado. Segue-me, segue-me. Pertences-me. Vem, que o inferno celebra hoje o nosso noivado. Os raios são os fachos do hymeneu, e Lucifer o sacerdote. Vem, é este o leito nupcial.

E, arrastando-o com uma força irresistivel, precipitou-se com elle no abysmo. Um clarão avermelhado illuminou as aguas da torrente, que exhalaram um cheiro nauseabundo de enxofre.

Mas o phantasma de Branca ficára ajoelhado aos pés da cruz, implorando o perdão do condemnado. No rosto de Christo, suavemente illuminado, resplandecia um vago arraiar precursor da aurora da misericordia.

Apenas Zoraida desappareceu, desfez-se o encanto. Serenou a tempestade, e a brisa perfumada da noite veiu timida brincar nas rosas do tumulo de Branca.

Mas ainda hoje, em dias de vendaval, se vêem duas sombras terriveis correndo para o precipicio, uma horrorisada, tremula, arrastada, a outra com uma alegria feroz no semblante. Aos pés da cruz vem então ajoelhar uma sombra com o rosto inundado de lagrimas celestiaes.

E' que Raymundo ainda está cumprindo as penas do purgatorio, e Branca, o anjo do Senhor, sem deixar de implorar a misericordia divina para aquelle que tanto a fez soffrer, mas a quem tanto amou!

—Era inevitavel, disse rindo Lucio Valença depois de feitos os comprimentos do estylo, eu estava já prevendo que iamos descambar em plena idade média. O nosso amigo Roberto Soares não póde dispensar-se de consagrar um vivo affecto ás couraças da sua adolescencia, e ás achas d'armas da sua criação. Fez-nos voltar para 1830 o nosso bom amigo.

—E não era epocha tão má como isso a tal de 1830, disse Roberto Soares. Abusava-se do veneno e do punhal e dos solares e das chacaras e dos cavalleiros que voltavam da cruzada, mas, como dizia Musset, um dos romanticos do tempo:

Hugo portait déjà dans l'âme
Notre-Dame,
Et commençait à s'occuper
D'y grimper.

—Não ha duvida, não ha duvida, acudiu o doutor Macedo, e Lucio é de certo o primeiro a prestar homenagem a essa epocha da potente efflorescencia litteraria; mas, por Deus, tornou elle interrompendo-se com espanto, está já vencida a meia-noite; a snr.ª D. Isaura adormeceu!

Era verdade; Isaura, que não tinha de predilecções litterarias senão o *quantum satis* para ser senhora da moda, enfastiada já d'estas repetições de historias phantasticas, resistira um momento ao somno que a perseguia, mas, quando se entrára na historia dos amores de Raymundo

e Zoraida, fôra a pouco e pouco encostando a cabeça para traz, e adormecera profundamente.

—Podéra, pensou de si para si o nosso Henrique Osorio, teimando em vêr em Isaura uma menina toda idealisadora, e capaz de apreciar os mais elevados prazeres do espirito, podéra! Eu mesmo vi-me em ancias para resistir ao somno. Quem atura hoje um d'estes solaos cançados e gastos que deliciaram a velha geração, com os seus cavalleiros de armas negras, e os seus diabos disfarçados em mulheres formosas, e os seus fidalgos que venderam a alma a Satanaz como na *Dama Pé de Cabra* de Alexandre Herculano, ou na *Torre de Caim* de Rebello da Silva? Isso foi bom no seu tempo, hoje está longe do maravilhoso moderno, e Isaura, com a fina intuição do seu juvenil espirito, não póde commover-se com esses velhos *trucs* de magica, resuscitados ingenuamente pelo Roberto Soares para nos entreter á meia noite.

Emquanto Henrique Osorio fazia de si para si esse monologo, Leonor acordava a sua amiga, que, abrindo sobresaltada os olhos, foi acolhida por um riso jovial de todos os seus companheiros de noitada.

—Venceu-se ou não se venceu? dizia o doutor Macedo. Veja v. exc.ª se hoje lhe produziu a mais leve impressão a meia-noite, e se lhe deram muito cuidado os phantasmas.

—Ah! meu Deus, eu peço-lhes mil desculpas, disse Isaura um pouco envergonhada. E' que estou fatigada das noites passadas em claro, porque o peior não é aqui, o peior é depois quando vou para o meu quarto. Custa-me

a conciliar o somno, e vem ás vezes pesadelos terriveis perturbar o meu dormir inquieto.

—Minha senhora, exclamou rindo o doutor Macedo, nem tudo são rosas no tratamento de uma enfermidade. Pois v. exc.ª não sabe que são muitas vezes amargos os remedios salutares? Então julgava que, para ter uma cura radical, bastava-lhe ouvir aqui lêr contos, n'uma sala confortavel, cheia de luz, a dois passos do seu papá, e apertando a mão da sua amiga? Nada! nós aqui doiramos-lhe a pilula. Se depois lhe sente no seu quarto o amargor, paciencia! Mithridates é de crêr que tambem não achasse aos venenos o gosto da ambrosia. Afinal bebia-os como quem bebe agua. V. exc.ª hontem dormiu mal, hoje ha de dormir melhor, d'aqui a dois dias chega a tornar-se-lhe necessaria uma historia de phantasmas para adormecer profundamente.

—Ah! doutor, eu ao menos peço treguas. O snr. Henrique Osorio, hontem, com a sua alameda transformada em cemiterio, e com essa mulher pallida desenterrada, atacou-me os nervos de tal fórma que fiquei devéras enferma. Cheguei a suppôr que eu mesma era uma defunta.

O proprio Henrique Osorio é que ficou devéras atordoado! Decididamente Isaura não lhe perdoava a creação do typo de Julieta que elle julgava que tanto devia lisongeal-a. Persistia em acreditar que elle não tivera outro intento senão o de lhe chamar desenterrada.

—Minha senhora, disse elle, eu sinto realmente profundissimos remorsos por ter assim concorrido involun-

tariamente para a magoar. Creia v. exc.ª que a minha intenção era boa, continuou elle em voz mais baixa; se depuz a seus pés um ramalhete de goivos em vez de um ramalhete de rosas, foi porque as flores funereas eram as unicas que a nossa regra me permittia que colhesse.

Isaura era *coquette*, e, sentindo n'esta phrase um aroma de galanteio, vibrou a Henrique um olhar fascinador. N'este momento porém o doutor Macedo levantou-se, e, depois de ter pedido licença para ir accender um charuto, cantarolou, puxando uma baforada de fumo, com musica desconhecida, esta quadra de Thomaz Ribeiro:

> Trazes agoirento goivo
> prezo em negros passadores!
> Disse-te acaso o teu noivo
> que tinhas novos amores?

—O dr. Macedo, murmurou Isaura voltando-se para Henrique Osorio com uma expressão no olhar muito diversa da que primeiro lh'o illuminára, o dr. Macedo estáme explicando involuntariamente o sentido da sua offerta do ramalhete de goivos. E' um epigramma, snr. Osorio?

—Minha senhora, respondeu Henrique desesperado, estou por tal fórma infeliz com v. exc.ª. V. exc.ª interpreta de um modo tão singular todas as minhas palavras, e todas as minhas acções, que desisto de as explicar de um modo satisfactorio.

Estava verdadeiramente mortificado. Levantou-se comprimentando seccamente a sua interlocutora. Diri-

giu-se a uma janella e abriu-a para respirar mais á vontade. As reclamações dos circumstantes obrigaram-n'o a fechal-a de novo. Isto ainda mais o desesperou. Estavam-se fazendo as despedidas. Leonor, ao passar junto d'elle, disse-lhe com um riso malicioso, e em voz baixa:

—É para que tu saibas o que valem os galanteios funebres.

—Olha, sabes que mais, Leonorsinha? tornou Henrique bruscamente, occupa-te das tuas bonecas.

A pobre senhora sentiu a dôr profunda do golpe. Recuou um passo, levou a mão ao coração, e marejaram-lhe nos olhos duas lagrimas.

—Perdão, menina, acudiu Henrique caindo em si.

—Estás perdoado, respondeu Leonor com voz fraca, mas... mas como tu a amas!

Saiu. Se se demora mais um instante, rebentavam-lhe os soluços mesmo diante de Henrique.

O doutor Macedo, ao passar por diante de Osorio, parou, e disse declamatoriamente:

Si je vous le disais pourtant que je vous aime,
Qui sait, brune aux yeux bleus, ce que vous en diriez?

—Está fallando por enigmas poeticos, doutor, exclamou Henrique impaciente. Quer fazer concorrencia ao *Diario Illustrado*, ou ao *Jornal da Noite?*

—Não, disse o doutor, quero apenas dizer, com palavras de Alfredo de Musset, que passam muitas vezes duas pessoas ao lado uma da outra, sem saberem os sen-

timentos que vivem nas suas duas almas, e que, se ousassem exprimil-os, voariam a encontrar-se.

—A solução no proximo numero, não é verdade, doutor? tornou Henrique impaciente.

—Talvez, redarguiu o doutor.

E saiu, ao passo que Henrique Osorio encolhia os hombros com desdem.

Na seguinte noite, antes de chegar a hora fatidica, o doutor Macedo pediu a palavra.

—Minhas senhoras e meus senhores, disse elle, desenrolando um manuscripto, se não espero o bater da meia-noite, é porque o romance que vou lêr precisa de um prologo, e á meia-noite em ponto o que deve entrar em scena é o elemento phantastico. Seja dito sem envolver nem a mais leve censura aos illustres preopinantes que se afastaram d'esta regra. Não é meu este romance, o seu auctor deseja conservar o incognito...

—São prohibidas as substituições, bradou Lucio rindo, serviço obrigatorio!

—Máo! não me interrompam! O auctor é um dos nossos collegas, não direi mesmo se está presente. Faz o seu serviço, mas provisoriamente quer conservar a mascara. Ora diz Gennaro na *Lucrecia Borgia*, pouco mais ou menos o seguinte: A mascara de uma senhora é tão sagrada como a face de um homem. É assim ou não é, Soares? É assim, romantico?

—Será, mas o que d'ahi deduzo é que o auctor é uma das nossas amaveis companheiras de serão.

—As conjecturas são permittidas, mas vai dar a meia-noite, e eu, conformando-me com os preceitos do regimento, passo a lêr a *Igreja profanada*.

No meio do mais profundo silencio, em que se sentia a avida curiosidade dos ouvintes excitada pelo mysterio em que se envolvia o conto, o doutor, que lia admiravelmente, começou assim:

A IGREJA PROFANADA

I

Corre socegada a noite, mas não brilha a lua no céo a espargir tristezas, escondendo um devaneio, um sonho de poeta em cada uma das prégas da sua candida tunica; scintillam apenas as estrellas no véo escuro do firmamento.

Formosas são as noites estrelladas, mas não teem a suave melancolia das noites de luar; enleva-se-nos o espirito ao contemplar essas myriades d'orbes luminosos; porém os raios da lua teem uma linguagem mysteriosa que nos falla ao coração.

Quando no véo nocturno brilham sem rivaes as estrellas, como que percebemos a magestosa melodia das espheras; mas, quando a lua illumina a terra com a sua doce luz, ouvimos então no espaço vagos canticos de saudade, suspiros de virgem enamorada, canto de pescador

que se perde ao longe nas ondas, toada de pegureiro, que vem desfallecida expirar no nosso ouvido, intimas melodias, que nos dizem: «amor e tristeza.»

Porque as estrellas são desdenhosas rainhas d'outros céos, sóes de outros mundos, que nos enviam, como que por descuido, um signal de sua grandeza, um tenue raio da sua immensa luz, em quanto a lua é a extremosa amante, que prendeu á nossa a sua existencia, a companheira que nos segue incessantemente n'essa viagem sem fim, que emprehendemos pelo espaço.

As estrellas tornam mais profunda a solidão, e mais espessas as trevas. Os bosques, os valles, as montanhas conservam-se envoltos n'um véo sombrio, por mais que os raios dos sóes da noite se esforcem por penetrar na escuridade; as ondas baloiçam com indifferença os seus reflexos, e não fazem caso das palhetas doiradas que avivam aqui e ali a candidez da sua fimbria espumosa.

Mas, quando surge a lua, a natureza anima-se. Desperta a viração nos antros perfumados das florestas, que exhalam vivissimos aromas. As fadas vem pentear as suas loiras tranças no espelho das fontes, cuja crystallina superficie palpita de prazer. Jorram torrentes de prata pela falda dos montes, scintillam diamantes na folhagem das arvores. Erguem-se as ondas em vago enleio de voluptuosidade, como seio de virgem que arfa pela vez primeira. Rescende o meigo perfume no thuribulo da violeta. Rescende a saudade no thuribulo do coração.

As estrellas são os anjos de Deus, que entoam lá ao longe, nas profundidades do Empyreo, o hymno ás glo-

rias do Eterno; a lua é o archanjo consolador que presta um ouvido compadecido aos lamentos da humanidade.

As estrellas são os candelabros de oiro, que ardem constantemente diante do throno do Altissimo; a lua é a urna argentea onde se transformam as lagrimas dos que soffrem em perolas, que os anjos entornam no regaço do Omnipotente.

As estrellas são o enlevo do philosopho, a lua é enlevo de poetas.

Porque as estrellas revelam o poder de Jehovah, a lua a caridade do Redemptor.

Mas vai a noite socegada, e a luz dos fachos da abobada celeste scintilla frouxamente na face adormecida do mar. As vagas erguem-se vagarosamente, enroscam-se a pouco e pouco, caminham em longa fileira para as praias, e alastram no areial o seu manto escuro.

Negra, bem negra está a superficie do Oceano; os raios das estrellas, naufragos luminosos, debatem-se com as ondas, que mal conseguem doirar. Do seio d'essas trevas sáe um gemido cavernoso. É a voz eterna do liquido leão, é o rugir tranquillo mas terrivel do monarcha da immensidade.

Não páram as vibrações nas espumosas cordas da harpa dos abysmos; ora plangente, ora formidavel, o cantico incessante resôa no espaço.

E que diversidade de vozes não ha n'esse concerto immenso! o magestoso rugido das ondas ao assoberbarem-se lá no mar alto, o grito que resulta do embate de dois d'esses colossos que se encontram, o uivo de raiva

que soltam quando espadanam nos rochedos da praia, o suspiro amoroso que desprendem ao beijarem o areial, o murmurio palreiro das gotinhas de agua ao despedirem-se a custo das conchas das ribas, o lamento que exhalam ao açoital-as o vento, tudo isto se resume n'um hymno sublime, intraduzivel, como os poetas os sonham, mas não escrevem.

Ó mar! A opulenta imaginação da antiguidade grega povoou de sereias as tuas ondas, poisou no cimo d'estas o velho Glaucus, com as suas barbas limosas, com a sua voz aterradora, poisou no teu leito de espuma ora a rosea concha Acidalia em cujo seio se abrigava a candida Aphrodite, ora a seductora Lamia, ora as horriveis Gréas, e nem assim conseguiu traduzir o indizivel encanto com que nos attrahes, e o vago terror que nos incutes, a suavidade da tua voz, e a selvagem energia dos teus hymnos! Ó mar immenso, que lyra infeitiçada te deu o Senhor, de que mysteriosa seducção impregnou as tuas solidões?

Assim perdido nas trevas como é magestoso o Oceano! Nem uma véla se distingue na immensidade solitaria! Ainda n'aquelle isolamento, não descontinúa o fadario das ondas! Vão, vem, atropellam-se, espraiam-se, beijam-se, desmaiam, agitam-se, revolvem-se, cantam, suspiram, e, lá ao longe talvez, algum scismador, encostado ao peitoril da sua janella, ao ouvir aquelle ruido ineffavel, pensa na eternidade, e em Deus!

Comtudo bem junto da praia, a pouca distancia de uma casa cuja fachada branca mira silenciosa a eterna

agitação do Oceano, que envia ás vezes, de enamorado, uma das suas ondas a beijar-lhe os pés, baloiça-se indolentemente uma barca, onde dorme um pescador, cujo somno é acalentado por esse murmurio suave.

As ondas embalam tão docemente o bote, como carinhosa mãe póde embalar o berço do recem-nascido.

A uma das janellas que se rasgam na fachada branca da casa da praia, encosta-se um vulto de mulher. Em baixo está um outro vulto varonil e elegante. Ouve-se, por entre o concerto das vagas, o mysterioso segredar de duas vozes.

Leandro e Hero, Rosina e Almaviva, Julieta e Romeu!

O bramir do mar abafa o manso ruido das vozes. Mas o rugido do Oceano, e o flebil sussurrar dos namorados chegam, em murmurio igual, ao throno do Omnipotente; porque são duas notas do hymno immenso do Universo, que se resume n'uma palavra «Amor».

II

Tudo n'este mundo acaba, inclusivamente as doces palestras enamoradas. Mais infeliz do que a desditosa heroina de Shakespeare, a donzella da casa da praia não póde esperar que o grito matinal da cotovia saudasse o alvorecer. Ainda a noite não chegára ao meio do seu giro, e já era forçosa a separação.

Trocaram-se suaves promessas, mil vezes se affastou o nosso Romeu da fachada branca, mil vezes voltou a ella, como se as ondas, que lhe vinham quasi banhar os pés, o arrastassem comsigo nas incessantes ondulações do fluxo e do refluxo.

Afinal a palavra «Adeus» escoou-se, como um timido murmurio, pelos labios dos dois namorados; o elegante moço affastou-se rapidamente, e, dando um pulo bem calculado, foi caír em pé dentro do barco, que as ondas baloiçavam.

Ao choque inesperado acordou em sobresalto o barqueiro. Ergueu-se á pressa, e, depois de reconhecer seu amo, fitou os olhos com certa inquietação no ceu estrellado, chronometro infallivel dos homens do mar.

—Ah! senhor, disse elle com a voz entrecortada, que tanto se demorou! É forçoso apressarmo-nos, e não sei ainda se chegaremos a tempo á praia.

—Que medo tens tu, homem? perguntou o que embarcára, sentando-se commodamente na pôpa do bote. Está o mar de leite, e nem a mais ligeira brisa lhe agita as ondas, nem uma nuvem ameaçadora assoma no horisonte! As tempestades repousam, amigo!

—Não temo a procella, tornou o barqueiro abanando a cabeça; eu e o vendaval somos conhecidos velhos, e não me assusta a tormenta em noite escura, nem receio ser engulido pelas ondas! Assim como assim um homem ha de morrer uma vez, e mais vale adormecer livremente envolto n'esta mortalha de espuma, do que ser cozido n'um lençol branco, e mettido em uma cova, onde o nosso

pobre corpo nem uma vez só se poderá regalar com o cheiro da marezia! Mas ainda que a temesse, não é n'uma noite d'estas que um velho marujo receia a tempestade. V. s.ª tem razão: o mar está de leite, e o barco ha de deslisar tão commodamente por sobre as suas aguas como uma carruagem por cima da poeira da estrada real.

—Então o que te assusta, meu velho?

—Está quasi a dar a meia noite, senhor.

—Percebo! Receias que o fuso da tua companheira não corra tão ligeiramente nas suas mãos enrugadas, de farta que esteja de te esperar. Socega, homem! Irei eu mesmo acalmar as rabugices da Catharina, e prometter-lhe uma estriga de linho para os serões do inverno. Verás que a velhita ha de ficar tão contente, que nem pensará em ralhar comtigo por causa da desusada demora.

—Não esteja com cuidado na Catharina, senhor, que ella bem sabe que me não demoro por culpa minha. Oh! se sabe. Antes de ser velha desdentada já foi moça e louçã, e ha de se lembrar de como nós esqueciamos as horas, que passavam, ella sentada á porta da choupana a concertar as redes de seu pai, eu assentado no areial a fallar-lhe fallas de namoro, que lhe punham o rosto mais vermelho do que uma rosa de maio. Ainda não é isso, meu amo.

—Então o que é, finalmente? perguntou o seu interlocutor já um tanto enfadado.

—É que não resulta bem algum ás almas de dois christãos de estarem assim no mar por estes sitios ao bater da meia noite.

—Porque?

O barqueiro olhou com inquietação em torno de si, e depois murmurou em voz baixa, que mal se ouvia:

—É por causa da *igreja profanada!*

O esbelto moço olhou espantado para elle.

Durante a conversação, o pescador desamarrára o barco, e, lançando mão dos remos, dera-lhe um impulso vigoroso. Já estavam longe da praia, as ondas vinham bater no costado do bote com um murmurio queixoso, que acompanhava o som compassado do bater dos remos na agua.

O pescador tornou a fitar o céo com inquietação, e, sem responder a uma nova pergunta do seu passageiro, curvando-se para diante, metteu os remos nas ondas, e, entezando depois os musculos vigorosos, fez, erguendo-os de novo, espadanar uma cascata de espuma de cada lado do ligeiro bote.

Este, como o corsel generoso, que ao sentir enterrarem-se-lhe nos ilhaes as esporas do cavalleiro, se empina primeiro, depois, sacudindo as crinas, desata em vertiginoso galope, e, salvando de um pulo uma onda, que vinha orgulhosa para elle, deslisou por sobre as aguas com incrivel rapidez.

Ainda o passageiro não tivera tempo de repetir a pergunta, quando vibrou o espaço com as lentas pancadas da meia noite, que soava lá muito ao longe, no sino de uma igreja situada á beira-mar.

Produzia um effeito sinistro aquelle som distante. Cada uma das vibrações vinha, em intervallos iguaes, ex-

pirar no ouvido dos dois navegantes, e casar-se melancolicamente ao rugir contínuo das vagas.

O barqueiro deixou caír os remos, e bradou: «Jesus meu Deus!» O mesmo seu amo não se pôde eximir a um inexplicavel receio.

Ambos silenciosos, o barqueiro com os cabellos em pé, o nosso enamorado com vaga curiosidade, e um tal ou qual terror, contaram as lentas pancadas do bronze sagrado.

Parece que aquellas vibrações não eram produzidas pelo simples sino de uma igreja, mas que fôra o anjo das vinganças do Senhor quem fizera vibrar o bronze, e quem lhe déra aquella voz sobrenatural e pavorosa.

Contaram uma... duas... tres... doze. A ultima vibração assemelhava-se a um gemido terno, ao uivo lamentoso do genio da meia noite, que, abrindo as suas negras azas, annunciasse aos phantasmas o começo do seu imperio.

O barqueiro, que se levantára, caíu de novo no meio do barco e escondeu o rosto entre as mãos; seu amo soltou uma exclamação de espanto.

Um clarão avermelhado tingira subitamente as ondas, como se um incendio começasse a lavrar no fundo do Oceano. As vagas soltaram um gemido plangente, como crianças açoitadas.

E um concerto horrivel, formado por muitas vozes, erguêra-se do fundo dos mares; e essas vozes cantavam os psalmos da penitencia.

Mas as palavras, cheias de uncção, e impregnadas de

tristeza das sublimes poesias do rei propheta, tomavam uma accentuação ironica, como se passassem pelos labios requeimados dos anjos malditos. . . . .

No meio d'essas vozes roucas fez-se ouvir de repente uma voz suave e argentina de mulher, doce como o gemer da brisa nas solidões do Oceano, feiticeira como a voz das seductoras sereias.

Mas aquella mesma doçura tinha um não sei quê de medonho, e n'essas melodias celestiaes reverberava-se o fogo do inferno.

No meio das notas mais ternas, vibrava subitamente uma outra aspera e dissonante, que produzia o effeito que produziria no meio das harmonias da harpa o som do estalar de uma corda.

E essa voz tinha ao mesmo tempo uma profunda tristeza, uma plangente intonação, uma pungente ironia e um não sei quê d'attrahente e seductor que fazia pensar na fatalidade.

Os olhos do moço passageiro encheram-se involuntariamente de lagrimas, e com os braços estendidos, perdido n'um vago extasi parecia querer voar nas azas da melodia para o antro sub-marinho, onde se aninhava a infeitiçada sereia.

E a voz cantava:

> **Co'a vossa santa cólera,**
> **raio que fere e brilha,**
> **ao impio que se humilha**
> **não fulmineis, Senhor!**

N'este meu seio embebe-se
a vossa frecha ardente,
é a mão omnipotente
me opprime em seu furor.

Da vossa ira o halito
seccou-me membro a membro,
e ai! se então me lembro
do meu longo peccar,
de como olvidei, réprobo,
santos dictames vossos,
oh! sinto até meus ossos
um frémito agitar!

O fardo immenso e horrido
da minha iniquidade,
á voz da Divindade,
a fronte me curvou.
Da minha carne as ulceras
corrompe-as a lembrança
da impia, atroz folgança,
que a Deus me arrebatou.

Era triste, profundamente triste a voz, que assim cantava nos abysmos do Oceano as primeiras palavras do primeiro psalmo da penitencia. Ia enfraquecendo pouco a pouco até desfallecer quasi de todo no ultimo verso; mas então a voz vibrava de novo com aspereza, e era quasi uma

gargalhada infernal, de desafio ao Eterno, o grito ironico com que voltava a cantar os seguintes versos:

Co'a vossa santa cólera,
raio que fere e brilha,
ao impio que se humilha
não fulmineis, Senhor!

N'este momento rasgaram-se as ondas, como se um novo Moysés lhes tocasse com a varinha magica. Entremostraram-se aos olhos do espantado moço as profundidades do mar. Foi isso rapido como um relampago, mas deu-lhe tempo sufficiente para vêr o interior de uma igreja gothica esplendidamente illuminada com uma immensa profusão de cirios. Uma longa fileira de guerreiros da edade media cercava os altares, mas no meio da nave campeiava, coisa estranha! a mesa de uma orgia, e as taças de oiro, cheias de vinho espumoso, ostentavam-se em cima da toalha. Uma mulher formosa como os anjos, mas tendo na fronte pallida não sei que inexprimivel sêllo da maldição divina, ergueu-se, como se fosse sustentada por azas invisiveis, até á superficie dos mares. Cerrou-se de novo o abysmo, e as ondas purpureadas pelo reflexo dos cirios estenderam por cima d'essa mysteriosa igreja o seu liquido docel.

E o vulto feminino, com as vestes alvejantes ondeando por cima das vagas, e roçando a fimbria na orla da espuma, que o clarão vermelho fazia espuma de sangue, com a corôa da orgia ainda na fronte, encaminhou-se len-

tamente para o sitio onde o barco parára, porque o pescador ainda não ousára nem sequer levantar-se.

O phantasma deslisava por cima das ondas, como se invisivel mão o impellisse; já estava proximo do bote, e os seus olhos negros, onde scintillava uma chamma infernal, exerciam uma incrivel fascinação no nosso heroe. Afinal parou, e os seus braços estenderam-se vagarosamente para elle, a fronte pallida tombou-lhe para o hombro, como lirio pendido pelo tufão. Ignota languidez suavisou-lhe o fogo do olhar. As tranças negras desprenderam-se-lhe e fluctuaram-lhe nas espaduas. Os labios descerraram-se, e a sua voz doce e melodiosa suspirou, como um triste queixume, os versos:

N'este meu seio embebe-se
a vossa frecha ardente,
e a mão omnipotente
me opprime em seu furor.

Cégo, louco, fascinado, o juvenil passageiro do bote nem forças teve para resistir á seducção. Inclinou meio corpo para fóra do barco, estendeu as mãos, e ia precipitar-se nas ondas.

—Jesus! bradou o barqueiro.

O phantasma soltou um bramido de desesperação, as ondas rasgaram-se de novo, e quando o moço abriu os olhos, que fechára de deslumbrado pela chamma que faiscára nas pupillas negras da gentil desconhecida, já o vulto feminino desapparecêra.

Mas as ondas continuavam a conservar a sua côr escarlate, e o canto dos psalmos vibrava ainda na immensidade.

III

O terror tirára as fôrças ao barqueiro, o terror lh'as deu de novo. Lançou mão dos remos, e o bote afastou-se rapidamente d'aquelle terrivel sitio.

—Sabes a historia do que estamos vendo? perguntou o companheiro do pescador, com voz ainda agitada.

—Oh! se sei, senhor, é uma historia terrivel. Mas não é n'este sitio nem a esta hora que eu a hei de contar.

—Conta, tornou o interrogador imperiosamente, já estamos longe do ponto fatal, e a voz dos réprobos vai-se perdendo no horisonte.

O barqueiro hesitou um instante, depois principiou em voz tão baixa que mal se percebia, e sem deixar de impellir vigorosamente o bote, a seguinte narração:

—Havia aqui d'antes, ha um bom par de annos, e junto d'aquelle castello, cujas ruinas ainda póde divisar penduradas como ninho de aguias em cima das fragas, uma igreja que fôra mandada construir por um devoto fidalgo d'aquelle solar, fidalgo que morreu em cheiro de santidade. A igreja era tida em conta de milagrosa, e alli concorriam immensos fieis attrahidos pela fama do tem-

plo, e pelas virtudes do capellão, homem de vida austera, affectuoso para com os humildes e nada servil com os grandes, a quem dizia as verdades por mais amargas que fossem, quando entendia que assim o exigiam os deveres do seu ministerio.

«Vivia então no castello um fidalgo devasso, filho do fundador da igreja, o qual, se lhe herdára as riquezas, não lhe herdára as virtudes, porque os thesouros da terra na terra ficam, mas os thesouros do céo esses voltam com o seu possuidor para o seio do Omnipotente.

«Tinha esse fidalgo uma irmã. Linda era ella. Gentil a mais não poder ser. Dizem que o rosto é o espelho de alma, e se assim fosse, ninguem possuia mais formosa indole nem mais candido espirito do que a irmã de Guilherme, a filha do virtuoso Pelayo. Mas não era assim. A natureza esmerára-se tanto em lhe aprimorar a belleza physica, que se esquecêra de certo de cuidar com igual desvelo na formosura moral. É assim que dizem que Satanaz tem uma belleza seductora, e que seria um guapo archanjo, se o pé caprino não revelasse a quem se deixa fascinar pela etherea gentileza do anjo maldito, que está a contas com o pae da mentira. Infelizmente Ignez não tinha esse signal que a distinguisse dos anjos de que parecia irmã, e, se algum cauteloso enamorado, para tranquillidade de consciencia, lançasse uma vista de olhos para o pésinho encantador da formosa filha de Pelayo não fazia mais do que completar a fascinação, e, em vez da agua benta, com que tencionava aspergil-o era natural que o cobrisse de beijos, tão airoso era elle e tão peque-

nino, tão pequenino que parecia que a natureza, ao esquecer-se de lhe formar a alma, se esquecêra tambem de lhe formar o pé.

«Quando ella passeava a cavallo por essas ferteis varzeas, montada elegantemente n'um lindo cavallo preto, todos se ficavam enlevados a contemplal-a, e não havia donzel nem rico homem que não sacrificasse de boa vontade a vida para fazer brotar um raio d'amor na pupilla negra da gentil Ignez. Mas ninguem o conseguia, e o marmore d'aquelle rosto adorado nunca se purpureára com o rubor da paixão. Engano-me. Paixão sentia ella, vehemente, incestuosa, horrenda, e que lhe devia incendiar o rosto não no vivo escarlate do pejo de donzella enamorada, mas sim no rubor da vergonha e do remorso. A réproba amava seu irmão!

«E não imagine que ella occultasse essa paixão criminosa. Pelo contrario gloriava-se d'ella impudentemente. E o espectaculo, que davam aquelles dois impios, era um escandalo contínuo para os bons christãos dos arredores.

«Não se faz idéa das orgias freneticas e loucas, a que no castello se entregavam aquelles dois abandonados de Deus. Quem passasse á meia noite pelo caminho que serpeia na montanha, e onde estava situado o solar defrontando com a igreja, havia de parar cheio de religioso terror ao vêr de um lado o immenso clarão das luzes incendiando as vidraças da sala da orgia, ouvindo os cantares ebrios, os risos descompassados, as blasphemias, as musicas voluptuosas, e dando com a vista do outro

lado na casa do Senhor, muda, deserta, sepultada em trevas, como um terrivel archanjo que contemplasse com olhar sevêro os folgares dos malditos, e que esperasse silencioso que soasse a hora da punição.

«O mar batia de continuo nos rochedos, e aquelle ruido incessante, se o ouvissem nas salas, havia de lhes soar lugubremente como a voz justamente irritada do Deus vingador.

«A igreja e o mar! Diante do templo erigido pela piedade dos homens, diante do templo immenso em que mais se revela a imagem da Providencia, como poderia haver quem esquecesse por tal fórma os preceitos da lei divina?

«Pois havia! e á noite quando, na mysteriosa soledade da nave, se erguiam os mortos do seu leito de pedra para se ajoelharem diante do altar, quando o vasto Oceano desprendia dos seus labios de espuma o hymno religioso com que celebra a omnipotencia de Deus, accendiam-se as luzes no salão do castello, sentavam-se á meza da orgia Guilherme e Ignez e alguns cortezãos das suas devassidões, porque os seus iguaes todos se haviam desviado d'aquella Gomorrha amaldiçoada, sobre a qual cedo ou tarde cahiria o fogo do ceu; e a irmã do castellão, no fim do banquete, cingia a fronte com uma grinalda de rosas, empunhava a harpa, e cantava canções bachicas com essa voz melodiosa, pura e vibrante, que os anjos lhe invejavam, para descantar os seus hymnos de louvor ao Eterno.

«Um dia o velho capellão, que fôra o primeiro padre que dissera missa na igreja cujo fundador fôra o pae dos dois devassos, dirigiu-se ao castello, tencionando chamar

para o redil da egreja aquellas duas ovelhas desgarradas por atalhos de maldição.

«Nada conseguiu senão excitar o odio de Ignez, que ouviu furiosa as reprehensões do padre, e que foi immediatamente queixar-se a Guilherme da insolencia do sacerdote, e pedir-lhe, como premio de amor, a cabeça do digno homem, como outr'ora Herodias pedia a Antipas a cabeça de S. João Baptista.

«Não ousou conceder-lh'a Guilherme. Conservava ainda, no meio dos seus vicios, um respeito supersticioso por seu pae, e não ousava tocar na pessoa inviolavel d'aquelle a quem Pelayo confiára o templo que fundára.

«Não insistiu Ignez; mas projectos de vingança atroz calaram immediatamente n'aquelle espirito pervertido.

«Uma noite, noite de Natal, a chuva cahia em torrentes, açoitando igualmente as vidraças do castello, illuminadas com o clarão do festim, e os vidros de côr da igreja atravez dos quaes coava a religiosa luz dos tocheiros accesos para se celebrar a tocante solemnidade da missa da meia noite.

«O mar rugia de encontro aos rochedos, e soltava ora gemidos pavorosos, ora lamentosos queixumes.

«O vendaval corria infrene por sobre as ondas.

«De mais folias ainda do que de costume era testemunha o salão do castello. Os gritos dos ebrios ouviam-se cá fóra distinctamente, e faziam com que todos os que se dirigiam á missa se persignassem com horror.

«Sentada n'uma cadeira de espaldar junto de seu irmão, Ignez, com os cabellos em desordem, soltos pelas

espaduas núas, com a lascivia no olhar e na attitude, desferia a harpa de oiro e descantava as mais alegres canções.

«O vento, e o mar soltavam cá fóra os seus tristes e lugubres lamentos.

«De repente soou meia noite na torre da igreja. Os repiques da sineta annunciaram immediatamente que ia principiar a missa.

«Cessaram os risos e os cantares no castello de Guilherme. Só Ignez com o seu diabolico sorriso a pairar-lhe nos roseos labios exclamou:

«—De que vos temeis, nobres cavalleiros? Tão desgeitosa estou já no dedilhar da harpa, que lhe prefiram o agudo cantar da sineta? Tão enfraquecida está a minha voz, que cessem de a escutar para ouvirem o bronze de um campanario?

«N'este mesmo instante um raio fuzilou no espaço, inundando a sala com a sua luz phosphorica, e o vendaval, redobrando de força, fez em estilhas uma das vidraças.

«Todos sentiram um convulso tremor percorrer-lhes as veias, e o proprio Guilherme limpou o suor frio que lhe escorria na testa. Ignez continuou:

«—Receiaes a tormenta? Quereis um conselho? Deixemos esta sala que o vento vae tornar inhabitavel, e que a chuva vai inundar, e vamos procurar um abrigo na igreja. Alli sim, que é sala commoda. Utilisemol-a. Um ultimo copo de vinho, meus senhores, e façamos a transferencia.

«Todos obedeceram ás ordens da formosa Ignez. Beberam um copo de vinho, e ergueram-se bradando resolutamente: «Para a igreja.»

«O ministro de Deus subira n'esse instante ao altar revestido dos seus sagrados paramentos. Tornavam-n'o respeitavel o seu caracter augusto de immaculado sacrificador, e ainda mais o seu diadema de cabellos brancos, e a invisivel aureola de virtudes que lhe circumdavam a fronte.

«A multidão ajoelhada sentia como que o espirito de Deus baixar ao templo, evocado pelo santo sacerdote. O orgão começava a gemer os seus doces cantares. A tempestade parecia respeitar aquelle sacro asylo, suspirando plangente nas frestas ogivaes, e não rugindo pavorosa, como quando sacudia as suas negras azas em torno do castello.

«Tudo era socego e serenidade n'aquella divina estancia.

«Subito irrompeu pelo portal da egreja a turba dos ebrios, em descompostos cantares. Ficou gelada de terror a devota multidão. Perturbado quando erguia a Deus o immaculado espirito, o sacerdote voltou-se e deu com os olhos na bella Ignez, que vinha na frente encostando-se com insolente descaro ao braço de seu irmão.

«Inflammado em santa cólera, o velho ministro do Senhor desceu os degraus do altar, e, dirigindo-se aos recemchegados, bradou com voz sonora, em que vibrava o echo das iras de Deus:

«—Parai, não profaneis o templo, e não obrigueis a ful-

minar-vos o raio de excommunhão, que vos está impendente.

«Era venerando o vulto apostolico do santo varão. O povo cahiu de joelhos, e a tempestade suspendeu os seus bramidos, como que respeitosa e tremula.

«Ouviam os elementos desvairados a voz do ministro do Omnipotente. Só ficavam cerrados os ouvidos dos impios.

«Era porque chegára a hora fatal, e a taça das iniquidades transbordára emfim.

«Ignez sorriu-se meigamente para seu irmão. Que doce, que angelico sorriso! Quem diria que esse sorriso, que rescendia amores, era apenas um incitamento ao assassinio?

«Pois foi. Guilherme allucinado arrancou do punhal, e feriu o velho sacerdote.

«O sangue espadanou da ferida, e salpicou, tingindo de escarlate, o candido vestido de Ignez.

«A multidão fugira horrorisada, os criados, impios como seus amos, haviam trazido n'esse instante a mesa da orgia.

«Mas assim que baqueou o sacerdote, a tempestade, suspensa por um momento, soltou-se com novo furor. Rugiu o vento nas frestas da igreja, fuzilaram os raios, bramiu, quebrando-se nos rochedos, o Oceano enfurecido, e os tumulos de pedra da igreja estalaram como se fossem de vidro.

«E do tumulo de mais primoroso lavor, surgiu, envolto na mortalha, o espectro de Pelayo, o fundador da igreja.

Ondeiavam-lhe ainda as barbas nevadas sobre o funebre escapulario, e das orbitas cavadas, coisa horrivel! brotavam lagrimas ardentes.

«Ergueu-se, ergueu-se; já não tocava com os pés no chão marmoreo da igreja. O vento engolphando-se pelo portal do templo, agitava-lhe as prégas da mortalha. Com as mãos unidas, em attitude de oração, o velho finado, subindo lentamente nos ares, parecia um d'esses prophetas que o Senhor Deus arrebatava para as alturas do Empyrio.

«Quando chegou ao tecto, o tecto abriu-se como por incanto e o venerando finado continuou a sua magestosa ascensão na atmosphera que se esclarecia em torno d'elle, como se aquelle cadaver irradiasse luz.

«Os impios haviam ficado immoveis e attonitos de terror. Mas, apenas o velho Pelayo se sumiu ao longe na região das nuvens, resoou em toda a igreja um terrivel estampido. O orgão vibrou, sem que mão humana o tocasse, e o tremendo *Dies irae* jorrou em torrentes de severa melodia pela nave do templo. Vacillaram os columnelos, nos frisos e laçarias gemeu o vento em canticos sinistros, e, como se o vendaval a tivesse arrancado pela base, aquella mole immensa levantou-se do chão, oscillou nos ares como impellida por invisivel fundibulario, e arrojou-se ao Oceano, levando no seu seio os profanadores, que soltaram um ultimo rugido de desespero.

«Abriu-se o mar para tragar a preza enorme que se lhe offerecia, depois a liquida superficie uniu-se de novo,

e essa mortalha immensa, cujas pregas são as ondas, desenrolou-se para encobrir esse cadaver de pedra.

«Desde então todas as noites, ao bater da meia noite, accendem-se os cyrios na igreja sepultada, e, no fundo do mar, os réprobos entoam os psalmos da penitencia.

«A voz de Ignez sobreleva a todas, e exerce ainda, do fundo do Oceano, a sua irresistivel seducção.

«Ás vezes ergue-se o phantasma da formosa até ao cimo das ondas, e arrasta para os abysmos os incautos que cedem ao magico poder dos seus feitiços.

«Proteja-nos o Senhor contra estas tentações. Eis-nos chegados á praia.................................

....

....

....

....

O barqueiro amarrou o bote, e saltou em terra. O moço passageiro ficou largo tempo a contemplar o Oceano.

As ondas conservavam ainda ao longe o seu reflexo escarlate, e a voz dos precitos, enfraquecida pela distancia, vinha expirar na praia em melancolica toada.

Aos primeiros clarões da aurora tudo se dissipou; apagou-se a pouco e pouco a luz vermelha, ao passo que se ia aclarando mais o horisonte, e que as ondas se iam branqueando com o tenue fulgor do alvorecer.

O canto dos malditos foi tambem esmorecendo a pouco e pouco, até que a ultima nota vibrou solitaria no espaço; e esse silencio singular que precede o romper do dia foi

apenas quebrado pelo hymno eterno do marulhar das ondas (1).

Houve um momento de silencio, quando o doutor Macedo acabou a leitura do romance. N'aquelle grupo havia de certo n'esse instante um coração que esse silencio fazia bater com desusada violencia. A final Lucio Valença quebrou o encanto, dizendo:

—Decididamente, caro doutor, o nosso desconhecido

(1) Não é da auctora a idéa inicial d'esta lenda. Encontrou-a de certo n'um magnifico livro do conde de Résie, intitulado «*Historia e tratado das sciencias occultas*».

O livro em que fallo é um optimo archivo de todas as tradições européas. Ha alli thesouros de poesia! Traduzo litteralmente o periodo, que me suggeriu a idéa d'este conto. É o seguinte:

«Nas costas do Baltico estava outr'ora situada uma igreja, que alguns impios profanaram um dia, e que com elles se sepultou no mar. Quando está socegada a noite, ouvem-se ainda esses desgraçados cantar soluçando os psalmos da penitencia; e veem-se brilhar atravez das ondas tranquillas os cyrios que accendem no altar, junto do qual estão condemnados a chorar até ao fim do mundo.»

E mais nada.

Como vêem, estava tudo por fazer. Mas a idêa era extremamente poetica e prestava-se a um grande desenvolvimento. Pena foi que a não deparassem escriptores como o auctor das *Lendas e Narrativas*, ou como esse poeta da prosa portugueza, que soube dar tão esplendido colorido á *Lenda do castello de Santa-Olaia*. Emfim o conto ahi está, bom ou mau; e com esta nota fica em repouso a minha consciencia litteraria.

collega deu um golpe de mestre, escolhendo-o para leitor de uma lenda. A sua voz deu-me arripios, as suas inflexões resuscitaram a meia-noite. Co'a breca! houve um momento, em que me não atrevi a olhar para a janella, com medo de vêr encostado aos vidros o espectro fascinador de Ignez.

—Ah! de certo, disse ou antes balbuciou Leonor, nem assim se póde avaliar o merito da lenda. O doutor é como um d'estes actores, que transformam sempre em magnificos papeis as mais insignificantes banalidades.

O doutor sorriu-se para ella maliciosamente, mas ao mesmo tempo um concerto de elogios protestava contra a frase dubia de Leonor. O mais ardente no applauso era Henrique Osorio.

—Bem! chegou o momento solemne! disse Macedo, o publico chama pelo auctor, e eu, como no theatro francez e hespanhol, depois dos tres comprimentos do estylo, vou arrojar o nome do poeta á platéa enthusiasmada. Se me dispensam dos comprimentos, substituo-os por uns certos effeitos oratorios.

—Vá! vá! diga, doutor! bradaram todos em côro.

—Um! exclamou o doutor Macedo, batendo as palmas; o auctor é uma senhora linda, elegante, e espirituosa.

—Isso é abusar, doutor! bradaram os circumstantes indignados.

—Dois! tornou Macedo. Acha-se presente a referida senhora.

—Estrangulamol-o? propoz Lucio Valença.

—Um voto de censura na acta! bradou o visconde da Fragosa, sempre parlamentar.

—Dependuramol-o da janella até elle dizer o nome! exclamou Henrique Osorio.

—Já o tinha dito, se vocês me não interrompessem, exclamou placidamente o doutor Macedo emquanto a viscondessa da Fragosa, Leonor, e Isaura riam a bom rir da alegre scena.

—Então falla, *ventre-saint-gris!* bradou Roberto Soares.

—*Ventre-saint-gris* não é da idade media, snr. Roberto Soares, disse o doutor Macedo que já erguera as mãos para bater as palmas pela terceira vez, e que tirou tranquillamente um charuto da algibeira.

—Uma corda! bradou Henrique Osorio.

—E um algoz de boa vontade! exclamou Lucio Valença.

—A' ordem! acudiu logo o visconde da Fragosa.

Então, o doutor Macedo, com o charuto ainda não acceso nos dentes, bateu as palmas, e disse:

—Tres!

Estabeleceu-se um profundo silencio.

—A lenda que tive a honra de submetter á apreciação de vv. exc.as, concluiu o doutor, foi escripta pela exc.ma snr.a D. Leonor de Mattos e Vasconcellos, filha do nosso excellente amigo, visconde da Fragosa.

—Tu, Leonor! exclamou Henrique Osorio estupefacto.

—Tu, filha! disse a viscondessa com os olhos rasos de agua.

—Eu logo vi que tinha sido ella, exclamava o pae todo ufano.

Confusa no meio de todos os comprimentos, com que em todas as familias se festejam as mais insignificantes estreias litterarias do filho mimoso da casa, Leonor nem ousava erguer os olhos para Henrique. Este contemplava-a pasmado, depois mirava a furto Isaura, um pouco fria, um pouco descontente com a ovação da sua *amiga*, e evidentemente de si para si lamentava que não fosse a pallida menina a sonhadora das phantasias da *Igreja profanada*.

Mas tambem, quando tornava a mirar Leonor, e a via modesta, perturbada, evidentemente envergonhada de ser o alvo de todas as attenções, agora mil vezes mais affavel com Isaura do que até ahi, como que pedindo-lhe perdão do seu involuntario triumpho, Henrique não podia deixar de dizer de si para si que havia um abysmo entre a pretenciosa frivolidade de Isaura e a desaffectada simplicidade de Leonor, que bem se via que não dava ao seu conto maior valor do que elle merecia, e que, escrevendo-o, parecia ter querido mostrar apenas que não era estranha ás altas preoccupações do espirito, e que a sua phantasia tambem tinha azas para se arrojar ao mundo do ideal.

E, emquanto a conversação volteiava alegremente em torno do conto de Leonor, emquanto uns narravam os calafrios que tinham sentido, e outros felicitavam o leitor e a authora, Osorio, encostando a fronte na mão, ficou profundamente pensativo.

Instantes depois, dispersava-se a companhia, e Leonor, passando junto de Henrique para se retirar para o seu quarto, sentia poisar na sua mão, para a demorar, a mão tremente do seu companheiro de infancia.

Ella estremeceu toda, como se se tivesse posto em contacto com uma garrafa de Leyde.

—Sabes, disse-lhe elle, que achei encantador o teu conto?

—Sabes que te não acredito? respondeu ella rindo e já senhora de si.

—Oh! eu não faço a critica litteraria do romance. E' provavel que tenha innumeros defeitos. Digo-te apenas que me impressionou. Quando o escreveste?

—Hoje!

—Hoje? acudiu elle cravando em Leonor um olhar profundo.

—Sim, tornou ella com o coração a bater-lhe violentamente, córada até á raiz dos cabellos, mas resoluta, quiz-te mostrar que já passou para mim o tempo das bonecas, e que o que me preoccupa o coração e o espirito não são já as puerilidades dos nossos brinquedos de outr'ora, mas os affectos e as paixões da mulher.

Henrique apertou-lhe docemente a mão.

—Foi por minha causa pois que espertaste a phantasia, para escreveres essa lenda? Tive eu a ventura suprema de preoccupar devéras o teu espirito intelligente? de fazer pulsar com mais força o teu ingenuo e nobre coração?

—Henrique! murmurou ella.

—E's um anjo, Leonor! disse elle em voz baixa.

O doutor Macedo encaminhava-se para onde estavam os dois. Leonor despediu-se, e toda palpitante de commoção e... dil-o-emos... tambem!... de alegria, dirigiu-se para o seu quarto.

O doutor Macedo sorriu-se para Henrique, e murmurou maliciosamente:

> Si je vous le disais pourtant que je vous aime,
> Qui sait, brune aux yeux bleus, ce que vous en diriez?

—O que! era esta, doutor? exclamou Henrique.

—Pois quem, meu criançola? E' necessario ter a myopia amorosa dos vinte annos para o não perceber ha immenso tempo.

—Que quer você, Macedo! tornou Henrique, Leonor foi minha companheira de infancia. Havia entre nós, em crianças, uma certa desproporção de idades. Entre dois pequenitos uma differença de cinco annos abre um abysmo! Na mocidade é um curtissimo intervallo. Costumei-me a vêr sempre em Leonor uma criança. A mulher feita revelou-se-me agora, ao ouvir ler o conto que ella escrevera. Então contemplei-a, e li nos seus formosos olhos a bondade da sua alma, e a virgindade do seu affecto. Só agora percebi o tremor da sua voz nas palavras que me dirigia! E eu passava junto d'ella quasi sem a conhecer!

—Meu amigo, tornou Macedo, isso é uma historia vulgar. Tem a gente ao pé da porta um lago tranquillo, risonho, córado pelo esplendor do sol, nunca se lembra de

mergulhar n'essas aguas limpidas para colher a perola que lá brilha no fundo, vai procural-a então ao mar das tempestades, mergulha, e encontra ostras. Boa noite, meu amigo.

E dirigiu-se para o seu quarto. Henrique imitou-o, mas n'essa noite não dormiu. A imagem que fluctuava diante dos seus olhos semi-cerrados, não era, não, a pallida imagem de Isaura.

Devemos dizer que na noite immediata, esqueceu completamente a hora fatidica, e que tendo Lucio Valença pedido a palavra ás dez horas e meia da noite, allegando que era longo o seu romance, que, sendo phantastico, por isso que o personagem principal era um ente inanimado, tinha comtudo uma pequena parte propriamente legendaria, e que portanto podia começar a ser lido antes da meia noite; acolheu-se com applauso esta idéa, e Lucio Valença começou logo depois do chá a leitura do seu volumoso manuscripto. O doutor fizera uma careta ao avaliar o numero de paginas que ia ter que ouvir; Henrique Osorio e Leonor, enlevados nas doçuras de um amor nascente, não tendo olhos senão um para o outro, amaldiçoavam a leitura que os ia privar de algumas horas de doce conversação; Isaura, despeitada, furiosa por ter visto fugir-lhe um dos seus vassallos, e mais furiosa ainda por lhe falha-

rem todos os manejos que empregava para reconquistar o inconstante, que tratára com tão soberbo desdem quando o tivera nos seus ferros, dirigira de pura cólera as suas baterias para Lucio Valença, e preparara-se portanto para ouvir o conto com a mais profunda attenção.

O visconde da Fragosa, o conselheiro Madureira e um honrado e silencioso proprietario de Val de Prazeres, que vinha completar a partida do visconde, não abandonaram sem um suspiro o boston. Resignaram-se porém, e Lucio Valença, presentindo vagamente a hostilidade do auditorio, começou com voz não muito firme a leitura do manuscripto, que se intitulava *Memorias de uma bolsa verde.*

MEMORIAS D'UMA BOLSA VERDE

I

Um dia fôra eu assistir, por curiosidade, a um leilão que se fizera em casa de uma rica viuva que fallecêra. Os parentes, apressados em se desfazerem de todos esses moveis, que para elles não tinham valor algum, abriram o leilão apenas se fechou a campa que ia encerrar a pobre finada. O que importavam aos herdeiros esses pobres livros, por exemplo, sobre os quaes se debruçára tantas vezes a fronte encanecida da viuva, esses mysteriosos confidentes dos seus pezares e das suas saudades, cujas paginas teriam sido regadas com tantas lagrimas, e que tantas vezes teriam repousado sobre os seus joelhos trémulos, quando ella, interrompendo a leitura nocturna, fitasse os olhos humedecidos no sitio onde seu marido se costumava sentar, a lampada a cuja doce luz tinham tantas vezes travado uma d'essas deliciosas conversações

intimas, tornadas mais suaves ainda pelo conchego do lar, e pelo prazer de sentir a chuva bater nas vidraças, e o vento gemer nos caixilhos das janellas? Que significação tinham essas coisas para os corvos ávidos, que esperam anciosamente que o corpo se transforme em cadaver, para descerem em bandos a saciar a fome impaciente? E quem sabe, se, reunidos em volta do leito mortuario, não miravam com os olhos affectadamente compungidos, onde brilhavam algumas lagrimas de convenção, os trastes do quarto, e os proprios lençoes que agitava o estertor da moribunda? Quem sabe se elles não estariam já calculando o valor approximado d'esses objectos? Ai! todo o anjo, que baixa a este mundo, tem um demonio que lhe espia os passos, que o segue cautelosamente sorrindo com um sorrir diabolico, que esconde na sombra projectada pelas azas brancas do habitante do céo as negras azas do habitante do inferno, e que, apenas aquelle acaba de cumprir a sua missão divina, começa a cumprir a sua missão infame, e a desfazer por todos os modos o effeito salutar produzido pela candida apparição.

Após o anjo do amor vem o demonio do ciume, após o anjo da caridade o demonio da ingratidão, após o anjo da morte o demonio da cubiça.

Morre uma creatura boa, pura, santa; vem um anjo de Deus cerrar-lhe os olhos, e levar para os céos, no regaço da sua tunica transparente, o espirito immaculado que se desprendeu do involucro terreno. No rosto do cadaver, sereno e tranquillo, fica como que um reflexo do clarão que derramaram sobre elle as azas luminosas do

enviado do Senhor. Nada mais proprio para inspirar respeito do que essa morte socegada, tão socegada como a de um passarinho que esconde sob a aza a gentil cabecinha. Uma suave compuncção se apodera do animo de todos os circumstantes. Ninguem ousa perturbar o magestoso silencio da camara funeraria; todos temem profanar a augusta santidade d'aquella scena. Mas o demonio da cubiça lá estava espreitando á porta com o seu olhar de tigre. Assim que o anjo bateu as azas, entrou pé ante pé, debruçou-se sobre todas as frontes pendidas, bafejou-as com o halito repugnante, e logo todos se ergueram apressadamente, e trataram de fazer desapparecer o cadaver, de annunciar o leilão, de preparar tudo para se reduzir a dinheiro, e para se fazerem as partilhas. «E' preciso tratar da vida», dizem elles. Regateiam-se as despezas do enterro, e, para se resarcirem d'ellas, não conservam um unico objecto, por mais desprezivel que seja o seu valor. Ahi tem pouco mais ou menos a scena horrenda que precede um acto tão natural como é um leilão.

Por isso eu sempre resinto uma impressão desagradavel, quando me vou confundir com a multidão de compradores que penetram, com tão pouco respeito, n'esses quartos outr'ora tão socegados, agora tão ruidosos.

No dia em que assisti ao leilão em que fallo, occorreram-me estas idéas que acabo de expender.

Já se tinha vendido a maior parte da mobilia. Os sophás, as mesas, as cadeiras, os livros, tudo se dispersára já. O pregoeiro continuava a fazer apparecer os differentes lotes, e, com o ouvido á escuta, repetia ma-

chinalmente os lanços dos circumstantes com uma rapidez, e com uma segurança taes, voltando a cabeça ora para um lado, ora para outro, que pareceria ser antes machina do que homem, se não fossem as chalaças com que entremeiava o seu pregão monotonamente saltitante (se assim me posso exprimir). Eu estava encostado a uma porta, e contemplava com certa tristeza aquelle grupo, em que figuravam os rostos indifferentes dos compradores, as physionomias ávidas dos herdeiros, e a cara maliciosamente alvar do pregoeiro, pago para alegrar a assembléa com os ditos joviaes que tinha fabricado, e que provavelmente já lhe teriam servido para dezenas e dezenas de leilões d'aquella especie.

Finalmente appareceu um objecto, cuja *exhibição* (perdôem o anglicismo) foi acompanhada com um commentario burlesco do pregoeiro, e acolhida por uma gargalhada da assembléa.

Era uma bolsa de seda verde com borlas de oiro. Mas que bolsa, senhores! Era necessaria toda a cortezia do pregoeiro para conservar esse nome a um objecto que já não tinha fórma! Era uma bolsa de cabellos brancos! Rota, esburacada, sem côr definida e em cujas borlas o oiro brilhava... pela sua ausencia! O pregoeiro passeiou-a triumphantemente por diante de todos, e todos se riam, e todos zombavam, e todos faziam uma observação que redobrava as gargalhadas.

Finalmente o pregoeiro passou por diante de mim, e mostrou-m'a. Foi então que eu a pude vêr bem.

Se a podessem vêr como eu a vi, haviam de se com-

padecer d'ella. No meio da alegria geral, que a rodeiava, ella só parecia chorar, e conservar uma triste recordação d'aquella de quem todos se esqueciam! Se a podessem vêr como eu a vi, baloiçando-se tristemente na mão grosseira d'aquelle homem que a estortegava, apertando os seus frageis membrosinhos de sêda! E a pobre bolsa parecia olhar com uma tristeza profunda para todos aquelles rostos crueis, em que a zombaria se pintava, e de cada um dos rasgões que tinha aberto no seu corpinho, d'antes tão gentil, a mão destruidora do tempo, parecia sair um gemido.

Que profunda impressão me causou o seu aspecto!

Talvez os meus leitores, chegando a este ponto, se riam de mim. Pois não tem razão! Eu acredito que os objectos inanimados, que nos rodeiam, recebem de nós como que um reflexo de sensibilidade. Quando morre uma pessoa n'uma casa, não vêem como tudo toma um aspecto luctuoso? A sala, em que tantas vezes estivemos sós em quanto essa pessoa vivia, tinha por acaso o silencio lugubre que lhe notamos apenas ella deixa de existir? Os livros, cuja leitura desperta em nós o enthusiasmo, serão simplesmente mudos reproductores dos pensamentos do escriptor, e não conservarão como que o vestigio do talento, que por intermedio d'elles se manifestou? E qual será o motivo d'essa inexplicavel affeição que nós consagramos a certos moveis queridos? do pesar que sentimos ao vermo-nos obrigados a abandonal-os?

Quando alta noite acordam, e, sem poderem conciliar o somno, ficam deitados de olhos abertos a contemplar

as trevas, e a escutar o silencio, não sentem de-repente um indizivel murmurio, e umas inexplicaveis luzes encherem o quarto e rasgarem a escuridão? Como explicam isso? Eu creio firmemente que esse ruido, que não se ouve quando não estamos n'essas circumstancias, é o que produzem as mysteriosas conversações dos espiritos invisiveis que existem escondidos em cada um d'esses moveis, e que alta noite se reunem, para segredarem uns com os outros, e que esse tenue fulgor é resultado do scintillar das pequeninas azas d'esses sylphos subtís.

Quer me acreditem, quer não, o que eu lhes posso assegurar é que a tal pobre e velha bolsa verde, quando viu a minha physionomia séria no meio de tantos rostos zombeteiros, lançou-me um olhar supplicante a pedir-me que a livrasse d'aquella triste posição.

E o caso é que a comprei, com grande espanto de todos os circumstantes, que principiaram por olhar para mim com uns olhos muito abertos, e que concluiram por sorrirem uns para os outros, dando a entender que me julgavam doido. O pregoeiro entregou-me a bolsa, e recebeu o dinheiro, tendo cuidado de interpôr, como se fosse por acaso, uma cadeira entre nós ambos, com receio que me désse alguma furia.

Escuso de dizer que ninguem me disputou o lanço. Nem mesmo esses agentes, que tem, em giria de leilão, o nome expressivo de *picadores*, ou, por abuso de metaphora, de *toireiros*, ousaram erguer a voz para m'a fazerem pagar mais caro.

A surpreza emprestára-lhes um bocadinho de consciencia.

Pois o que é certo é que eu comprei a bolsa, e saí com ella muito ancho, sem me importar com as largas alas que me abriam as pessoas presentes, imitando a prudencia do que m'a vendêra.

E, como eu passo a mostrar-lhes, não tive motivo de me arrepender.

II

Era n'uma noite de maio. Eu estava sentado á mesa do trabalho. Um caderno de papel, ainda virgem de letras, estendia-se diante de mim aterrador na sua alvura, que me advertia mudamente da obrigação que eu tinha contrahido de a fazer desapparecer debaixo de uma alluvião d'esses monstrosinhos negros, que se chamam letras, que, amontoando-se umas em cima das outras, formam as palavras, essas mysteriosas colmeias, dentro das quaes se agita o candido enxame das idéas. O tinteiro, boquiaberto, não cessava de me mostrar o oceanosinho sombrio que tumultuava dentro de seus vitreos muros. A penna, debruçando-se sobre esse mar tenebroso, contemplava-o com indifferença, preparando-se para o sulcar atrevidamente, quando eu julgasse opportuno começar a navegação.

Uma janella aberta oppunha aos meus designios um obstaculo insuperavel.

Uma janella aberta? — diz o leitor; porque a não fechava?

O leitor de certo se não recorda de eu lhe ter dito que estavamos em maio.

Fechar uma janella quando a fada da primavera percorre as urnas das flores, colhe todos aromas que encontra, e vae espalhal-os prodigamente no regaço das brisas, que doidejam depois na atmosphera, alegres como as crianças folgazãs que correm na campina com as suas arregaçadas de flores! Fechar uma janella! E porque não fecha o leitor os ouvidos quando está escutando uma melodia de Bellini, e os olhos quando está vendo um quadro de Raphael?

Eu, com um charuto na boca, docemente recostado na minha cadeira, aspirava os perfumes do ambiente, sem me importar com as provocações do papel, com as agitações da tinta, e com as suggestões da penna. Devo até dizer, para ser completamente veridico, que me deliciava em desprezar tudo isso.

Fi donc! Um escriptor!

Eu queria vêl-os no meu logar! Uma larangeira a enviar-me perfumes perfidos, e, quando me via prestes a estender a mão para a penna, a baloiçar-se sem piedade, e a remetter-me directamente nas azas da viração uma taça inebriante, cheia a trasbordar dos seus effluvios! E um rouxinol, um travesso rouxinol, muito escondido n'uma alcovasinha de folhas, que o demonico da la-

rangeira lhe tinha arranjado de proposito para acabar de me tentar, a desentranhar-se em melodias que era um enlêvo escutal-as! Sem fallar n'umas roseiras, que a pretexto de serem *dilettanti*, e de serem impellidas pela aragem, prepassavam por diante da minha janella para ouvirem mais de perto aquelle Tamberlick plumoso! Não mettendo em linha de conta a lua, que se ria no céo a bandeiras despregadas, escancarando com os frouxos de riso umas nuvens teimosas, que por força queriam esconder-lhe as perolas que ella com as gargalhadas mostrava á natureza, e que tinha a innocente vaidade de contemplar espelhadas nas fontes! Vão lá, com tudo isto, debruçar-se sobre um caderno de papel e escrever!

Escrever; mas escrever o que? Um romance de amores?! Um poema?! Romances e poemas tinha eu na imaginação, sublimes, portentosos, admiraveis, como todos os tem, e como ainda ninguem os escreveu.

Se elles desprendem-se, capitulo a capitulo, estrophe a estrophe, e vão fluctuar na atmosphera de envolta com os perfumes da rosa, com os canticos do rouxinol, e com os raios da lua!

E, apesar d'isso, não deixam que outros, que se possam entornar sobre o papel, nos occupem ao mesmo tempo a imaginação.

Assim estava eu, torturando o espirito para obter uma idéa, e encontrando n'elle mundos de poesia, não digo bem, um chaos de poesia, cujo *fiat lux* eu nunca poderia descobrir.

De vez em quando revestia-me de animo, e tentava

levantar-me para ir fechar a janella! Mas a larangeira baloiçava-se e deixava cair uma chuva de perfumes, o rouxinol redobrava de gorgeiòs encantadores, os ramos da roseira prendiam-se, ao perpassar, no parapeito da janella, e deixavam ficar as suas rosas de cem folhas, purpureas e embalsamadas, a mirarem curiosamente o meu quarto; a lua desprendia indolentemente dos hombros o seu manto de luz, arrastava-o no firmamento, e eu caía desanimado na cadeira.

De repente senti aos meus ouvidos uma voz ligeira como um murmurio, que me fallava n'uma linguagem desconhecida, mas que eu, por uma intuição inexplicavel, comprehendi immediatamente.

Voltei-me, e, com grande pasmo, vi a bolsa verde em cima da mesa.

Era ella quem me fallava.

—Amigo, dizia-me a velha bolsa, tu valeste-me n'uma grande afflicção, e é justo que tenhas a recompensa. Queres escrever? A tua imaginação preguiçosa, enervada pelos effluvios d'esta noite de primavera, recusa-se a dictar-te o que deves lançar no papel? Eu substituirei a tua imaginação. Pega na penna, e escreve o seguinte no alto d'essa pagina branca «*Memorias de uma bolsa verde*».

Eu, estupefacto, obedeci machinalmente, e ahi vão ver os meus leitores o que a pobre bolsa velha me dictou. Desculpem os erros do auctor. Não ha nada que se pareça menos com um litterato do que uma bolsa. A razão é muito simples. A bolsa tem muitas vezes dinheiro, e um escriptor... Vamos ao assumpto.

III

«Gira, gira, agulha ligeira, impellida por mão tão delicada. Cinge a fragil seda em suave abraço, enlaça os tenues fios uns aos outros, e prepara esse corpinho gentil, a quem ha de o amor dar vida.

«O amor, sim. Não vês a loira cabecinha do anjo de meigo sorriso, debruçando-se por cima do hombro da tua formosa dona, a contemplar curiosamente os teus rapidos movimentos?

«Gira, gira, os instantes são preciosos, e póde subitamente chegar quem transtorne a surpreza tão cuidadosamente preparada! Gira, gira sem cessar, agulha, agulha subtil.

«Que suave serenidade transparece no limpido olhar d'aquella cuja mão febril te dirige! Quando um sorriso anima a graciosa physionomia, contempla-se com enlêvo o céo azul que lhe ri nos olhos, e as perolas, que os labios entre-mostram! A quem fôr perspicaz tambem esse sorriso mostra a alma, que é mais celestial do que o olhar, mais candida do que as perolas da boquinha.

«Mas a esse limpido firmamento doira-o agora o sol de um affecto suave, cujo brilho não é offuscado por nenhuma nuvem. Os seus raios aquecem-lhe o coração, e alegram-lhe ao mesmo tempo todos os horisontes da vida.

«Porque vem misturar-se, comtudo, uma inquietação febril com o sentimento de felicidade que lhe anima as feições? Oh! não receieis nada! Essa mesma inquietação é um prazer. Teme não ter completo o presente que desejava offerecer a seu marido, que fazia annos n'esse dia.

«E por isso a agulha girava, girava com impetuosidade, e os fios de seda agrupavam-se com uma ligeireza inconcebivel!

«Está a concluir-se a tarefa. A agulha approxima-se do sitio marcado. Um mate, um mate risonho lá surge no horisonte. Apressa-te, agulha, faze prodigios de celeridade. Em fim!

«Dera-se o mate. As doiradas borlas pregaram-se instantaneamente. Eil-o o gentil producto de oito dias de trabalho! A formosa senhora contempla-o com ternura. O amor sacode o regaço cheio de perolas, e em cada fio pendura uma caricia, em cada ponto faz pullular mil pensamentos apaixonados.

«O ente, que nascêra, era nem mais nem menos do que esta humilde bolsa verde que lhe está dictando essas linhas, senhor mandrião.

IV

Quando cheguei a este ponto interrompi eu a bolsa.

—Minha senhora, observei com a respeitosa cortezia qué um escriptor consagra ao narrador officioso que lhe conta uma historia, v. exc.ª tem fallado até agora n'uma linguagem que me tem penetrado de admiração, porque me parece biblica, e o emprego d'esse estilo é muito para apreciar n'uma bolsa que não foi contemporanea de Isaias. Mas se v. exc.ª antes de nascer falla n'esse tom, receio muito que, se continuar na ascensão, quando chegar á velhice, já os leitores, ainda que se mettam no balão de Nadar, não serão capazes de a seguir com a vista n'essas espheras inaccessiveis. Pedia portanto a v. exc.ª o favor de baixar o vôo á terra, algumas vezes, a fim de que os nossos leitores percebam alguma coisa do que se fôr passando, sacrificando por conseguinte o diploma de socia da academia... do amphiguri, que, segundo me parece, está em caminho d'obter. Desculpe-me esta ligeira observação.

A bolsa olhou para mim com modos um tanto severos, e respondeu:

—Admiro-me bastante de tu te queixares. Sabe que nem cheguei a dar-te uma ligeira amostra do estilo pomposo que eu deveria empregar, e que te poupei o prologo obrigado que precede lá entre vós outros, os homens, a

magra biographia d'aquelles, a quem nomeaes grandes, com a mesma convicção com que os antigos romanos faziam a apotheose dos Tiberios e dos Caligulas. Já vês que a rajada vae começar, e que se me excitas mais, bailam-te no meu discurso gregos, assyrios, indios, e hebreus. Mas voltemos ao que importa. Em logar de te queixares, devias-me agradecer o eu não te ter dito uma palavra só ácerca do estado da Europa na epocha do meu nascimento, nem de ter fallado nos grandes homens que se agitavam no mundo, em quanto a minha gentil creadora unia uns aos outros os fios que me haviam de formar. Podia fazer-te gastar com estes preambulos dez paginas pelo menos. Não o fiz, e tu accusas-me. Para te castigar não devia dizer nem mais uma palavra.

—Oh! por amor de Deus, continue v. exc.ª como quizer; estou prompto a admirar tudo quanto eu não entender nem v. exc.ª tambem. Estou esperando.

V

«Nasci, continuou a bolsa, e a minha vista não encontrou nada que a ferisse, nada que lhe repugnasse no quarto onde eu viera á luz. Tudo quanto me rodeava era delicado e luxuoso. No movel mais insignificante se denunciava a riqueza e bom gosto dos donos da casa. Eu repoisava mollemente no collo da minha dona, e os meus

membros recem-nascidos sentiram logo o suave contacto da seda. Um alegre raio de sol entrava pela janella, acariciava o meu corpinho verde, e fazia resplandecer as minhas borlas doiradas. As agulhas repoisavam ao meu lado, contemplando curiosamente a obra prima que tinham acabado de produzir. A gentil habitante do quarto beijava-me carinhosamente, e, beijando-me, murmurava estas palavras que eu conservei de cór:

—«Vae, pobre bolsinha, repoisar sobre o coração d'aquelle a quem tanto amo. Conserva a impressão dos meus beijos, e, quando elle te aproximar do rosto, oh! anima-te, por um milagre de amor, e sê tu a mensageira d'estes osculos que eu te confio. Dize-lhe, conta-lhe que em segredo trabalhava em te fazer *coquette*, elegante para seres digna d'elle. Olha, lê bem no fundo do meu coração, para poderes narrar ao meu esposo os thesouros de affecto que em mim se abrigam. Vae, e Deus queira que elle te ache a seu gosto, e te faça um bom acolhimento.

«N'este momento um rapaz, cujo labio superior era levemente assombreado por um bigodinho nascente, entrou, e, dirigindo-se á minha dona, beijou-a com ternura.

—«Que deliciosa bolsinha tu tens no collo! — disse-lhe elle. Foi presente ou compra?

—«Agrada-te? — tornou ella contemplando-o meigamente.

—«Acho-a lindissima.

—«É tua.

—«Minha?

—«Tua, sim. Não te lembras que dia é hoje? Com-

pletas vinte e dois annos. Trabalho ha oito dias a furto para te dar este presente. Sorria-me sósinha, quando pensava na surpreza que te ia causar, quando te désse a bolsa, e, saltando-te ao pescoço, te dissesse alegremente:—Ahi tens um presente da tua querida mulher, é para vêres que pensa sempre em ti.—E então agora não mereço um beijo em paga?

«E a galante senhora, unindo a acção á palavra, tinha-se pendurado do pescoço de seu marido, e contemplava-o com olhos humidos de ternura.

«Elle estreitou-a meigamente, e disse-lhe ao ouvido baixinho, e beijando-lhe os cabellos:

—«Amo-te, meu anjo da guarda! Amo-te e sou feliz, feliz com o teu amor.

—«E isso é dito com sinceridade?—perguntou ella, sorrindo travêssa.

—«Não sou eu quem falla, é o coração.

—«Sim? Sobre esse coração é que eu quero que esta bolsa ande sempre! Advirto-te que tenho dentro d'ella um genio familiar que me obedece, que ha de lêr atravez do teu peito, e que me ha de vir contar os segredos que tu julgares mais reconditos. Acceitas?

—«Que remedio, meu anjo! Venha esse gentil espião, cuja côr me anima já, porque é a côr da esperança. Hei-de-lhe dar o observatorio mais commodo que o meu casaco lhe podér proporcionar; telescopios não devem ser necessarios a quem possue a vista subtil dos espiritos. Mas por cavilloso o declaro, se elle descobrir no meu coração outra estrella que não seja a tua imagem.

—«Não gósto da comparação; as estrellas são sempre offuscadas umas pelas outras.

—«Mesmo quando essa estrella se chama *Venus?*

—«Viva! O meu maridinho a fazer madrigaes. Queres que eu continue no mesmo tom? Dir-te-hei n'esse caso que a Venus, mais do que a qualquer outra, succede o que acabei de dizer. Á tarde vem a lua offuscal-a, pela manhã o sol.

—«Não, minha querida, não succederá assim comtigo. Sempre viva, sempre pura a tua imagem resplandecerá no meu peito. É isto o que a tua bolsa te ha de dizer constantemente.

—«Querido Eduardo!

—«Querida Camilla!

—«Amo-te!

—«Adoro-te!

«E foi assim que eu passei das mãos da loira Camilla para as mãos do moreno Eduardo.

VI

«Não tive razão de queixa. O meu dono trazia-me nas palminhas. Quando saía, occupava sempre um logar de honra na algibeira do casaco, e alli ia eu, sentindo pulsar o coração de Eduardo, e regalando-me, porque estavamos no inverno, de caminhar bem abafadinha e conchegada, em quanto muitas das minhas irmãs estariam

talvez tiritando de frio nas algibeiras rotas dos seus possuidores. Que justo orgalho se apoderava de mim, quando Eduardo, sacando-me negligentemente para fazer alguma compra, me collocava em cima do balcão; como todos olhavam cubiçosamente para as minhas fórmas arredondadas, e que bello effeito que eu produzia com as libras que fulgiam atravez dos intersticios da sêda.

«Nunca me ha de esquecer a cara de piedade que fez a bolsa d'um empregado publico, a quem o acaso collocára junto de mim. Era uma bolsinha de lã, tão magra, tão magra, tão escorrida que mettia dó. Uns pobres meios tostões escondiam-se envergonhados no fundo, e alvejavam tristemente, aborrecidos da sua solidão. A pobre bolsa olhou para mim com uma certa inveja, e não me dirigiu palavra. O dono da loja comprimentou-me respeitosamente, e desviou com desdém a minha visinha. Ella não ousou protestar, e pôz-se de parte, esperando que eu me dignasse voltar ao meu alojamento ambulante! E eu ria-me e pavoneava-me toda ufana! Mal sabia que ainda havia de passar pelas mesmas humilhações!

«E o caso é que eu suppunha que todos esses comprimentos eram devidos á minha gentileza, á formosura da minha côr! E Eduardo julgava igualmente que era a influencia, que a sua pessoa exercia, a causadora das humilhações, do servilismo que o rodeiavam! Eduardo attribuia a si o que a mim era devido. Eu attribuia a mim o que era devido ás libras que eu abrigava, e as libras tambem attribuiriam á si o que se devia simplesmente á somma de gozos que ellas proporcionam. Todo o homem

se adora a si mesmo nos objectos perante os quaes se curva. O «eu» é o idolo constante da humanidade. O egoismo é o seu unico motor.»

E n'este ponto a bolsa philosophica soltou um profundo suspiro.

«Á noite, continuou ella, repoisava dentro da gaveta de uma linda secretária de pau rosa, e alli ficava até pela manhã tagarellando com umas cartas de amores, minhas visinhas, que me contavam os mil deliciosos segredinhos que lhes tinham sido confiados; e n'esta doce prática voavam para mim as lentas horas da noite.

«Comtudo, eu começava a presentir o meu futuro destino. Eduardo era o que vulgarmente se chama uma cabeça de vento. Frequentes vezes, e com as melhores intenções d'este mundo, se esquecia de mim, e me deixava ficar á noite em cima da mesa, em vez de me conduzir á minha deliciosa alcova da secretária.

«Uma vez, tendo acabado de fazer umas compras, deixou-me em cima do balcão. Não posso explicar a impressão dolorosa que senti quando o vi desviar-se distrahidamente, e quando reparei, olhando em torno de mim, nos ávidos olhares dos caixeiros. Segui-o tristemente com a vista, e já me ia a despedir d'elle para sempre, quando Eduardo, chegando á porta, mostrou recordar-se de alguma coisa, e, voltando-se precipitadamente, correu ao balcão. Deu logo com a vista em mim, que estava toda trémula de alegria, e, beijando-me fervorosamente, escondeu-me no seio.

«Infelizmente nem sempre lhe succederia isso.

VII

«Uma vez (sempre me hei de lembrar d'este dia nefasto) Eduardo, estando a fazer umas contas, tirou-me da algibeira e pôz-me em cima da secretária. Depois, a pouco e pouco, foi amontoando os papeis em cima de mim, de fórma que eu já parecia um pobre Encéladosinho de sêda, debaixo de um Etna de papelada.

«Quando acabou o que tinha que fazer, Eduardo levantou-se, e, como estivesse tocando a sineta para o jantar, foi para a mesa e não se lembrou mais da pobre bolsa.

«Por infelicidade, na vespera, tinham os donos da casa recebido a visita de uma joven viuva, muito galante, muito *coquette*, e que parecia desejar jungir ao seu carro de triumpho o marido de Camilla, sobre quem não se cansava de experimentar o effeito dos seus olhares cheios de fogo e de estrategia. Eduardo, como podem imaginar, nem reparára em similhante coisa; porém sua esposa, com a perspicacia de mulher, adivinhára tudo, e sentira o ciume, não digo bem, o despeito apoderar-se d'ella. Não sei a que proposito, Eduardo fôra-me buscar, e a joven viuva mostrou desejo de me vêr. Eduardo entregou-me cortezmente nas mãos da baroneza (a viuva era baroneza) e os seus dedos involuntariamente encon-

traram os dedos da gentil *coquette*. Um raio de indignação fusilou nos olhos de Camilla, a baroneza sorriu-se, Eduardo ficou impassivel, e eu previ uma proxima tempestade.

«Por isso, e apesar da mão da baroneza ser tão delicada e macia como a da minha creadora, apesar dos elogios que ella me prodigalisou, eu não fiquei satisfeita senão quando me vi livre da sua analyse.

«Mas d'esta vez foi a mão de Camilla quem me recebeu. Rapidos como o relampago, os dedos elegantes, que me tinham lançado ao mundo, adivinharam, antes d'ella a executar, a tenção que a baroneza formára de me entregar a meu dono, e apressaram-se em preceder a mão solícita de Eduardo.

«Devo confessar que, desde essa visita fatal, o bom humor de Camilla alterára-se sensivelmente, alteração cujas consequencias Eduardo soffria, com grande pasmo seu. Não podia comprehender o azedume que sentia em todas as palavras de Camilla, e, muitas vezes, espreitando pelo buraco da fechadura da minha gaveta, o vi de pernas cruzadas, e em attitude meditativa, perguntando a si mesmo quaes seriam os diabos azues que atormentavam sua esposa, e a elle por conseguinte.

«Depois de jantar, os dois esposos vieram tomar café para o sitio onde eu estava; a conversa que se travára entre elles affrouxava a cada instante, porque os esforços que Eduardo fazia para a sustentar eram completamente infructiferos, por causa da sequidão das respostas de Camilla.

«Acabaram de tomar o café, e Camilla foi-se encostar á janella.

—«Está uma tarde tão bonita! — disse Eduardo, não queres aproveitar este lindo dia de inverno para ires vêr os campos, que estão experimentando já os mantos verdejantes com que hão de comparecer na festa annual da primavera?

—«Está estragando commigo a sua poesia, respondeu Camilla sêccamente, guarde-a para as pessoas que quizer deslumbrar. Isso era bom quando me fazia a côrte.

—«E não sou eu sempre o mesmo, Camilla; deixaste tu um instante só de ser a noiva gentil que eu adorei, que adoro, e que sempre hei de adorar? Não sou eu sempre o namorado solicito dos primeiros tempos? Isso, a que se deu, por convenção, o triste nome de prosa do casamento, teve nunca entrada nos nossos corações?

—«Ah! Ah! que differença! O que me dizia então: «Oh! nunca me hei de separar de ti! Hei de estar sempre ao teu lado! Que valor tem o mundo inteiro junto do teu olhar?» E agora sáe quando lhe parece, anda por fóra o tempo que quer, demora-se a conversar com os amigos; porque sua mulher, essa não serve senão para estar n'um canto da casa, á espera que o *senhor* lhe faça a esmola da sua presença. Não é porque eu me importe com isso! Eu sim! É-me completamente indifferente! Nunca estou melhor do que que quando está longe de mim! Olhe, d'isso póde estar certo! Se fallei, foi porque me enraiveceu a sua hypocrisia.

—«Quanto és injusta, Camilla! Pois eu não desdenho tudo, tudo n'este mundo para estar junto de ti; não prefiro a todos os vãos divertimentos, a todos os prazeres a nossa deliciosa intimidade? E, quando os meus negocios me chamam fóra de casa, não me afasto de ti tão penalisado, e não aproveito a primeira occasião de me desembaraçar d'elles para correr alegre, satisfeito, risonho, a abraçar-te, a beijar-te, a testimunhar-te o immenso e inalteravel affecto que te consagro?

—«Negocios! que grandes negocios que tem! Quaes são elles? Talvez ir visitar a baroneza!

«Eduardo levantou-se, olhou fixamente para sua mulher, e disse:

—«A baroneza! A baroneza, por quê?

—«Foi a primeira pessoa que me lembrou, tornou Camilla fazendo-se ligeiramente córada.

—«Nada! Isso é um tanto inverosimil.

—«Inverosimil, porquê? — tornou Camilla irritando-se e fazendo-se vermelha de despeito. Talvez imagine que eu tenho ciumes do senhor. Que vaidade tão louca! que presumpção! que fatuidade! Ora esta! como logo suppôz que eu era ciumenta!

—«Mas, filha...

—«Ciumenta, e de quem? Ah! Ah! Ah! é de um ridiculo incrivel! Não querem vêr o formoso Richelieu, que anda semeando paixões por toda a parte! E julga talvez que eu me importo com similhante coisa! Namore á sua vontade! Faça o que quizer! Esteja certo que nunca me ha de dar cuidado! Convença-se... entendeu?

Convença-se bem de que nunca tive ciumes do senhor, porque eu nunca o amei! Foi uma predilecção passageira! Foi um capricho de que me arrependo!

—«Parece-me comtudo, tornou Eduardo ferido no seu amor proprio, que a união eterna de duas pessoas não é coisa tão ligeira que se possa decidir levianamente, e, se não sentias por mim o amor immenso que eu te consagrava, mais valia que me despedaçasses o coração, do que me dirigisses agora essas palavras amargas.

—«Então chegou o momento! Sempre fica sabendo que se enganou, quando suppôz que eu tinha ciumes da baroneza.

—«Mas foi coisa em que não fallei, filha, bradou Eduardo um pouco impacientado.

—«Bem o deu a entender! Não o disse, mas pensou-o. E então escolheu bem a pessoa que me poderia tornar zelosa! A baroneza, uma tola presumida, uma *coquette* insupportavel, que não tem nem belleza, nem espirito, nem graça, nem elegancia, mas que possue em compensação uma vaidade immensa.

—«Pobre baroneza!

—«Defenda-a, ande! então porque a não defende? É o que lhe falta unicamente! Ouse tomar, diante de sua esposa, o partido de uma mulher como é a baroneza.

—«Ih! Jesus! Camilla! Eu não tomo a defeza de pessoa alguma. Mas tu fallas da pobre senhora, como se lhe tivesses um odio mortal.

—«E tenho, bradou Camilla erguendo-se com os dentes cerrados e os olhos fusilantes, tenho odio a essas mu-

lheres de maneiras affectadas, de olhares languidos, de vistas fascinadoras, deslumbrantes na apparencia, grosseiras na realidade, a quem os homens seguem tolamente, como as borboletas seguem a luz, ainda que essa luz emâne de uma candeia afumada. Quando ella hontem quiz vêr a bolsa que eu fizera, tive tentações de a rasgar, para lhe poupar uma profanação. E a proposito, onde a tens tu?

«Eduardo, ao ouvir esta pergunta, que parecia dever servir de transição para uma conversação mais serena, começou-me a procurar alegremente por todas as algibeiras. O acaso fôra-me collocar muito mirrada na extremidade da secretária. No remexer dos papeis eu tinha quasi caído ao chão; felizmente ou infelizmente, um resalto da secretária tinha-me retido, e eu alli ficára suspensa por uma das borlas, estando esta de mais a mais completamente occulta por um fragmento microscopico de papel. Da posição em que eu estava, podia vêr e ouvir tudo, sem que ninguem me podésse divisar.

«Quando Eduardo começou a revolver as algibeiras não pude deixar de me rir. Era tão comico o espanto d'elle, quando, depois de ter esquadrinhado minuciosamente todos os cantos do seu fato, não encontrava coisa alguma, que eu, ignorando ainda quaes seriam as consequencias d'aquella scena, ri-me a fartar.

«Camilla contemplava-o com um sorriso ironico, e batendo o compasso com o pé no sobrado da sala.

—«Talvez lhe esquecesse lá por fóra!—disse ella accentuando muito as palavras.

—«E' impossivel; lembro-me perfeitamente de a ter n'esta algibeira. Já depois de estar em casa eu a vi, e até lhe peguei.

—«Talvez a tivesse confiado a alguem!—tornou Camilla com o mesmo sorriso estereotypado nos labios.

—«A quem?—perguntou Eduardo com a maior ingenuidade.

—«Eu sei! A alguem que a visse, que gostasse d'ella, e que a desejasse conservar por algum tempo.

—«Ora essa! Não pódes suppôr que eu fizesse tal!

—«E por que não? Os homens julgam que tudo lhes é permittido.

«Mas Eduardo não a ouvia. Tinha-se recordado das contas que fizera, e tinha corrido a revolver os papeis que estavam em cima da secretária. Eu, que via a má figura que o negocio ia tomando, não desgostei de que elle tomasse aquella resolução.

«Comtudo, debalde Eduardo deitou ao meio do chão toda a papelada com uma impaciencia febril, debalde tentou, depois de os ter reunidos, separal-os um a um. Eu não apparecia; prêsa na minha esquininha, sem poder revelar por fórma alguma onde estava, assisti, espectadora muda mas não indifferente, áquella caçada férvida, em que tanto interesse tinham em se encontrar a caça como o caçadór, mas que apesar d'isso ficava sem resultado. Vi os papeis, impellidos pela mão de Eduardo, revolutearem nos ares em torno de mim, senti a sua mão impaciente poisar em cima das minhas borlas, sem saber que estava a meia pollegada de distancia da extremidade

dos seus dedos o objecto que tanto procurava. E elle bafejava-me com o halito e não tinha um presentimento que o advertisse, desviava com a mão trémula os papeis que me encobriam, e de nenhum d'elles saía uma voz mysteriosa que lhe dissesse: «Para conseguires esse thesoiro, que tu pagarias agora com dez annos da tua vida, basta-te abaixar a cabeça, e estender a mão.»

«Finalmente Eduardo, pállido, com a fronte inundada de suor, deixou-se cair prostrado em cima de uma cadeira, e, dirigindo-se a sua mulher, disse com voz sumida:

—«Creio que a perdi.

«Camilla não se pôde conter. As lagrimas, tanto tempo retidas, rebentaram finalmente, e inundaram-lhe as faces.

—«Era isso que eu esperava havia muito tempo, bradou ella com voz entrecortada. Eis a resposta com que não só pagam a minha dedicação, mas tambem com que pretendem illudir a minha boa fé. Anda! trabalha com amor, com alegria, despende n'essa pobre bolsinha thesoiros de affecto, sorri só ao pensares que essa obra das tuas mãos vae ser a constante companheira d'aquelle em quem tu só pensas, por quem tu só vives, cuja apparição te enche de prazer, cuja ausencia te faz ficar immensamente triste. Ai! quanto te illudes, pobre louca, esse teu mimo ha de ser desprezado, porque tu tens esse titulo malfadado de esposa, e o amor conjugal é uma coisa altamente ridicula. Acceitam com desdém o teu presente, e vão depressa offerecel-o á primeira namora-

deira que prender, nas suas rêdes vulgares, a ave fugida do ninho da familia, ninho cuja prisão lhe é insupportavel. Devia ser esta a minha sorte. Ninguem se exime a ella.

—«Ih! Jesus! Ih! Jesus! — dizia o pobre Eduardo com as mãos na cabeça; mas, filha... eu sou um estouvado... a bolsa ha de estar por ahi... Da nefanda traição de que me accusas é que sou completamente incapaz.

—«Traição! — tornava Camilla procurando, sem o conseguir, conter o pranto; póde-me trahir á sua vontade que me é completamente indifferente. Engana-se se julga que eu dê o menor apreço á sua fidelidade.

—«Mas n'esse caso porquê?

—«Cale-se! Diga-me! zombaram bastante de mim? Riram-se das minhas criancices? Quantas caricias lhe valeu esse sacrificio tão pouco custoso?

—«Isto é demais! Juro-te...

—«Cale-se. Quanto mais jura mais mente. Tambem me jurou amor eterno, e...

«E a pobre senhora desatou a soluçar, e caíu sentada n'uma cadeira. Eduardo, com as lagrimas nos olhos, ajoelhou aos pés d'ella, e exclamou com voz commovida:

—«Camilla, não chores, que me despédaças o coração. Sou um grande criminoso, mas não mereço castigo tão cruel. Bem sabes que o amor que te consagro é immenso, é exclusivo, e que, desde que te conheço, nunca mais ergui os olhos para outra mulher. Camilla...

«Mas esta levantou-se enxugando as lagrimas, e disse-lhe com modo friamente desdenhoso:

—«Aproveite a inspiração para algum arrufo que tiver com a baroneza.

«E saíu da sala, deixando ficar o pobre Eduardo com um joelho no chão, as mãos erguidas, a bôcca aberta, espantado, aterrado, paralysado, petrificado, estupefacto!

«Finalmente levantou-se, dirigiu-se de novo á secretária, e procurou entre os papeis. Com o revolver caíram alguns, e eu caí d'envolta com elles; o acaso fez-me ainda ficar tão mirrada entre duas folhas, que, quando Eduardo veiu procurar ao chão, escapei com grande desespero meu ás suas pesquizas. Um tal accesso de desespero se apoderou do meu dono, que, pegando n'um grande mólho de papeis, no meio dos quaes ia eu, sem elle o saber, amachucou-o, e depois, enraivecido, atirou-o pela janella fóra. O vento desfez o mólho, e n'este instante ouvi dois gritos, um de Eduardo, outro de Camilla que estava n'uma outra janella por traz dos vidros.

«O vento forte, que soprava, tinha-me separado dos papeis, meus involuntarios carcereiros, eu caía, magestosamente isolada, á vista dos dois conjuges, sobre as pedras da rua.

VIII

«Nunca vim a saber o que se passára na casa, d'onde fôra tão bruscamente, e tão involuntariamente expulsa! Apenas eu cahira no chão, um gaiato de pé descalço, que passava por acaso, abaixou-se, apanhou-me, e largou a correr, apertando-me nas mãos, com uma tal velocidade, que, por mais ligeiro que fosse Eduardo em me vir apanhar, logo percebi que não havia esperança alguma de que o conseguisse.

«A corrida era desenfreada. Apertada na mão callosa do garoto, eu, habituada ao fino contacto das mãos aristocraticas, que até ahi me tinham manuseado, sentia dores atrozes, e uma profunda humilhação. Eu, a favorita dos opulentos, tratada assim tão irreverenciosamente por um rapaz pertencente á escoria da sociedade! Ao meu passado de gavetas de secretárias, de sophás, de divans, de tapetes, ia succeder um futuro de palheiro, de calças esfarrapadas, de degraus humidos de escadarias. As feridas, abertas na minha pelle, tão cuidadosamente curadas e cicatrisadas pela minha senhora, iam agora ser abandonadas, e talvez alargadas pelos dedos travêssos do rapaz da rua. Tudo isto ia eu pensando, em quanto o meu roubador corria a bom correr, primeiramente pelas ruas da cidade, e depois já pelo campo.

«Ninguem se tinha importado com elle. Um rapaz descalço á desfilada, não é um caso tão grave, e tão raro, que os encarregados da policia descessem da sua dignidade, para inquirirem o que motivára a carreira despedida em que elle ia.

«Chegou ao pé de uma fonte, e, pensando provavelmente que já estava fóra do alcance de seus perseguidores, entendeu que podia descançar. Por conseguinte estirou-se em cima da relva, e tirando da algibeira um lenço muito esfarrapado, começou a limpar o suor que lhe escorria pelas faces.

«Estavamos já nos primeiros dias da primavera, e os campos revestiam-se de um manto verdejante, que os malmequeres e as boninas esmaltavam. A agua da fonte corria com um doce murmurio, e myriadas de insectos com as azinhas doiradas pelo sol, esvoaçavam zumbindo pelo prado. O sopro, mysteriosamente vivificador, da primavera percorria a creação.

«O meu novo possuidor deitára-se, como já disse, em cima da relva, e collocára-me ao seu lado. Para mim tudo quanto me rodeava era completamente novo. Eu nunca tinha sahido da cidade, e o aspecto dos campos enchia-me de prazer. Parecia-me que respirava um outro ambiente, que via um ceu mais largo, mais azul! Um enxame de novas sensações se agitava dentro de mim.

«Assim estava eu boqui-aberta, olhando para tudo com uma alegre curiosidade. As feveras de herva que se agitavam em torno, mettiam as suas cabecinhas tambem curiosas pelos intersticios da seda, a fim de observarem

que monstro desconhecido eu era. As boninas, *coquettes* como todas as flores, mostravam-me com desvanecimento a sua formosura, para verem se d'ellas me enamorava. Era a tentação, que todas as formosas sentem, de fascinar os estrangeiros. Os dois proverbios: «Ninguem é propheta na sua terra» «Santos de casa não fazem milagres», são n'este caso da mais escrupulosa exactidão. As abelhas, que vem de fóra, extrahem mais depressa a essencia das flores, do que as que pertencem á colmeia do jardim.

«Eu sentia correr um indizivel murmurio pelo prado. O vento, acamando a relva e as florinhas, perguntava-lhes, no seu dialecto incomprehensivel, que vós não entendeis, mas que para todas nós é clarissimo, quem era a recem-chegada. E os bichinhos pequeninos, que arfavam debaixo de mim, respondiam que era o Hymalaia, e os insectos zumbidores respondiam que era uma grande flor verde com estames de oiro.

«O que é certo é que eu consubstanciava-me de todo com a relva que me cercava. Egualmente verde, não transtornava em nada a unidade do tapete, e as minhas borlas de oiro matizavam-n'o agradavelmente.

«Assim estava n'aquelle *dolce far-niente*, e confesso que, apesar de me lembrar de vez em quando dos donos que me eram tão affeiçoados, e de quem me tinha separado, as saudades que sentia eram attenuadas bastante pelo prazer completamente novo que me embriagava.

«Mas aquelle ocio não podia durar sempre. O Tytiro, que me apanhára, não estava muito disposto a repoisar

sub tegmine fagi, mais do que convinha á sua indole vagabunda, e depois de ter saboreado, por espaço de dez minutos, quando muito, as delicias da posição horisontal succedendo á rapidèz da corrida, levantou-se, dirigiu-se á fonte, encheu de agua a palma da mão, disposta para esse fim, levou-a á boca, bebeu, repetiu por duas ou tres vezes esta operação, e depois, dirigindo-se a mim, levantou-me do chão, e foi-me levando socegadamente pelos campos fóra.

«É tempo agora de descrever o meu novo dono. Era um rapazito dos seus quatorze annos, de rosto alegre e queimado, com uns olhos negros muito vivos e rasgados, uma boca grande, que parecia estar sempre preparada para as gargalhadas. Todo o seu fato consistia n'umas calças rotas, n'uma camisa muito suja, e n'uma jaqueta tão arremendada, que era um verdadeiro mosaico, porque creio que tinha todas as côres do espectro solar, e todas as combinações que com ellas se podem fazer. Um bonet, que estava rodeado por uma densa armadura de sebo, occupava o alto da cabeça; porque julgo não haver exemplo de ter sido collocado na posição habitual, e a testa do garoto, se lhe dissessem que este possuia um bonet, estou que ficaria summamente espantada.

«E lá ia elle por ahi fóra, baloiçando o corpo a compasso de uma cantiga, devida ao seu genio musical, distrahindo-se no caminho a apanhar borboletas, a atirar pedras aos cães, fugindo depois a bom fugir quando estes o perseguiam ladrando, trepando acima das arvores da estrada a espreitar se já haveria ninhos entre os seus ra-

mos, cobertos de novas folhas, e saltando os muros dos pomares, para se ir empoleirar nas larangeiras, trincando as laranjas verdes ou maduras, que se lhe deparavam.

«Devo confessar que a minha situação durante estas excursões, motivadas pelos entretenimentos do meu dono, não era das mais invejaveis, e que bastantes vezes amarguei o gosto que sentira, respirando o ar dos campos. Com effeito o gaiato attendia mais aos seus prazeres do que ás minhas commodidades, e nem posso descrever os sustos que curtí, quando os cães corriam atraz de nós, e que eu via os seus dentes agudos, que seriam capazes de me despedaçar n'um segundo; a triste impressão que eu sentia, vendo as borboletas tão gentis, tão galantinhas, nas garras do seu caçador cruel; as dores que me faziam os esgalhos das arvores, rasgando-me sem piedade, em quanto elle subia descuidoso, indifferente afastando a ramaria, para ver se, n'alguma verdejante alcova, não teria ido a carinhosa mãe dos passarinhos depôr o berço gentil, que as auras embalariam.

«Sobre tudo o que me atormentava era o costume que elle tinha de saltar os muros dos pomares para se ir sentar nas larangeiras, a fartar-se d'esses pomos, que a antiguidade chamou aureos por serem vermelhos, e que o seu Camões asseverou terem

A cór que tinha Daphne nos cabellos;

o que é pouco lisongeiro para a belleza d'essa nympha, que vinha a ser hyper-ruiva, se acreditarmos as asserções do cantor dos *Lusiadas*.

N'este ponto tornei eu a interromper a bolsa tão prodiga em reflexões.

—O espanto, em que me colloca a sua erudição, impede-me de reprehender energicamente o tom com que falla n'essa gloria nacional. Mas diga-me quem a fez tão instruida?

—Não anticipemos os acontecimentos, como diria o Visconde d'Arlincourt, respondeu-me a bolsa.

—O quê? Pois tambem leu ou ouviu os romances do visconde d'Arlincourt?

—Então! meu amigo, tornou-me a narradora, suspirando, nem tudo são rosas na instrucção.

—Bem, continue.

«Como já disse, esse costume do meu dono incommodava-me sobremaneira; porque a escalada tinha para mim todos os seus inconvenientes, e muitos mais, sem ter nenhuma das suas vantagens. Em primeiro logar a subida pelo muro era summamente incommoda; porque o bom do meu amigo, tendo todas as algibeiras rotas, e, por conseguinte, não me podendo confiar a nenhum d'esses toneis das Danaides, de que as suas calças e a sua jaqueta estavam tão amplamente providas, levava-me na mão, apertava-me sem ceremonia de encontro ao muro, e esmagava-me, torturando ao mesmo tempo uma pobre meia coroa, que eu tinha dentro de mim, e que eu sentia, de afflicta, resmungar no meu seio.

«Depois, quando, á força de trabalhos e de arranhões, chegavamos ao cimo do muro, novos desastres nos esperavam. Garrafas partidas formavam uma especie de ne-

gra palissada, dispostas d'aquella maneira para enterrar os seus dentes agudissimos nos aventureiros que intentassem a conquista. Mas o meu dono, que era, segundo parece, já pratico n'aquelles assedios, tinha tomado as suas precauções, e foi então que eu vi que não era só a questão das algibeiras que o inhibia de me resguardar, mas sim tambem uma questão de defesa propria. Eu, malfadada, servia-lhe de escudo! Eu era, para assim dizer, o *césto*, á sombra do qual o maroto jogava o murro com as paredes. N'uma das mãos ia eu, na outra o lenço de assoar muito embrulhado. A mão, que eu protegia, era ainda assim a que estava resguardada melhor; porque o tal lenço, para fallarmos verdade, parecia a moldura de um quadro ausente; um immenso rasgão formado por uma multidão de rasgõesinhos que se tinham annexado, occupava o centro, rodeado em toda a extensão por uma pobre tira. Creio que a historia d'essa transformação se póde explicar geographicamente. Imagine que o lenço ao principio se assimilhava com aquelle territorio da America do Norte, onde existe o lago Ontario, cercado de muitos outros. Supponha que um grande cataclysmo rasgava os terrenos que separam esses lagos, e que as aguas trasbordando, e unindo-se, formavam um verdadeiro mar no genero do mar Caspio. Ahi tem o que succedeu com os rasgões do lenço do garoto.

—V. exc.ª permitte-me, interrompi eu, que a proponha para socia do Instituto Geographico de Paris?

—Muito obrigada! Não estou agora decente para entrar n'uma academia.

—Pelo contrario, minha senhora, tornei eu, as bolsas vasias devem ser, da mesma fórma que as cabeças, as que mais depressa sejam admittidas n'essas sociedades sabias. Póde continuar.

«Não findavam aqui os meus soffrimentos. Experimentava alguns rasgões, mas consolava-me com o pensamento de que o meu sacrificio era util ás mãos do meu dono, por quem eu professava uma secreta e inexplicavel sympathia. É verdade que o demonico do rapaz parecia não se affligir muito com as arranhadellas que recebia. A mão esquerda, confiada á protecção nominal do lenço de assoar, chegava toda em sangue, e isso, em vez de lhe diminuir a alegria, parecia augmentar-lh'a e dar melhor sabor ás laranjas com que se fartava.

«Ahi se empoleirava elle, por conseguinte, sentando-se no ponto de união de dois ramos, toucado de folhas, balóiçando os pés no ar, e enviando as mãos em toda a direcção, a fazerem uma atrevida *razzia* aos taes pomos de oiro do antigo jardim das Hesperides. E quer as laranjas estivessem ainda verdes, e por conseguinte amarellas (n'esse caso tem razão Camões e a antiguidade), quer estivessem já em pleno sazonar, e por conseguinte trajassem a purpura que merecem, como rainhas que são de todas as fructas, o meu bom gaiato apanhava-as sempre com uma imparcialidade digna de especial menção, e, ministro justiceiro dos negocios do seu estomago, escolhia para funccionarios todos os fructos, sem distincção de côres.

«Era um bello espectaculo o d'esse rapazito roto, es-

farrapado, mais feliz no seu throno de cortiça do que os reis no seu throno de oiro, comendo as laranjas do proximo com mais satisfação, de certo, do que a que sente o czar da Russia ao devorar o producto dos roubos de que é victima a infeliz Polonia.

«Mas por fim de contas vinha a ser eu quem soffria as más consequencias dos prazeres do meu senhor. Para poder comer á sua vontade, o meu amigo largava-me e pendurava-me no primeiro ramo que lhe ficava á mão. O vento baloiçava o ramo; ás vezes um gatinho, que andava passeiando por cima dos muros, vendo-me ondular na extremidade, saltava e principiava a brincar comigo. A isto reunia-se o susto de me ver n'uma altura para mim desmesurada. Era necessario que os latidos de um cão de guarda viessem inquietar o meu dono, para que elle se lembrasse de me tirar da minha incommoda posição, a fim de operar a sua retirada.

Já vê, por conseguinte, que a minha existencia aventurosa, se tinha as suas vantagens, tinha tambem os seus inconvenientes.

IX

«O meu possuidor reconhecera, desde o primeiro momento, que eu não estava vasia, mas ainda se não déra ao trabalho de verificar a quanto montava a sua nova riqueza. Finalmente, depois de estar saciado de laranjas, cançado de trepar ás arvores, entendeu que era já tempo de attender aos negocios do thesouro. Sentou-se por conseguinte n'uma pedra da estrada, abriu-me com toda a gravidade, e tirou de dentro triumphalmente a moeda de cinco tostões.

—«Olá! um *caiado!*—bradou elle com alegria, e para demonstrar melhor o seu regozijo entoou a aria da *Saloia*, e atirou commigo ao ar a uma distancia immensa, com grande desespero meu, porque vim assustadissima, aos trambolhões pelo espaço, cair na mão aberta do garoto.

«Este não ficou em contemplação diante do seu thesouro; metteu-o outra vez no sitio em que estava, levantou-se, e continuou o seu caminho, cantando com uma voz de Stentor, atirando commigo ao ar, e tomando, para me receber, attitudes de tambor-mór.

«A estrada, que se ia approximando da cidade, ia sendo tambem mais frequentada. Os caminhantes multiplicavam-se, e as casas começavam a apparecer. Nem por isso o gaiato deixou de cantar a *Saloia* a plenos pulmões,

com grande escandalo das velhas sentadas nos degraus das portas, que acompanhavam cada estrophe da aria popular com um desafinadissimo côro de imprecações.

—«Valdevinos!—Bregeiro!—Gaiato sem emenda!—D'onde vens tu, maroto?—Ah! boà sova!—Fosse eu tua mãe que te havia de moer o corpo com pancadas!—Só se perdiam as que caissem no chão!—D'onde vens tu, desavergonhado, vens de roubar laranjas?—Tu vaes direitinho para o inferno!—*Berzabum* te valha, démo pequeno! —O descarado vem a cantar para quebrar a cabeça ás almas christãs!—Quem te pozesse uma farda ás costas!

«E outras amabilidades de egual jaez, a que elle só respondia, grave e serenamente, com esta invariavel apostrophe:

—«Eh! bruxas!

«Quiz o acaso que passasse ao nosso lado um sujeito gordo, com umas barbas de phariseu, uns olhos esgazeados e orlados de vermelho, uma d'estas physionomias baixamente orgulhosas, onde se lê ao mesmo tempo o servilismo para com os poderosos, o desabrimento para com os humildes. Desbarretava-se até ao chão quando passava alguma carruagem, onde ia pessoa conhecida d'elle, e correspondia ligeiramente á saudação dos pobres trabalhadores, que levantavam o chapéo, com aquelle ar gravemente cortez dos homens do campo, para lhe dizerem:

—«Guarde-o Deus, senhor Domingos Gil.

«Para o meu gaiato, vêl-o, e conceber a idéa de lhe fazer alguma, foi acto simultaneo. Com um sorriso malicioso nos labios enrolou-me na mão muito bem enrolada,

de sorte que só ficasse de fóra o sitio onde estavam os cinco tostões, e approximando-se, pé ante pé, do empavezado passeiante, ergueu a mão, vibrou-me com toda a força, e fez-me desabar, indo a meia corôa de esquina, na copa do chapéo do gorducho.

«A *gebada* foi magistral; o chapéo enterrou-se até aos olhos; e em quanto o dono d'elle, espumante de raiva, procurava desembaraçar a cara d'aquelle inesperado involucro, o rapaz poz-se fóra do seu alcance, e, já lá muito ao longe, ouviu as exclamações furiosas da sua victima, que ameaçava prendel-o, matal-o, enforcal-o, esquartejal-o.

«O homem ficára desesperado. Pois não tinha razão; o seu chapéo, como sempre, tinha-se curvado ao dinheiro.

X

«Livre de perigo, o meu dono, reflectindo no caso, houve por bem rir-se ás gargalhadas do que praticára. Com effeito merecia a pena. Eu, apesar de ter padecido, não desgostei da correcção.

«Depois de se rir á vontade, entendeu o auctor da *gebada* que não poderia ser completa a sua satisfação se não visse a cara do paciente depois do castigo. Reflectiu como poderia conseguir vêl-o sem ser visto, e como a fim de reflectir melhor, quando olhava para o céo a pro-

curar inspiração, deu com a vista n'uma arvore que se erguia mesmo ao seu lado. Vêl-a, e trepar a ella, foi uma e a mesma coisa. O mirante era optimo, bem arejado, completamente resguardado da curiosidade dos profanos, proporcionando ao seu habitador provisorio um delicioso panorama para se entreter em quanto não passasse aquelle a quem esperava. Attendendo pois ao merecimento e mais partes que concorriam na pessoa da dita arvore, estabelecemo-nos n'ella sem ceremonia, eu n'uma caminha de folhas, elle encostado a uma especie de janella verdejante, d'onde via optimamente tudo quanto se passava na rua.

«Assim, todo escondido, de joelhos, com a sua physionomia curiosa e maliciosa á espreita por entre os ramos, parecia um macaquinho agil, que espera occasião propicia para apanhar um fructo que lhe fica distante.

«Por baixo de nós um pobre velho, pallido, magro, macilento, mostrando no rosto a timidez envergonhada d'aquelles que um soffrer verdadeiro obriga a pedir esmola, estendia o chapéo a quem passava. Lagrimas silenciosas lhe deslisavam nas faces encovadas; o sêllo da desventura estava gravado na sua fronte livida. Os cabellos brancos, que o vento agitava, cingiam aquelle infortunio de uma aureola de magestade. Era augusta aquella miseria!

«Comtudo, nenhum dos que passavam deixava cahir uma pobre moeda de cobre n'aquelle chapéo supplicante, que se lhes estendia. Uns seguiam desdenhosos o seu caminho, sem responderem sequer com um gesto á muda rogativa do mendigo! Outros, um pouco mais humanos,

faziam distrahidamente um gesto negativo, levando ao mesmo tempo a mão ao chapéo. Outros, mais caritativos ainda, murmuravam «Tenha paciencia» ou «Não levo troco», e todos diziam, lá de si para si, a phrase conhecida: «Este maroto provavelmente tem mais dinheiro do que eu. Desavergonhado! Abusarem assim da caridade publica! Os que mendigam não são os que precisam; nas aguas-furtadas é que se aninha a verdadeira pobreza».

«Ah! miseraveis! que fingís pensar que é um officio divertido o expôr-se um velho, alquebrado de forças, ao sol, ao vento, á chuva, ás humilhações, ao desprezo, para fazer uma pobre colheita de dez ou doze moedas de cinco reis, e ás vezes de nenhuma! E a chuva a inundar os membros mal resguardados do pobre pae de familias! E o sol a abrazal-o! E a imagem dos seus filhinhos, lividos e esfomeados, a despertar-se-lhe na imaginação, e a redobrar-lhe as amarguras!

«Porque vós não sabeis, ou antes fingís não saber, vós que julgaes que esse homem vem pedir esmola para se ir embebedar na taverna proxima, não sabeis que ha n'algum canto obscuro e doentio da cidade uma familia de espectros, que espera anciosamente a volta d'aquelle a quem despedís com as mãos vasias! Não sabeis, vós que accusaes de falta de resignação, de falta de animo, o pedinte que vos exora com as lagrimas nos olhos, não sabeis que lhe foi necessario mil vezes mais valor para se embrulhar na pobre capinha, sair furtivamente do misero alojamento, e ir collocar-se, espectro da miseria, ás portas da opulencia, do que lhe seria preciso para se despenhar da ja-

nella da sua agua-furtada e despedaçar a cabeça nas lages da rua!

«Continuemos.

«Todos passavam, como já disse, e ninguem dava sequer ao pobre velho a esmola de um olhar de compaixão. O meu gaiato mirava-o de vez em quando.

«Passou finalmente o snr. Domingos Gil. O pobre velho estendeu-lhe o chapéo, murmurando mansinho:

—«Uma esmola por amor de Deus. Meus filhos morrem de fome.

«O snr. Domingos Gil vinha, como facilmente imaginará, de muito mau humor. Trazia a *gebada*, para assim dizer, atravessada na garganta. As sobrancelhas franzidas, o olhar fusilante, a cara fula de raiva, denunciavam o rancor que o consumia. O chapéo, ainda um pouco amolgado, tambem mostrava resentir uma nobre indignação.

«A voz do mendigo como que abriu no snr. Gil uma valvula de segurança, por onde pôde sair uma porção de cólera, que, mais tempo contida, o faria rebentar. Evitou-se d'esta fórma uma grave perda para a humanidade.

«O snr. Gil desabafou, bradando, ao passo que desviava bruscamente o chapéo do pobre velho:

—«Sucia de mandriões! Estão estes marotos á esquina de todas as ruas, para nos roubarem o dinheiro que nos custa a ganhar com o suor do nosso rosto! Vossê não tem vergonha de pedir esmola? Vá trabalhar, ou metta-se no hospital, se está doente, ou vá para o asylo! Está o governo a pagar um bom par de contos de reis alli em Santo Antonio dos Capuchos, e pessoas ricas a deixarem quan-

tias avultadas, que bem tolo é quem cáe em tal, não ha de ser nunca o meu dinheiro que elles hão de apanhar; mas está alli aquelle estabelecimento prompto a receber todo o fiel patife que não tem eira nem beira, para quê? Para andarem estes velhacos a incommodar-nos. Fosse eu da camara municipal! Rêde para os cães, rêde para os mendigos. Vá para o demonio! Não lhe dou nem cinco reis! Canalha!

«E o digno homem continuou magestosamente o seu caminho.

«Uma lagrima caíu das palpebras abrazadas do velho! Fez um gesto de resignação, e deixou pender a cabeça sobre o peito.

«E a noite estendia já sobre a terra o seu manto negro. A noite com o seu duplo cortejo de alegrias, de festas, de prazeres, de suspiros enamorados, e de tristezas, de crimes, de horrores, de soluços da miseria! A noite, fada mysteriosa, e negra feiticeira! A noite que se deixa illuminar pelo lustre dos salões, e pela candeia das aguas-furtadas, mas felizmente tambem e em toda a parte pelo fulgor das estrellas, que é o olhar de Deus.

«E o velho scismava tristemente. Não tivera resultado o sacrificio! Nem um pedaço de pão podia levar aos filhos esfaimados! Tristeza! A brisa soprava asperamente, e elle não a sentia! As lanternas das carruagens que passavam pareciam olhar para elle ironicamente, mas as estrellas, essas miravam-n'o tristemente.

«E o velho scismava! A pobre agua-furtada, onde vivia, representava-se-lhe na imaginação! Via a filha doen-

te, ella que á força de trabalho sustentava os irmãos, os pobres innocentes, que pediam de comer! E elle, o triste velho, ia-lhes apparecer sombrio, para lhes dizer: «Morrei, não tenho que vos dar»!

«Então pareceu-me ver na fronte do garoto surgir uma estranha aurora! Immovel na arvore, contemplava o pobre velho, e a sua physionomia maliciosa tornava-se pensativa! Eu tinha-o ouvido durante o caminho fazer mil projectos para o emprego dos cinco tostões, comprar bolos, ir ao theatro, alugar um burro, mil extravagancias que elle acariciava com o amor de criança! N'aquelle momento não trocaria os cinco tostões por um imperio!

«Depois de contemplar por um instante o velho, estendeu a mão para mim, tirou-me do ramo, e deixou-me cair no chapéo do mendigo.

«E depois de ter gozado por um instante da estupefacção do pobre homem, deixou-se escorregar da arvore, e escapou-se sorrateiramente.

«O garoto desapparecêra; mas quem olhasse bem podia ver alvejarem vagamente, na escuridão nocturna, as azas luminosas do anjo da caridade.

XI

«Quando me achei no chapéu, e depois na mão do pobre velho, a primeira sensação foi a da alegria, a do desvanecimento. Parecia-me que eu tambem participára da boa acção do rapaz, e que me competia uma parte dos agradecimentos que lhe eram devidos. O que estava longe de esperar, é que seria eu quem os receberia todos.

«Com effeito o pobre velho, depois de olhar muito tempo em torno de si, depois de mirar bem a arvore, cujos ramos se estendiam sobre a sua cabeça, concluiu por attribuir ingenuamente a um milagre da Providencia o beneficio que recebêra; e, depois de ter reflectido bastante tempo, convenceu-se devéras de que a bolsa lhe caíra do céo, e tão arraigada conservou esta convicção, que ninguem seria capaz de lh'a arrancar. Veneravel candidez de crenças! Não se importou com o pensamento de que não valia a pena fazer um milagre para dar cinco tostões, e que, ainda que o céo estivesse inclinado a economias, não era natural que a Providencia tomasse a precaução de collocar a sua esmola dentro de uma bolsa de seda verde.

«A tudo isso responderia elle que a menos que a bolsa não se formasse no ar, e caisse por si mesma, ou que existissem actualmente arvores com esse fructo, esse dinheiro não podia vir senão do céo. E vinha com effeito.

«Por conseguinte o bom do velho, passando do immenso desalento á immensa alegria, ajoelhou, beijou-me fervorosamente, depois levantou-se. e correu com uma ligeireza de rapaz a fazer as compras necessarias á sua pobre familia.

«Foi então que eu me pude convencer de que não eram a mim que se dirigiam, no tempo da minha prosperidade, os comprimentos que tanto me enchiam de orgulho, mas sim e unicamente á opulencia que eu representava. Foi essa uma desillusão fatal, e que me causou uma tristeza pungente! Ah! meu amigo, bastára esse dia para eu conhecer o egoismo dos homens. Desde o instante em que eu saíra da casa em que nascêra, no curto espaço de duas ou tres horas, que de amargas lições, que de tristes ensinamentos!

«Nas casas em que entrava com o meu pobre possuidor, ninguem olhava para mim, assim como ninguem olhava para elle. N'uma loja de capellista onde o velhinho foi comprar agulhas, o instrumento de trabalho de sua filha, a fragil armasinha com que ella combatia intrepidamente o demonio da miseria, estavam umas senhoras arrastando sedas, e resplendendo em joias. Estavam comprando não sei o quê, mas, fosse qual fosse a compra, ellas demoravam-se immenso, porque desejavam escolher á vontade, e obrigavam a dona da loja, que satisfazia as suas exigencias com toda a complacencia, a revolver todas as caixas, a mexer em todas as gavetas, a abrir todos os armarios.

«O bom do meu velhinho, impaciente, como estava,

por levar de comer á sua pobre familia, depois de esperar um pedaço, não pôde deixar de dizer, collocando-me timidamente em cima do balcão:

—«Se a snr.ª Ignacia me podesse aviar n'um instantinho...

«A capellista, interiormente enfurecida pelas maçadas que lhe estavam dando as suas opulentas freguezas, voltou-se, e empurrando-me bruscamente, tão bruscamente que caí no meio do chão, bradou com uma voz desesperada.

—«Espere, não tenha pressa, guarde o seu dinheiro. Não vê que estou a servir estas senhoras?

«O meu pobre dono calou-se, e apanhou-me sem murmurar sequer. O que havia elle de fazer? A capellista fiava-lhe os utensilios necessarios a sua filha, em occasiões de apuro, e até ás vezes, porque no fundo a tia Ignacia tinha um bom coração, lhe emprestava os seus vintens.

«Eu é que não admitti circunstancia attenuante possivel para o ultrage que recebêra. N'essa manhã mesma eu fôra tratada tão amavelmente n'uma loja de capellista com estanco, onde Eduardo entrára a comprar charutos, que não percebia qual fosse o motivo da subita differença.

«Já vê que as lições ainda não tinham aproveitado.

«N'esse ponto foi que eu principiei a avaliar as amarguras da minha nova posição. Felizmente, a scena que se lhe seguiu veiu adoçal-as um pouco.

XII

«Trémulo de alegria, subiu o velho os ingremes degraus de uma escada tortuosa e escura, que conduzia á agua-furtada onde habitava. Quando chegou ao ultimo patamar parou para respirar. O coração batia-lhe com alegria. Pensára tanto em subir aquella escada lentamente, como um homem que leva sobre os seus hombros o peso enorme do infortunio; pensára tanto no soffrimento que o havia de dilacerar quando chegasse com o desespêro na alma ao mesmo sitio onde parára ebrio de alegria; pensára tanto no triste espectaculo que se lhe havia de deparar, no desgosto profundo que havia de sentir; pensára tanto em tudo isso, que chegára quasi a costumar-se a essa idéa, e que a felicidade encontrava-o armado para a desgraça e desprevenido para a ventura.

«Finalmente entrou.

«Que espectaculo tão novo para mim foi esse que eu divisei! Das trevas, que envolviam a casa, saíam gemidos abafados, soluços horrendos, murmurio dilacerante, reflexo pavoroso do sussurro dos condemnados do inferno accumulados na tenebrosa *géhenne* que Dante visitou. O meu dono, depois de abrir a porta, ficou um instante parado, e involuntariamente as lagrimas inundaram-lhe as faces, parando nos labios, que sorriam com um sorriso de consolação.

«Quando o meu olhar se costumou ás trevas, pude então ver no fundo do quarto, e deitadas em cima de uma pobre enxerga, duas crianças de nove para dez annos, pallidas, magras, com os seus corpinhos quasi nús, tremendo de frio n'aquelle recinto humido. Choravam, e choravam de fome! Mais ao fundo, n'um pobre catre, que era ainda assim o unico traste da casa, jazia a filha mais velha, rapariga dos seus vinte e tantos annos, a quem o soffrimento arrancava gemidos. Uma pobre coberta esfarrapada mal a resguardava. E comtudo, a pobre rapariga estava com uma febre violentissima; o delirio apoderára-se d'ella. Murmurava phrases incoherentes, gemia, soluçava. E as trevas, a escuridão atroz a suffocal-a! E lá ao fundo, na sombra a fulgirem sinistramente as garras do demonio livido da fome!

«Uma toada de musicas alegres entrava pelo quarto. No primeiro andar havia baile. A dois passos do risonho turbilhão das walsas o horrido vendaval do infortunio!

«Ó destino!

«O velho silencioso accendeu uma vela. Depois pôz na chaminé a lenha que trouxera, e accendeu o lume. Espalhou-se no quarto um doce calor.

«Os pequenos tinham-se levantado na cama, estupefactos!

«Depois, sempre silencioso, pegou n'um braçado de couves, migou-as, tirou um pão, fêl-o em sopas, deitou tudo dentro de um pobre tachinho de barro, e pôl-o ao lume. Os pequenos tinham-se approximado d'elle.

«O velho voltou-se. A sua cabeça, coroada de cãs, in-

clinou-se meigamente para as loiras cabecinhas que o rodeavam.

«E, vendo-os trémulos, mal se podendo suster em pé, abraçando-lhe os joelhos, as lagrimas saltaram-lhe de novo dos olhos, a voz embargou-se-lhe na garganta, e só pôde dizer:

—«Meus filhos!

—«Pão!—foi a resposta das crianças.

—«Sim, meus filhos, esperem, esperem um instante. Haveis de ceiar, haveis de ceiar, meus pobres pequeninos, e haveis de dormir depois o somno de innocentes, que a fome repelle ha tanto tempo de cima das vossas gentis cabecinhas! Deixae-me, deixae-me ir tratar de vossa irmã, da minha querida filha, que tanto soffre por nossa causa.

«E o velho aproximou-se da pobre doente, que olhava para elle com uns olhos desvairados, coou-lhe por entre os dentes um calmante, que comprára n'uma botica, porque o pobre do homem gastára até aos ultimos cinco réis, e comtudo quantas coisas de primeira necessidade tinham ficado ainda por comprar!

«O calmante produziu um bom effeito. Ao delirio succedeu a prostração, e a costureira adormeceu com um somno pacifico e reparador.

«Então o resto da familia agrupou-se em torno da enxerga, mesa improvisada, para onde foi trazido em triumpho o tacho das couves. Os pequenos lançaram-se sofregamente á comida, e em poucos minutos desappareceram

as couves e as sopas, sem omissão de um talo, sem esquecer uma migalha.

«O velho mal tinha bebido um gole de caldo. Embevecido na contemplação de seus filhos satisfeitos, nem pensára na sua propria fome. De vez em quando levantava ao céo os olhos arrazados de agua, e murmurava palavras incomprehensiveis. E' essa a oração que a Deus mais agrada; porque é a effusão sincera, e livre de preceitos, de um coração que trasborda de reconhecimento.

«Quando terminou a ceia frugal, o bom do velho chamou as crianças para junto de si, e fazendo-as ajoelhar, e unindo-lhes as tenras mãosinhas, disse-lhe com voz grave:

—«Meus filhos, agora que por uma esmola divina saciaram a fome, é justo que se não esqueçam d'Aquelle que se amerceou de vós. Vinde, e repeti commigo:

—«Pae do céo, Vós que, apesar da vossa omnipotencia, vos não esqueceis dos vossos filhinhos, que déstes pão a quem tinha fome, e consolações a quem estava afflicto! Vós que, por um milagre da vossa infinita bondade, nos salvastes da morte, e a nosso pae do desespero! Vós que sois todo misericordia, tende compaixão de nossa pobre irmã! E vós, nossa mãe querida, que sois agora uma santa no céo, rogae tambem a Deus que dê saude a quem é o nosso amparo! Nós vos damos graças, Deus todo-poderoso, e promettemos sempre ser dignos da vossa affeição, e conservarmo-nos no caminho da virtude, para que a alma da nossa mãesinha se não afflija de nos ver peccadores».

«E as criancinhas repetiam com a sua voz argentina aquellas singelas palavras, pronunciadas pelo velho commovido, que estendia as mãos trémulas sobre essas cabeças innocentes, e erguia para o céo os olhos humedecidos.

«Depois beijou-as na fronte com ternura, e mandou-as deitar. Elle apagou a luz e o lume; sentou-se á borda da enxerga, e, encostando a cabeça nas mãos, meditou.

«Porém o dia fôra agitadissimo; a natureza foi mais forte do que elle, e d'ahi a pouco tempo o velho, cerrando a pouco e pouco as palpebras, adormeceu.

«As trevas encheram de novo o quarto. Mas o horror fugira. A' porta, um anjo do Senhor, com um dedo nos labios, velava meigamente sobre o somno da innocencia.

XIII

«Cinco tostões não duram eternamente, e a prova d'isso é que já tinham desapparecido. A miseria, que fugira um instante espavorida, voltava de novo a bater á porta. Que remedio senão abrir-lh'a!

«Não era feliz no mendigar o meu pobre dono. Raras vezes obtinha o dinheiro sufficiente para comprar o necessario. Sua pobre filha melhorára sim, por um prodigio da natureza completamente desajudada da sciencia; mas a sua convalescença, desprotegida d'aquelle conforto, d'a-

quelles cuidados tão indispensaveis para o restabelecimento da saude, prolongava-se, apesar de todos os esforços que a animosa rapariga fazia para a resumir, e que, como é facil de suppôr, só contribuiam para a accrescentar. Queria pegar em trabalho, mas estava tão fraca, tão fraca que, apenas dava dois ou tres pontos, caía desmaiada sobre a costura, e assim passava os dias em continuados desfallecimentos.

«Seu pae tambem estava completamente impossibilitado de trabalhar. Eu chamei-o velho, porque com effeito os desgostos e as privações essa apparencia lhe haviam dado; mas não o era effectivamente. Ainda não contava cincoenta annos, e já não tinha na cabeça um só cabello preto.

«Despedido da fabrica de oleados em que trabalhava, porque a sua nimia fraqueza o tornava completamente improprio para os rudes trabalhos manuaes da fabrica, vira-se só com tres filhos, sem recursos, sem poder obter, n'um outro emprego mais suave, o pão para si e para elles.

«A sua completa ignorancia tornava-o improprio para qualquer trabalho que não fosse manual.

«O' ignorancia, negra irmã da livida miseria!

«Como eu ia dizendo, eram poucos ou nenhuns os proventos que o pobre homem tirava da mendicidade. As comidas iam sendo cada vez mais frugaes, e a pobre rapariga, debilitada, enfraquecida, ia-se tornando cada vez mais incapaz de trabalhar.

«Admira-se de certo de eu continuar a existir n'uma

casa onde reinava tão profunda miseria! Espanta-se de que me não tivessem vendido no dia immediato áquelle em que tinham gasto os cinco tostões. Eu lhe explico esse facto na apparencia incomprehensivel, eu lhe dou a chave d'esse enigma.

«O meu dono considerava-me, para assim dizer, como uma enviada de Deus, e não estava muito longe de imaginar que existisse no meu seio um anjo occulto. Tocar-me era quasi uma irreverencia, vender-me seria de certo uma profanação.

«Candidamente supersticioso, o bom velho tinha lá de si para si que eu, como mensageira que fôra de uma esmola providencial, não podia deixar de fazer a felicidade d'aquelles que me possuiam. Vender-me ser-lhe-hia tão difficil, como aos romanos cederem, em troca dos mais enormes thesouros, o palladio que fazia a republica invencivel. Eu era a égide da casa, emfim.

«Mas um dia o pobre pae de familias voltou mais triste e amargurado do que nunca. O dia corrêra-lhe como aquelle em que eu o tinha visto pela primeira vez, com a differença que nenhum garoto compassivo, enviado pela Providencia, se fôra esconder na ramaria de uma arvore protectora. O velho entrava pois em casa, sombrio, triste, como entraria uns poucos de dias antes, se não fosse eu apparecer-lhe inopinadamente.

«Entrou, sem dizer palavra. Dirigiu-se logo a um armario que havia na parede, onde eu habitava, e, tirando-me para fóra, disse-me, depois de me ter contemplado lugubremente alguns instantes:

— «Vae, pobre bolsinha, que me trouxeste momentos de allivio, e cuja côr suave me aconselha a esperança. A esperança?! não a posso ter já! Ai! a minha sina fatal é mais forte do que a tua benefica influencia! Ramo verde que uma pomba do céo trouxe no bico a esta pobre arca, que vae sem rumo nas aguas de um diluvio de infortunios, enganaste-me involuntariamente! Não parou a tempestade! Nem ha de parar talvez! Vae, não procures luctar mais contra a minha má estrella! Vae, e que a tua mesma partida nos seja ainda bemfazeja! Os anjos de Deus, ou quando descem ao mundo, ou quando voltam ao paraiso, sempre enviam adiante, ou deixam após si, um rasto luminoso!

«E beijando-me com fervor, metteu-me no seio, e saíu.

«Foi triste a sua peregrinação á procura de um comprador que se resolvesse a dar por mim um preço razoavel. Todos, vendo-o assim pobre, mostrando no rosto livido a fome que o impellia a vender-me, offereciam, depois de me terem mirado com desdem, um preço tão baixo, que, fosse qual fosse a extrema necessidade que o meu dono tivesse de dinheiro, entendeu que me não devia deixar ir assim.

«Comtudo, percorriamos lojas e lojas, e nenhum dos donos d'ellas se resolveu a comprar-me. Pois eu não valia tão pouco como isso, e estou convencida que muitas das pessoas, a quem o velho mendigo me apresentava, desejariam ficar commigo. Rebaixavam-me muito, mas, segundo depois vim a saber, isso é trica de negociante

para especular com a miseria. Sabem que, ainda que a sua primeira proposta repilla o vendedor, este, por fim de contas, sempre volta ou a acceital-a, ou a diminuir muito o preço que estabelecêra.

«Chamam elles a isso esperteza no negocio. E quem não quer não venha cá, accrescentam, terminando com a phrase pittoresca: «Eu não lhe puz a faca aos peitos». E' regra estabelecida que o vendedor peça um preço exorbitante, e o comprador offereça um preço diminutissimo. Que venha á discussão, mesmo por acaso, o valor real do objecto, isso é raro. Um negocio de compra e venda é um jogo de azar em que dois jogadores trapaceiam. Vêr qual dos dois ha de roubar o outro, *that is the question*. Nunca um só vendedor se lembrou de calcular: «Este objecto custou-me tanto, devo tirar o juro razoavel de tanto, logo vendo-o por tanto, e nem um real de mais, nem um real de menos»; e o comprador de pensar: «Posso gastar tanto, se o objecto valer mais, não compro». Isso nunca: sem uma discussão preliminar, é sensabor o negocio. Se a invenção da moeda simplificou as relações mercantís, quanto as não simplificaria a invenção d'esta moeda dos corações nobres, que se chama «boa fé»!

«A antiguidade, que fez Mercurio o deus dos ladrões e dos negociantes, acertava devéras se accrescentasse— e dos consumidores.

«Desculpe estas reflexões um pouco prolixas; mas eu sou o Nestor das bolsas, e desde o celebre ancião homerico, cujas palavras eram doces como favos de mel, e que talvez por isso eram prodigalisadas por tal fórma pelo rei

de Pylos, que não sei como os gregos não tomaram uma indigestão de melaço; desde esse vulto epico, todos os Nestores gostam de pregar grandes massadas. Eu não me podia esquivar á regra regal.

«Agora vou continuar.

«O meu dono luctou muito tempo contra a avidez dos compradores, e fez-lhes falhar os calculos. Saía das lojas com o desespero na alma, o rubor da indignação na fronte, e não voltava.

«Assim se passaram duas horas.

«O preço, que lhe offereciam, ia sempre diminuindo: porquê? Porque de cada vez a physionomia do mendigo se tornava mais livida. A anciedade pintava-se-lhe nas feições. Cada ruga de mais, que se lhe cavava na fronte angustiada, traduzia-se immediatamente em cinco réis de menos no preço que lhe offereciam.

«Finalmente, exhausto, prostrado, desfallecido, entrou n'uma ultima loja, e, quando entrou, deixou-se cair em cima de uma cadeira. As pernas recusavam-se a sustental-o mais tempo.

«Na loja estavam o mercador, e um freguez escolhendo não sei o quê. Sei apenas que era um rapaz de uma physionomia sympathica.

«Ambos olharam espantados para o pobre velho, mas o espanto do primeiro era um espanto encolerisado, o do segundo um espanto compadecido.

«O dono da loja receiava para as suas cadeiras o contagio da miseria. Que um cão se estirasse em cima d'ellas, passe; mas um mendigo!

«O meu dono estendeu-me com mão trémula para o logista, e disse com voz que mal se ouviu:

—«Eu desejava vender esta bolsa. Quanto me dá o senhor por ella?

—«Que diz vossê?—tornou o dono da loja com modos irritados. Falle de maneira que se entenda! Julga que tenho ouvidos de phthisico? Graças a Deus sempre gozei de boa saude.

—«Desculpe-me, senhor, respondeu o meu dono fazendo um esforço sobre si mesmo para fallar com voz mais intelligivel, é porque estou muito fraco. Desejava saber quanto o senhor me dá por esta bolsa.

—«Ah! até que em fim! Não seria mau que vossê se levantasse, porque este senhor talvez se queira sentar.

—«Deixe estar o pobre homem,—interrompeu o freguez com vehemencia, não vê que mal se póde ter em pé. Coitado?

—«Pois sim, sim!—resmungou o logista, se toda a gente que não póde andar se me viesse pespegar nas cadeiras, estava eu arranjado. Mas vamos lá a vêr a bolsa. Ah! está toda esfarrapada! que trapo! isto não vale cinco réis. Quanto quer vossê por isto?

—«V. s.ª dirá quanto quer dar por ella!

—«Eu! olhe, já lhe digo que não lhe dou mais de quatro vintens. Nem um real. Serve-lhe?

—«Quatro vintens por uma bolsa de sêda, senhor!—tornou o meu dono com uma profunda accentuação de amargura na voz.

—«Sim! que ella está muito bonita. E quem me as-

severa que vossê não roubou isto? Nada, parece-me que nem os quatro vintens lhe dou.

—«Roubar! eu?—bradou o meu bom velho, erguendo-se indignado da cadeira.

—«Sim! sim! Eu já conheço essas capas de santidade. O senhor não póde imaginar, continuou elle, voltando-se para o freguez, quanto esses malandros são finos! Olhe, um dia d'estes...

—«Este homem não tem cara de ladrão, interrompeu bruscamente o desconhecido.

—«Muito obrigado, senhor, muito obrigado!—exclamou o meu dono. Sirvam-me de consolação as suas palavras! Faz-me bem ouvil-as! Partem de um coração nobre.

—«Em fim, tornou o logista um pouco despeitado, se me quer dar a bolsa ahi tem os quatro vintens.

—«Que remedio, senhor! A necessidade é má conselheira! Ahi tem a bolsa! Sempre meus filhos não morrerão hoje de fome!

—«Não, interrompeu ainda o generoso rapaz, agarrando no braço do mendigo, não consentirei que se pratique um roubo assim na minha presença. Sou eu quem lhe compra a bolsa. Ahi tem dez tostões, é tudo quanto tenho commigo. Creio que a bolsa não valerá muito mais.

«E, pondo na mão do mendigo duas meias corôas, saiu levando-me comsigo, deixando o logista estupefacto, e sendo acompanhado pelas benções do velho.

XIV

«Quando cheguei ao alojamento do meu novo dono, percebi que a minha posição não melhorára consideravelmente. A mobilia da casa não era muito mais numerosa, do que a da miseravel agua-furtada, d'onde eu sahira n'esse mesmo dia. Uma estante de pinho, vergando ao peso dos livros, e uma mesa cuja superficie desapparecia debaixo de uma triplice camada de papeis, ahi tem quaes eram os moveis principaes d'aquella casa.

«O resto da mobilia, se o meu amigo quizer absolutamente uma descripção á Balzac, compunha-se de um leito de ferro, e de duas cadeiras de pinho, uma das quaes se distinguia pela ausencia de um pé, o que lhe dava as prerogativas de tripode, e a outra primava na singular docilidade com que se domava a todo o corpo que se lhe pozesse em cima; porque se prostrava immediatamente no chão em signal de obediencia. Confesso que, quando o meu generoso possuidor atirou commigo para a tal cadeira nimiamente flexivel, receei que apesar da minha leveza, obrigasse o pobre movel a dar provas da sua habilidade gymnastica.

«O meu proprietario, assim que entrou, despiu o casaco e atirou com elle irreflectidamente para cima da cadeira cortez, onde eu, por minha desgraça estava tambem

collocada. Receber o casaco, fazer um *plié* com toda a habilidade de um mestre de dança, e ir parar ao chão arrastando-me na quéda, foi uma e a mesma coisa para a cadeira. O meu dono nem reparou em tal, e, dirigindo-se logo para a outra, sentou-se á mesa, pegou n'uma penna, molhou-a no tinteiro, e começou a escrever com uma rapidez incrivel.

«Eu entretanto não estava lá muito á vontade. Litteralmente esmagada debaixo do casaco, tinha, para cumulo de desventuras, mesmo encostado a mim um grosso caderno de papel, que sahia de uma das algibeiras, e que me pregava no chão, comprimindo-me atrozmente. Eu ficára embirrando com papeis, desde o momento em que, por causa d'elles, fôra expulsa irrevogavelmente da casa dos meus primeiros donos, e ai! sem esperança de para lá voltar.

«Mas, ainda que eu não tivesse essa justificadissima prevenção contra a papelada, bastava a attitude aggressiva, que este caderno tomára para commigo, para eu ficar odiando mortalmente a sua raça. Debalde eu gritava, ralhava, resmungava, fazia esforços inauditos para me desembaraçar do peso que me opprimia, tudo era inutil. O caderno era inflexivel, e o casaco ainda mais. Não tive remedio senão resignar-me.

«Vendo-me socegada, o caderno de papel começou a entabolar umas taes ou quaes relações commigo. Percebendo que, por fim de contas, a melhor resolução, que eu podia tomar, era corresponder á amabilidade com que me tratavam, troquei algumas palavras com elle, primeiro

n'um tom bastante sêcco, e a pouco e pouco mais agradavelmente. Emfim, d'ahi a cinco minutos estavamos os melhores amigos d'este mundo.

«Foi então que elle me disse que o seu dono era litterato, como quem diz, não tinha officio nem beneficio. Andava sempre abundantemente provido de idéas e de dividas. As idéas eram sublimes, as dividas eram pasmosas. Nem por umas nem por outras havia quem désse dez réis. Tinha por costume confiar ao papel os seus pensamentos; mas por mais empenhos que o papel almasso mettesse com o papel de imprensa, nunca tinha conseguido que este se encarregasse de repartir com elle as honras da confidencia. Não porque o litterato não tivesse talento; pelo contrario asseverava o papel que tinha muito; mas infelizmente como ainda não se descobrira o meio de se começar a escrever pela segunda obra, e os editores queriam unicamente imprimir os seus escriptos se elle já fosse conhecido, o homem estava sériamente ameaçado de nunca os ver em lettra redonda.

«Em compensação, um editor Mecenas, um protector das lettras com loja de livros n'uma escada, offerecêra-lhe o honroso logar de traductor dos romances de Paulo de Kock, e de outros notaveis escriptores francezes, com o pingue ordenado de tres mil reis por mez. Este homem era tido pelos seus collegas como um perdulario.

«Outro editor, ainda mais estroina ou mais inexperiente, concebêra a atrevida idéa de tentar fortuna imprimindo as obras do pobre diabo. Pedira-as para as ver, pedido que ia dando com o escriptor em doido... de ale-

gria, e mostrou-as a um entendedor seu amigo. Este folheou os differentes cadernos por espaço de cinco minutos, e devolveu-os ao livreiro, asseverando que o rapaz tinha uma lettra tam boa, que não podia chegar a ser um grande escriptor, o que fez com que o bom do emprezario de litteratura devolvesse os cadernos a quem os escrevêra, offerecendo-lhe ao mesmo tempo um logar de caixeiro.

«O litterato atirara com os cadernos á cara do editor, depois com os livros que achou á mão, e já baloiçava a cadeira gymnastica para lhe fazer tomar o caminho que haviam tomado os livros e os papeis, quando o bom do editor descia os ultimos degraus da escada, e sacudia o pó das suas sandalias á porta de casa tão pouco hospitaleira.

O que o caderno meu visinho me affirmou (e devo dizer de passagem, que fôra elle um dos projectís de que o seu dono se servíra, um dos navios encarregados de operarem um reconhecimento nas costas editoraes) o que elle me affirmou foi que, se o nosso homem não sacudisse tão depressa o pó das suas sandalias, o escriptor vinha-lhe a sacudir mas era o pó da sobrecasaca.

«Aqui está em resumo o que me narrou o meu officioso visinho.

«Não tentarei descrever a vida que eu passei durante dois ou tres mezes em casa d'esse seu collega. Póde imaginar qual era; repouso completo, inercia absoluta. Collocada na estante, alli passei todo o tempo, sempre socegada, sempre vasia, conversando muito com os livros

meus visinhos, que me ensinaram tudo quanto eu sei, e me fizeram adquirir a erudição que tanto o admirou, e vendo o meu dono passeiar no quarto, sempre agitado, e sempre procurando alguma coisa, ou uma rima, ou um lenço de assoar, ou um editor.

«Rimas encontrava elle quasi sempre, lenços de assoar algumas vezes, editores nunca!

«A traça fôra o editor unico d'aquelles papeis.

«Um dia foi elle tambem procurado por uns sujeitos, que lhe apresentaram um papel sellado, e que lhe disseram serem elles os encarregados pelo snr. Bartholomeu Nunes, de proceder a uma penhora por causa de não sei quantos mil reis que elle devia ao dito senhor.

«O meu dono não fez a minima objecção, pegou no chapeu, e sahiu dizendo:

—«Escolham o que quizerem.

«Coisa que elles não o obrigaram a repetir. Percorreram minuciosamente todos os cantos e recantos. Nada lhes escapou. Tudo inventariaram, tudo levaram. Eu, já se vê, não escapei ao desastre; lá fui envolvida com os livros, e sabe quem eu vi tambem no frete?

«A celebrada cadeira das mesuras. Até isso lhes servira!

XV

«O meu dono (quinto, segundo vê; eu se não fosse tão modesta dizia-lhe que pozesse no titulo, em vez de *Memorias de uma bolsa verde*, a *Odysséa de uma bolsa verde*) o meu novo dono era um usurario amador. Magro, com umas pernas que se cançavam antes de chegar aos pés, a tez biliosa, o nariz adunco e cavalgado por uns oculos, era perfeitamente o typo que Shakspeare (que foi meu visinho) attribue á sexta edade do homem, na celebre comedia intitulada, *As you like it*, titulo que o leitor póde traduzir *como quizer*. Observando rigorosamente as regras da economia, não comprando senão o que lhe era restrictamente necessario, e assim mesmo inventando para seu uso proprio um *necessario* especial, as riquezas que obtinha, moeda de cobre a moeda de cobre, serviam-lhe unicamente para as ter enterradas n'uma burra, collocada no seu quarto.

«N'esse ponto tinha elle uma certa *coquetterie*. As libras doiradas, em que transformava os patacos dos desgraçados, encerrava-as dentro de uma infinidade de bolsas elegantes e ricas até, que estavam dispostas symetricamente por fileiras, no fundo do seu *cofre-fort*. Todas as noites, antes de se ir deitar, abria-o, descerrava as bolsas, e fazia cair sobre o solo uma chuva de oiro. Alli,

Danae de si mesmo, estirava-se elle, enchendo as mãos de punhados de libras, e fazendo-as cair no monte a pouco e pouco, enterrando os dedos n'aquella eira monetaria, revolvendo-a, fazendo-a rolar, apanhando-a espiga a espiga, juntando-a, contando-a de novo, enchendo as bolsas, e tornando-as a collocar dentro da burra. Tudo isto elle fazia com uma delicia, com uma soffreguidão taes, que não trocaria de certo este prazer pelo melhor divertimento do mundo.

«Quando eu cheguei á porta já elle estava á nossa espera. Ajudou a descarregar o frete, procurou os livros, determinou que os vendessem immediatamente, e deu um grito de surpreza quando eu appareci.

«Era uma bolsa que o acaso lhe dera para juntar á sua collecção. Bem sei que eu estava um tanto rota, um pouco esfarrapada, e que os rasgões me adornavam, apesar de eu ser ainda bem nova. Mas as cicatrizes, n'um rosto imberbe, dão a esse rosto a magestade da velhice, e eu, considerada debaixo d'esse ponto de vista, estava magestosa a mais não ser. De mais a mais, nos emprestimos que o usurario fizera ao litterato, os juros tinham absorvido o capital, havia já tanto tempo, que se podia dizer que toda a mobilia do meu ex-possuidor vinha a sair de graça ao honesto agiota. E n'esse caso que importava que eu estivesse rasgada? «A bolsa dada não se olha á sêda.»

«Por conseguinte o bom do velhote magrito, assim que me viu, fez-me mil caricias, e, depois de ficar só, foi a uma gavetinha, não sem olhar primeiro para todos os

lados a fim de se assegurar se alguem o espreitava, tirou de dentro um cartucho de libras, despejou-o dentro de mim, prestando um ouvido encantado ao som metallico do dinheiro, e, levando-me com toda a cautela bem apertada na mão, dirigiu-se pé ante pé para o seu quarto, abriu a burra que estava ao pé da cama, e depois de contemplar por um instante as bolsas, amontoadas umas em cima das outras, deixou-me cair com um suspiro de satisfação, e fechou o cofre.

«Eu ao principio fiquei completamente atordoada. Esta passagem repentina da luz para as trevas, do ar livre para um carcere estreito, produziu em mim uma impressão terrivel. Comtudo a pouco e pouco fui-me costumando e resignando. Comecei a distinguir alguns objectos n'aquella escuridão. Os perfis vagos de umas coisas informes, que eu percebia estarem junto de mim, foram gradualmente fixando os seus contornos, e no fim de um quarto de hora comprehendi que estava rodeada de uma chusma de minhas irmãs.

«Agora percebo eu que fui pouco habil na narração. Pois não o devia ser; porque na estante do litterato conversára muitas vezes com uma collecção da *Presse* e do *Constitutionnel*; e os folhetins romances d'estes jornaes tinham-me ensinado todos os estratagemas, com que se tem suspensa a curiosidade do leitor, incitando, aguilhoando-o com a espora do mysterio, de fórma que elle percorra a narração, como um cavallo desenfreado percorre a planicie, sem se importar com as bellezas dos accessorios, e desejando só chegar ao fim, que é para o ca-

vallo o precipicio em que se despenha, para o leitor a peripecia ultima, que se póde compôr, á vontade do romancista, ou de trinta punhaladas, ou de vinte casamentos.

«Apesar d'essas lições, vê-se que eu ainda estou muito inexperiente, e que se os meus companheiros de estante chegarem a conversar alguma vez com esse papel, que o meu amigo transformou em confidente das minhas tribulações, hão de se envergonhar da má discipula que tiveram.

«Com effeito, para que fui eu dizer totalmente ao leitor que o usurario se debruçára a contemplar as bolsas? Privei-me assim de umas poucas de phrases interrogativas, que produziriam uma optima impressão! «O que seriam esses objectos informes immoveis no fundo da caixa? Que mysterio se occultaria n'aquellas tenebrosas profundezas?» Etc. etc. Ora vejam o que eu perdi.

«Emfim o mal está feito, e não tenho remedio senão continuar a narração, prescindindo d'esses auxiliares de que me lembrei tão tarde.

«Um murmurio confuso se elevou assim que eu cheguei. Na existencia monotona dos prêsos é sempre um acontecimento importante a chegada de um estranho. A curiosidade, irritada por uma longa abstinencia, procura saciar-se com frenesi assim que se lhe offerece occasião para isso. Era destino meu concorrer para matar a fome, umas vezes de pão, quando eram humanos os que soffriam, outras vezes de curiosidade quando eram bolsas.

«Por isso, apenas trocámos os primeiros comprimentos, logo caíu sobre mim a chuva de perguntas. Quem

era eu? donde vinha? como fôra alli parar? De todos os cantos do bahú saía uma interrogação; todas as bolsas olhavam para mim, as mais distantes punham-se nos bicos dos pés, para me vêrem melhor, depois cochichavam entre si; as novas faziam observações zombeteiras ácerca das minhas feições, e, comparando-as com as suas, concluiam que eu nunca lhes poderia disputar o pomo da belleza; as que estavam intactas achavam-me horrenda por causa dos meus rasgões; as que estavam mais rasgadas do que eu, achavam que me ficava pessimamente o estar pouco dilacerada; as velhas só olhavam para mim com complacencia, lembravam-se do seu tempo, suspiravam, e chamavam-me «filha».

«Depois de satisfazer, o melhor que pude, a curiosidade geral, chegou a minha vez. Não foi necessario que eu rogasse muito, para ser informada da vida das minhas companheiras,, não foi preciso até que eu dissesse uma só palavra a esse respeito. Se de alguma coisa me pude queixar, foi da pressa que ellas tinham de me contar a sua historia, o que fazia com que fallassem todas ao mesmo tempo, havendo na caixa uma balburdia incomprehensivel. Dir-se-ia que era alli a base da torre de Babel!

«Ai! meu amigo, que horrendas coisas eu vim a saber. Que de crimes estavam alli escondidos, d'estes que escapam á justiça dos homens, mas sobre os quaes estão abertos os olhos vigilantes da Providencia! Cada moeda de oiro accumulada n'aquelle cofre, representava uma enorme somma de soffrimentos. Aqui uma viuva, reduzida á miseria! mais adiante uma donzella, pura como os

anjos, lançada no abysmo da devassidão! Acolá um orphão defraudado da herança paterna. Sommas consideraveis representavam vidas e vidas de torturas incriveis, soffridas pelos vossos pobres irmãos, cujo rosto o acaso do clima revestiu com um manto luctuoso! Que horrores jaziam alli escondidos! Que de trevas entravam na composição do fulgor d'aquelle oiro!

«Era já noite. Sentimos uma chave ranger na fechadura; tudo entrou no silencio.

«Abriu-se o cofre, e appareceu-nos o rosto livido, e a extensa figura do usurario. Estava de barrete de dormir, e de roupão. Trazia um castiçal.

«Collocou-o em cima da mesa da cabeceira, sentou-se no chão, despejou-nos uma a uma, e começou a revolver a massa brilhante do oiro.

—«Saltem, saltem, minhas meninas, dizia elle em voz baixa e roufenha, saltem que bem me custam a ganhar. Não as crimino por isso; pelo contrario. Que prazer ha ahi que se compare com o que eu experimento n'este instante. Como tudo isto deslumbra! Tenho aqui o sufficiente para comprar Portugal todo, incluindo as consciencias dos seus habitantes. Para quê! Puf! Que me importa a mim com essa canalha, que me chama usurario, e que me vem lamber os pés. Prazer, ineffavel prazer é este que vós me daes. Saltem, saltem, minhas meninas!

«E sorria-se com um sorriso de hyena, o miseravel!

«Finalmente cançou-se, tornou-nos a encher com toda a paciencia, fechou o cofre, e foi-se deitar.

«Caíu tudo em silencio de novo.

«Deu meia noite!

«As pancadas do relogio resoaram lenta e lugubremente na solidão do quarto.

«E eu senti um frio terror percorrer-me o corpo; porque um vago e convulso estremecimento agitára no meu seio as libras silenciosas.

«E o cofre abriu-se como se mão invisivel o tocasse, e um vulto melancholico e severo, com azas negras nos hombros, appareceu em pé junto de nós.

«Era o anjo do remorso! Que magestade n'aquella fronte sombria, que pungente contracção no seu labio severo!

«E elle estendeu a mão com um gesto imperioso, e eu, gelada de susto, senti as peças de oiro moverem-se por si mesmas, e adquirirem como que umas azas pequeninas.

«Um vago e sinistro suor lhes percorreu a fronte, e esse suor era um suor de lagrimas!

«E todas se ergueram; o enxame de sinistras abelhas saíu em bando da tenebrosa colmeia, e a bulha das suas azas metallicas produzia não sei que lugubre som!

«E, ao mando do anjo do remorso, foram todas pairar sobre o leito do avaro.

«Então vi um terrivel espectaculo; de cada uma d'essas peças de oiro começaram a escorrer lagrimas e sangue, que iam cair gôta a gôta na lívida fronte do usurario.

«E elle agitava-se na cama, erguia as mãos suppli-

cantes, procurava limpar a fronte, debalde! porque a horrenda chuva caía incessante, incessante, e alastrava em nodoa immensa, que parecia o funebre sêllo da reprovação de Deus.

«E das peças de oiro saía um concerto dilacerante! concerto composto de gritos, de soluços, de blasphemias, e de imprecações!

«Depois, a um signal do anjo, as moedas desappareceram e transformaram-se em espectros, que vieram doidejar em torno do leito do meu dono.

«E a punição ainda era mais cruel!

«Uma tomára as fórmas de uma mulher, joven, bella, um anjo emfim, mas um anjo caído!

«E approximou-se do usurario, e disse-lhe com voz rouca:

—«Era virgem, estava só! Protegia-me a dupla auréola da innocencia e da orphandade! Tu vieste, especulador infame, arrojaste-me a um abysmo, e manchaste de lodo a minha candida tunica.

«E outra mudava-se n'um pobre velho, de cabellos brancos, que arrastava uma grilheta prêsa no pé:

—«Eu era o symbolo da honra; mas tinha filhos! Reduziste-me á miseria, e eu roubei!

«E todos os espectros bradavam com voz pavorosa:

—«Sê maldito!

«Era horrivel, horrivel aquella scena!

«E durou até que os primeiros e tenues clarões da madrugada entrassem timidamente pela janella do quarto.

«Com o primeiro raio da aurora, vi apparecer no

quarto um anjo de brancas azas, com a face luminosa banhada em pranto.

«Veiu e ajoelhou aos pés do seu terrivel irmão.

—«Ainda não está satisfeita a tua vingança?—bradou elle com uma voz melodiosa, de que é apenas um frouxo echo o plangente suspiro da harpa éolia.

«Era o anjo da guarda do usurario, que o tinha abandonado, chamado pelo Senhor, mas que attrahido pelo invencivel amor, que nos consagram estes celestes protectores, vinha na hora do supplicio invocar, para o seu protegido, a misericordia!

«E o anjo do remorso, vencido pelas preces do seu candido companheiro, fez um signal, e o tumultuoso enxame entrou no cofre, que se tornou a fechar.

«Um vago bater de azas denunciou-me que os dois anjos tinham voltado ao céo levados pelo primeiro raio do sol da manhã.

XVI

«Isto repetia-se todas as noites. O costume já me tornára indifferente.

«Passaram-se talvez seis annos, durante os quaes eu nunca saí da minha prisão, e em que, pelo contrario, entraram muitas novas companheiras que vinham augmentar o volumoso peculio, e, ao bater da meia noite, tornar

tambem mais numeroso o funebre cortejo dos phantasmas.

«No fim de seis annos morreu o meu usurario! Morreu de repente! Não tivera tempo de fazer testamento, e, segundo me disseram, iamos passar para as mãos de uma herdeira, parenta muito afastada do finado.

«Com effeito, poucos dias depois da morte de Bartholomeu Nunes, vieram uns quatro gallegos para levar a burra a pau e corda.

«Tivemos a consolação de os derrear!

«Quando chegámos á casa para onde iamos, os gallegos escorriam em suor, e praguejavam como uns damnados.

«Uma voz argentina fez-se ouvir junto de nós. Esta voz não me era desconhecida; mas onde a ouvíra eu? Impossivel lembrar-me!

«Finalmente rangeu a chave na fechadura, e abriu-se o cofre. Que rosto imagina que me appareceu? O de Camilla! o da minha creadora!

«Descrever-lhe a alegria que senti é-me completamente impossivel.

«Ella primeiro não me conheceu. Espantada de tanta opulencia, não fazia senão repetir:

—«Como aquelle homem era rico!

«Depois tirou para fóra algumas bolsas. Entre ellas ia eu.

«Camilla mirou-me attentamente, e murmurou:

—«Que estranha similhança... É impossivel!... Seria extraordinario!

«Era-lhe facil sair d'aquella incerteza. A sua delicada mãosinha bordára no meu corpo as iniciaes d'ella e de seu marido; por conseguinte, podia procurar esse signal. Foi o que fez.

«As duas letras —*C E*— cá estavam enlaçadas amorosamente.

«Camilla deu um grito de alegria. Beijou-me freneticamente, exclamando:

—«Ó minha gentil bolsinha! Torno-te a encontrar. Como estás desfigurada! Que te tem acontecido? Ainda conservas as nossas iniciaes n'um estreito abraço! Symbolo de um amor que passou, que dôce amargura eu sinto em te vêr!

«Que se passára n'aquella casa? Que acontecimento motivára as tristes palavras de Camilla?

XVII

«Juro-lhe que n'esse momento tive pena de não ser um ente possuidor da faculdade do movimento, de vida, emfim, para poder corresponder aos ternos beijos com que a minha boa dona me saudava. Infelizmente, tinha de me contentar com os receber e não podia retribuil-os. Via-me obrigada a ficar immovel, gelada, na apparencia indifferente.

«Para lhe poupar o trabalho, que eu tive, de saber a

pouco e pouco o que se passára, eu lh'o digo em poucas palavras.

«Camilla, como sabe, tinha genio ciumento. Eduardo era impaciente e teimoso.

«Tinham-se repetido muitas vezes scenas similhantes áquella que me obrigára a sair pela janella, como um amante surprehendido. Uma vez, porém, a discussão fôra mais agitada, do que era habitual. Eduardo irritára-se, Camilla teimára, e o rompimento seguíra-se. Fôra uma especie de divorcio *intra muros*, com consentimento de ambos. Não havia nem sombra de escandalo. Muito amaveis um para com o outro na sociedade, em casa viam-se apenas ás horas da comida, fallavam-se muito cortezmente, e depois cada um partia para o seu lado.

«Esta intoleravel situação durava, ia para seis mezes. E não julgue que o amor dos dois esposos tinha afrouxado; pelo contrario, amavam-se cada vez mais; porém o seu genio orgulhoso impedia a cada um d'elles dar o primeiro passo para a reconciliação. Soffriam, e soffriam em silencio.

«Ahi tem a explicação das phrases de Camilla.

«Estava-me ella ainda beijando, quando bateram á porta devagarinho.

—«Dá licença? — disse a voz de Eduardo.

«Camilla enxugou os olhos rapidamente, collocou-me em cima da mésa, e respondeu com voz ainda um pouco trémula:

—«Entre!

«Eduardo entrou. O tempo não alterára a belleza va-

ronil do mancebo; só um bonito bigode negro substituíra o ligeiro buço do adolescente.

«Eduardo devia ter vinte e nove annos.

—«Desculpe-me incommodal-a, disse elle sorrindo; mas nomeou-me procurador n'este negocio da herança, e, por conseguinte, vejo-me obrigado a estar sempre a importunal-a para lhe dar as minhas contas. O ministro da fazenda deve ter entrada franca junto d'el-rei.

—«Póde vir sempre sem receio de me importunar.

—«Ah! diga isso á vontade. Eu nunca tomo as coisas ao pé da letra. Erro grosseiro, que tanta gente commette, e d'onde resultam tantos desenganos. É para mim axiomatico o seguinte principio: Todo o homem na conversação deve ser um agiota feroz; não receber as palavras sem um desconto de cincoenta por cento. Eu podia n'este ponto fazer um *calembourg* sobre as palavras e as letras... de cambio; mas sou misericordioso. Ah! a proposito de agiota; estava dando balanço aos fundos do seu parente? Já vejo que não podia chegar em melhor occasião.

—«Não! engana-se; estava contemplando as bolsas em que elle mettia o dinheiro. Tem algumas que não são feias.

—«Ia jurar que conhecia esta, atalhou Eduardo erguendo-me com vivacidade; parece-se tanto com uma...

«Interrompeu-se, passou a mão pela testa, e depois continuou:

—«Com uma que desappareceu, como tudo o que ella symbolisava.

—«Recordações?! tornou Camilla sorrindo ironicamente.

—«Não. Vento de inverno que sacudiu um instante as cinzas frias de um amor que morreu! Se uma centelha fulgurou por acaso, desculpe-me.

—«Desculpal-o?!

—«Sim, desculpar-me! Nem todos teem força sufficiente para arrancar pela raiz, do jardim do coração, as ridentes flôres da mocidade. Sobre o tumulo, em que sepultámos o passado, brotam involuntariamente rosas. Passa uma aragem ligeira, e lá nos vem um perfume acariciar de novo. Mas deixe, que hei de decepar a roseira, ainda que da hastea cortada corra o sangue em borbotões.

—«Quem foi o culpado d'isso?

—«Quem? Nem eu sei. Sei apenas que esse algoz desconhecido retalhou-me bem fundo o coração. Bem fundo! Como vê a cicatrização não foi perfeita, e a ferida ainda sangra de vez em quando! Que loucura! — continuou elle mudando de tom, e sentando-se n'uma cadeira com modos affectadamente joviaes, se não foi melhor assim! Para fallarmos verdade, Camilla, já nos iamos tornando ridiculos com o nosso eterno arrulhar! Que absurdo! Dois pombinhos namorados, atravessando o mundo, atados um ao outro com o laço côr de rosa do santissimo matrimonio! O mundo ria-se e tinha razão; porque o mundo tem sempre razão. Agora é que estamos bem. Somos uns esposos comedidos; encontrâmo-nos tres vezes por dia; eu sou o sêu procurador, v. exc.ª a minha intendente. Eu sou o encarregado dos negocios estran-

geiros, v. exc.ª dos do reino. Vejam se ha n'este mundo viver melhor! A paz do Senhor habita comnosco! Ah! —continuou Eduardo animando-se successivamente, morram as suaves recordações! Arraze-se o jardim, para fazer brotar a hora das conveniencias! Morra tudo quanto nos possa recordar as doces horas do alvorecer do nosso amor, esses arrufos, chuvas de primavera, os beijos da reconciliação, iris delicioso! Olhe, dê-me licença que afaste da nossa vista tudo quanto possa despertar pensamentos perigosos, prejudiciaes ao nosso repoiso. Morra este ultimo objecto, que ainda se atreveu a fallar-me em coisas para sempre esquecidas.

«E, dizendo isto, levantou-se n'um incrivel estado de agitação, e agarrando em mim com vehemencia, ia a atirar-me pela segunda vez pela janella fóra. Eu estava já desesperada pela incrivel tendencia que Eduardo mostrava para me fazer saltar pela janella, e pensando na minha triste sorte, que ia atirar commigo ao mar das aventuras, quando julgava entrar no porto de salvação.

«Um grito de Camilla foi quem me livrou de travar de novo conhecimento com o espaço.

—«Eduardo, Eduardo, bradou ella com as lagrimas nos olhos, vê bem essa bolsa!

«Eduardo contemplou-me, viu as iniciaes, reconheceu-me, e, voltando-se para Camilla leu-lhe nos olhos uma tal expressão de amor, que, sem se poder conter, caíu-lhe aos pés, banhado em lagrimas deliciosas, emquanto ella n'um extasi ineffavel lhe beijava os cabellos.

«Que momento aquelle!

XVIII

«Termina aqui a minha narração. Nas bolsas como nas nações, são felizes as que não tem historia.

«Dir-lhe-hei unicamente que fui conservada em casa de Camilla e de Eduardo, como uma reliquia preciosa, que se conservava tal qual eu tinha reapparecido, para trazer a concordia áquelles dois estouvados.

«Quando Eduardo morreu, fui eu a confidente e a consoladora de Camilla. Como esta nunca tinha tido filhos, era commigo que fallava em seu marido, e muitas vezes me regou com as lagrimas que derramava. A pobre senhora conservava sempre viva e ardente no coração a imagem do seu esposo.

«Morreu a opulentissima viuva. Os herdeiros, tambem já bastante ricos, quizeram liquidar aquelles immensos haveres. Venderam tudo, eu fui com a mobilia da casa, e alli, graças ao meu amigo, salvei-me de cair nas garras de algum segundo Bartholomeu Nunes, que me tivesse seis annos fechada em cofre.

«Ao menos com o senhor tenho podido tagarellar.

«Aqui ponho ponto.»

XIX

Assim fallou a bolsa, e eu, secretario fiel, fui escrevendo textualmente o que ella me dictou.

Tiro de cima dos meus hombros toda e qualquer responsabilidade.

A aurora começava a apontar no horisonte. Ao passo que a deusa de roseos dedos abria as portas do Oriente, a bolsa a pouco e pouco ia perdendo a animação ficticia, que um poder sobrenatural lhe emprestára, e ia-se deixando cair em cima da mesa.

Eu, ingrato, não me importéi com isso. Em quanto ella ia voltando ao seu estado normal, contemplava satisfeito o papel inundado de garatujas, cuja perpetração principal não fôra commettida por mim, e escrevia no fundo da ultima pagina, as seguintes palavras sacramentaes:

Finis, laus Deo.

Quando Lucio Valença acabou a sua longa leitura, o visconde da Fragosa resonava maravilhosamente, e o conselheiro Madureira formava com elle um duetto mais

ou menos parlamentar. Henrique e Leonor applaudiam calorosamente; Roberto Soares fazia as suas reservas; Isaura lançava olhares assassinos ao author, que na febre da vaidade litteraria nem reparava n'essas amaveis provocações. O doutor Macedo indignou-se.

—O Lucio, bradou elle, saiu fóra do meu programma. Impingiu-nos um romance humoristico debaixo da bandeira de conto da meia-noite. Lavro um protesto, e peço que se lance na acta.

—Apoiado! exclamou o visconde da Fragosa acordando.

—Mas, doutor... acudiu Valença rindo.

—Qual mas nem meio mas! Então isto é conto phantastico? Você nunca leu Hoffmann? Você nunca leu Carlos Dickens? Leu, sim senhor, mas tinha o romance fechado na sua gaveta, apanhou auditorio benevolo, e impingiu-o. Quer editor! Não é outra coisa, minhas senhoras, quer editor! Então onde ha aqui espectro? onde ha visão? onde ha os terrores legendarios da meia-noite?

—Peço a palavra, interrompeu Lucio rindo.

—Sobre a ordem ou sobre a materia? perguntou gravemente o visconde da Fragosa.

—Sobre o espirito, redarguiu Lucio.

—Não é parlamentar, tornou o visconde.

—Deixe-o fallar, visconde, deixe-o fallar que eu já o esmago.

—Veremos, tornou Lucio. Qual era o nosso fim doutor? Matar a meia-noite... Matou-se. Tres noites a fio se contaram coisas medonhas, coisas de arripiar os cabel-

los, vieram aqui á praça defuntas que vão a S. Carlos, phantasmas da meia idade, igrejas sub-marinas que se illuminam mysteriosamente á meia-noite. Algum de nós trepidou? Não; pelo contrario. A meia-noite hoje passou, e ninguem deu por tal. Queriam que eu abusasse da victoria? A meia-noite morreu. *Parce sepultis*?

—Sophismas! sophismas vãos!

—Appello para o *claro auditorio meu*.

—O' vaidoso! bradou o doutor Macedo, isso é de Bocage, sabes tu profano? ousas comparar-te ao gigante?

—Eu por mim gostei, exclamou Leonor.

—Eu tambem! tornou Henrique trocando uma vista d'olhos com a gentil filha dos viscondes da Fragosa, ainda que me parece que os arrufos de Eduardo e de Camilla duraram mais do que seria de razão.

—Tu cheiras-me a noivo, Henrique! disse o doutor. Exhalas um vago perfume de flor de larangeira.

—Eu, exclamou logo Isaura requebrando-se toda, declaro que ainda aqui não ouvi coisa de que mais gostasse.

—Oh! minha senhora, tornou Lucio desfazendo-se em agradecimentos.

—Percam-n'o com as lisonjas, percam, acudiu o doutor Macedo. E agora deixem-me pronunciar a dissolução da sociedade *Inimiga da meia noite*. Está a terminar o tempo da *villeggiatura*. Depois de ámanhã é a ultima caçada. Está dissolvida a associação.

—Doutor, antes d'isso, tenho que lhe apresentar um requerimento, disse a doce voz de Leonor.

—Mandar para a meza, emendou o visconde da Fragosa.

—Que requerimento é? perguntou Macedo.

—A Juliasita e o Alvaro tem sabido que se contam aqui, depois de elles se deitarem, historias pavorosas, e as criadas vêem-se gregas com elles para os despirem quando chega a hora de os deitarem, porque não é senão dizerem que querem ficar a pé para ouvirem as historias. Prometti-lhes que uma noite d'estas assistiriam á entrevista. Como decididamente já ninguem pensa na meia-noite, como hoje se abriu o exemplo de não se esperar a hora fatidica, não podiamos ámanhã, ao anoitecer, abrir a sessão para os pequenitos assistirem?

—Ora... para quê, Leonor? acudiu a viscondessa, os teus irmãos cáem de somno ás primeiras palavras.

—De certo se se lhes não escolher coisa de que elles gostem. A *Julieta* de certo a não perceberiam, acudiu Leonor sorrindo maliciosamente para Henrique.

—Não eram só elles, resmungou Henrique Osorio.

Isaura não ouviu; estava toda embebida n'uma larga conversação com Lucio Valença.

—Ah! eu me encarrego d'elles; pago ámanhã a minha quota, aproveito o precedente de Lucio.

—O quê? o quê? acudiu Lucio que ouvira pronunciar o seu nome.

—Falla-se por aqui no teu precedente, ou no teu predecessor que é a mesma coisa. Julgavas que o não tinhas?

Leonor desatou a rir, Henrique fez-se ligeiramente córado, Isaura não comprehendeu.

—Invocando pois o precedente de Lucio, continuou o doutor, apresentarei ámanhã, em obsequio ao Alvaro e a Julia, uma *lenda da meia-noite*, que não será lenda e que não será á meia-noite, o que dará ao Roberto Soares assumpto para um estudo intitulado: *De como degeneram as lendas.*

Dispersou-se a companhia, porque já era tarde, mas Henrique e Leonor tinham aberto uma janella e conversavam animadamente.

Ao passar junto d'elles, Isaura, a quem Lucio dava o braço, não pôde eximir-se a dizer-lhe:

—Veja se se transforma em espectro essa nova Julieta.

—Minha senhora, acudiu Henrique, transformam-se em espectros ou em nada que é a mesma coisa as loucas visões que sonha a phantasia enferma. Esses sonhos, quando se desperta, deixam apenas uma impressão pesada e morbida. E quando se acorda é que se percebe que as Julietas nunca foram amadas com o coração, foram sempre um pretexto para as divagações de uma imaginação desnorteada.

—E encontrou a bussola, Henrique? acudiu Lucio motejador.

—Encontrei, sim, meu amigo.

—Procurou-a por muito tempo?

—Estava ao meu lado. Somos tão loucos que nunca pensamos em reparar se nas pedras do nosso jardim ha-

bitualmente não se encontrará alguma que tenha as qualidades maravilhosas do magnete, e deixamo-nos attrahir tolamente por umas pedras que brilham, que julgamos diamantes e que são apenas...

—O que?

—Pedaços de vidro que brilham ao sol; o fulgor era do sol e não d'elles.

Os dois companheiros de serão trocavam já olhares inflammados, e nas suas vozes havia um tom ameaçador. Isaura assistia olympicamente desdenhosa a esse torneio de espirito. Leonor, inquieta e magoada, sentia os olhos marejarem-se-lhe de lagrimas.

—Se não se vão deitar, apago eu mesmo as luzes, exclamou o doutor Macedo intervindo de subito e separando bruscamente os quatro personagens da scena. Olhem que massadores!

E, emquanto o grupo se dispersava, trocando despedidas um pouco frias, o doutor Macedo fechava a janella murmurando:

—*Cherchez la femme.*

Na noite seguinte assistiam dois novos ouvintes á leitura. Eram Alvaro e Julia, os dois filhos mais novos dos viscondes da Fragosa. As crianças estavam radiantes de alegria; emquanto Julia, loira criança de seis annos, cra-

vava os grandes olhos azues, com infantil curiosidade no doutor Macedo, Julia uma menina de nove annos, toda elegante, e que era o retrato de sua irmã mais velha, ouvia rindo ás gargalhadas as historietas de Henrique Osorio que a tinha no collo, e que, prodigalisando-lhe as caricias, esperava assim reconquistar as boas graças de Leonor, que ficára um pouco ferida pela scena da vespera, em que lhe parecêra vêr um resentimento qué mostrava que Isaura não fôra de todo esquecida.

—Meus meninos, disse o doutor Macedo desenrolando o seu manuscripto, é só cá para nós este conto. A mana e o Henrique e os outros que riam ou durmam, se quizerem. Nós cá é que nos vamos entreter. Este conto é só para nós, e intitula-se...

Lucio Valencia, que estava collocado defronte de uma janella aberta, interrompeu com um espirro o discurso de Macedo.

—*Dominus tecum*, concluiu o doutor.

—Obrigado, disse Lucio.

—Não é obrigado, é o titulo do conto. Mas vejam o que é ser-se litterato. Espirramos, diz-nos alguem *Dominus tecum;* é o que basta, saiu um conto!

Todos desataram a rir, e o doutor, com a sua voz admiravel, com a rara sciencia de recitação que possuia, começou a lêr, no meio de profunda attenção das duas crianças, o seu *Dominus tecum*.

DOMINUS TECUM...

(CONTO PARA CRIANÇAS)

I

Agora que a noite começa a desenrolar o seu manto azul, onde essas fadas luminosas, que se chamam estrellas, dançam em torno da sua branca rainha, que percorre o firmamento no seu argenteo carro, umas solitarias e pensativas, como a scismadora Venus, outras formando immensa e jovial choréa, como as brancas estrellinhas da via lactea; agora que principia a ouvir-se ao longe o grave som das Trindades, perfume de harmonia que parece exhalar-se das urnas gigantes dos campanarios, vinde, meus meninos, vinde agrupar-vos em torno de mim, e ouvir as historias maravilhosas que eu tenho para vos contar.

Arredae da fronte os loiros anneis dos vossos cabellos, doirados fios que enreda, teimosa, a brisa folgazã, como que para vos desafiar para novos brinquedos, e fitae-me bem com esses olhos azues, transparentes como o lago limpido, puros como o céo ridente, que vos quero povoar os sonhos de imagens luminosas d'esse mundo louçã de fadas e duendes!

O' sonhos infantis! Quem poderá jámais saber quanto esvoaçar de azas brancas, quanto rescender de ignotos perfumes, quanto desabrochar de lindas flôres, quanto lampejar de suavissimos clarões nos revela aquelle innocente sorriso que volteia nos labios da criança adormecida!

Que deliciosos colloquios não haverá entre essa almazinha gentil, que aspira ao céo, e os anjos, que se debruçam meigamente do azulado Empyreo, que a tomam nos braços, que a embalam e lhe sorriem!

E eis o motivo por que sempre despertaes chorando: é porque os anjos vos poisam no berço, vos beijam na fronte; porque vêdes as suas azas candidas transpôrem n'um vôo o espaço, e cerrarem-se com fragor as doiradas portas do Empyreo.

E só vos aplaca o choro o meigo sorrir das mães; porque, se ha anjos na terra, onde se abrigariam elles se não fosse no brando seio maternal?

Onde encontrariam imagem mais perfeita do seu Paraiso?

Mas entre o céo e a terra ha outro mundo de encantos, onde esvoaçam as fadas travêssas, os maliciosos

duendes, que são tambem amigos das criancinhas, e as vão poisar, ás vezes, no purpureo regaço das rosas, ou nas rendas prateadas do immenso véo do luar.

De dia dormem escondidas no calice das flôres, ou no seio dos lagos, ou nas folhas das arvores; mas, quando soam Trindades, eil-as a esvoaçar no ambiente, e é o bater das suas azas, o chilrear das suas vozes, que produzem esses ineffaveis murmurios que vos encantam, e que vos fazem até cair, sem saberdes por quê, n'uma dôce melancolia.

São ellas quem ensinam aos rouxinoes esses maviosos gorgeios, esses deliciosos trinados, que toda a natureza escuta embevecida n'um vago extase.

São ellas quem accendem nos pyrilampos, esse phantastico fulgor que vageia nos prados, e matiza de oiro o fundo verdejante da relva.

São ellas quem desentranham do seio das flôres as nuvens de perfumes, que espalham depois rindo na atmosphera.

É o seu bafo a brisa voluptuosa e leve, que faz correr um vago estremecimento pelas corollas gentís das rosas e dos lirios.

Por isso a noite é mais formosa do que o dia; porque o dia pertence aos homens, e durante a noite imperam os espiritos subtís.

A natureza vê passar com indifierença, e até com odio, o homem que se diz seu rei, e cuja realeza é uma verdadeira tyrannia.

Porque o homem decepa as arvores frondosas; colhe

as flores que viçavam alegres, e que vão finar-se em ramalhetes; acorda os echos doridos com o estrondear das suas espingardas; e a toda a parte, onde estabelece o seu dominio, leva comsigo a destruição e a morte.

Nunca viram, meus meninos, arder uma floresta? E' horrivel! As arvores contorcem-se na agonia, erguem ao céo os ramos esbrazeados, soltam gritos de desesperação. Não é a vegetação inerte que se reduz ao nada, é a vida que fenece em convulsões.

E quem incendiou a floresta? Quem brandiu o facho assolador entre a folhagem lustrosa? Foi o rei da natureza! Foi o monarcha da creação!

As fadas e os duendes não destroem assim esses mysteriosos sanctuarios, onde se abrigam tantos amores, tantas vidas, tão incessante trabalho de renovação! Tem, pelo contrario, com elles mil desvelos; são ellas quem descerram a pouco e pouco os verdes botões das rosas do matto; são ellas que penetram nos troncos, e fazem girar a vivificante seiva em todos os pontos da arvore caduca; são quem a ajudam depois a desabrolhar em pimpolhos, em flôres e em fructos.

Por isso, quando á noite dançam e folgam nos ares, toda a natureza se compraz em lhes adornar os festejos; as brisas volteiam com as suas urnas cheias de aromas; os rouxinoes descantam as suas arias; a orchestra immensa dos pinhaes, das carvalheiras e dos salgueiraes entrega aos arcos invisiveis do vento as frementes cordas das suas franças, ou deixam que mão ignota doideje vagamente nas teclas das suas frondes! E tudo canta, ri e

folga, porque são as fadas que dançam, as fadas aéreas, os travêssos duendes.

E o homem entretanto, encerrado nas suas mesquinhas moradas, respira uma atmosphora corrompida, sente o suor a borbulhar-lhe na fronte depois de dar um giro na sala abafadiça, e cerra cuidadosamente as janellas, para que lhes não chegue nem um murmurio, nem um effluvio, nem um raio de luz.

E a natureza aproveita a ausencia do rei da creação, e canta, e folga, e ri, porque são as fadas que dançam, as fadas risonhas, os duendes maliciosos.

II

Em toda a parte ha fadas, meus meninos; mas, como podem suppôr, não tem o mesmo genio, a mesma indole nos differentes sitios. N'uns pontos persegue-as o infortunio, n'outros sorri-lhes a ventura.

Na nossa terra abençoada, em que temos o céo de veludo, aguas de crystal, sol de oiro vivo; onde nos ares limpidos parecem brotar por encanto musicas suavissimas; onde viçam flôres com profusão; onde as brumas são véo ligeiro que touca as cumiadas dos montes, e não gélido manto que envolve as planicies, folgam as fadas de viver. É este o paiz dos seus sonhos, este e a Hespanha, e a Italia e a Grecia, onde viveram por tanto tempo as nym-

phas, as naiades e as dryades, que eram as fadas dos pagãos.

Livres no ar, alimentando-se de perfumes que nunca lhes faltam, abastecendo-se nas madre-silvas e nas magnolias, aquentando-se nos ninhos das avesitas, viajando n'um raio da lua, não tendo mais em que cuidar senão em pentear os seus lindos cabellos, em mirar-se e em banharse nas aguas transparentes, apenas uma vez por anno, na bemdita noite de S. João, tem de ser oraculos das donzellinhas, que lhes vem perguntar qual o porvir dos seus amores.

Donosa occupação! Sair do asylo da folhagem e entrar na alma ingenua da donzella é apenas mudar de ninho, e não sei qual será mais suave, mais macio, mais delicioso e mais immaculado.

Estava com passarinhos, com passarinhos vae estar! Pois o que são os amores? È se escutavam deliciosos gorgeios, finas trovas, podiam nunca ser tão mimosos esses cantares como o poema seductor, cujas estrophes resoam n'um coração de vinte annos?

Mas ai! nem sempre é assim. Nos frios paizes do norte, na nevoenta Inglaterra, na verde mas tristonha Irlanda, não encontram as fadas e os duendes as doçuras d'estes ares, os esplendores d'estes céos, a suavidade d'estas brisas. Mal que chega o inverno, gelam-se as aguas, morrem de frio os passarinhos implumes nos pobres ninhos devastados pela procella, a neve mata as flôres, embaciase o clarão da lua, desmaia a luz e affrouxa o almo calor

do sol, não ha perfumes nem galas, e ai de quem intentasse dançar nos ares quando o graniso cáe!

Coitados dos pobres duendes! Coitadas das gentís fadas! Elles, que adoram a liberdade, vêem-se obrigados a refugiar-se nos quentes curraes, na cinza do lar, e até na chaminé! Ah! como os seus irmãos dos paizes do sul teriam dó d'elles se os vissem com as azas brancas maculadas de fuligem, a não ser que estejam expostos ao frio e á neve á porta de casa pouco hospedeira, onde não lhes abram sequer uma fisga por onde possam metter os corpinhos enregelados.

Mas os homens são crueis e egoistas, e não concedem um favôr sem mirarem a galardão; estão promptos a acolher os pobresinhos dos espiritos, com a condição que estes os hão de servir. E aqui temos os nossos duendes e as nossas fadas, fieis á sua palavra, a ordenhar as vaccas, a guardar as ovelhas, a tratal-as nas doenças, a evitar-lhes o mau-olhado, a proteger os donos da casa, em fim, a fazer o que dez criados não fariam.

Mas, meus meninos, os homens, não contentes com isso, traçam muitas vezes fazer-lhes mal, livrar-se d'elles, descumprir a sua palavra, e isso tudo exacerba-os, e fal-os tambem, ás vezes, maus e vingativos.

Ah! meus meninos, a miseria é a mãe terrivel do mal, tanto nos homens como nos duendes. A miseria, e a escravidão, e a ausencia de luz! Ah! quando virdes um criminoso, não o anathematizeis, mas vêde primeiro em que atmosphera viveu, quaes foram as primeiras idéas que

teve, qual o estado da sua intelligencia. E vereis sempre a miseria, o embrutecimento e as trevas.

Por isso, quando fordes homens, dedicae-vos á grande obra da regeneração dos vossos similhantes, ao seu esclarecimento e á sua educação moral.

E assim tereis cumprido a vossa missão na terra, assim tereis cumprido o grande preceito da nossa religião «a caridade», preceito que encerra em si todos os outros, raio de luz que, em se espraiando pelo mundo, basta para dissipar as sombras mais cerradas.

Mas voltemos aos nossos duendes, de que já nos iamos afastando tanto.

III

Oiçam pois, meus meninos, esta historia, em que vereis como os duendes se transformam com a miseria e com o mau exemplo dos homens.

Aqui tem eterna juventude, lá chegam a envelhecer e tem uma velhice repugnante; aqui não pensam senão nas suas fadas, lá ousam querer raptar as filhas dos homens.

Ora pois, havia na Irlanda um camponez chamado Patricio, que pedira um favor a um duende, offerecendo-se a recompensal-o; mas, apenas se viu servido, fiado no caracter bom d'esses genios benevolos, não pensou mais em similhante galardão.

O duende, que já era velho e rabugento, e moido de

trabalho, enfadou-se com esta falta de palavra, e condemnou o camponez a servil-o sete annos e um dia.

Sentença dada por duende irritado inscreve-se no livro do destino, e lá não é possivel arrancarem-se as folhas, como se fez em Portugal, nem queimar a casa onde o livro está, como se fez em França.

O pobre Patricio, que não quizera dar uma pequena recompensa, viu-se obrigado a servir seu amo sete annos, sem ao menos ter a esperança que teve Jacob, que se viu mettido em eguaes danças, como os meus amiguinhos sabem, mas a quem fôra promettida em premio a formosa Rachel.

E, ainda assim, Jacob não tinha senão que pastorear os rebanhos de Labão, o que, por fim de contas, não é uma occupação desagradavel.

Mas o pobre Patricio, esse estava em peiores circumstancias. Além dos trabalhos habituaes, fazia tambem de escudeiro de seu amo, e tinha de o acompanhar nas suas excursões nocturnas, excursões que eram sempre feitas a cavallo.

Mas a cavallo em quê? Imaginam que iam montados em guapos corceis, como esses em que os seus papás montam, ou em pacatos burrinhos, como esses em que os meus meninos vão tambem dar os seus passeios?

Pois não; as coudelarias do nosso duende tinham outra casta de cavalgaduras; eram immensas porque abrangiam toda a natureza, e porque, a fallarmos verdade, os cavallos não occupavam muito espaço. Chegavam, por exemplo, ao meio de um campo, viam duas feveras de pa-

lha, o duende pegava n'uma, dava outra a Patricio, e dizia-lhe: «Monta».

Montar era facil de dizer, mas de fazer? Parece-me, realmente, que o mais perito mestre de equitação se havia de vêr seriamente embaraçado.

Patricio arrancava os cabellos, amaldiçoava a sua avareza, que o levara áquelle misero estado; mas como arrancando os cabellos ficavà calvo, e não transformava a palhinha nem em burro nem em corcel, não tinha remedio senão montar, e lá ia elle por esses ares fóra atraz de seu amo, que cavalgava tão ufano como se montasse no celebre Bucefalo de Alexandre, em que os meus meninos talvez já ouvissem fallar.

De que elle tinha medo principalmente era que os seus visinhos o vissem n'aquella figura, mas d'isso não havia perigo; o duende, sendo invisivel para olhos profanos, tornava-o invisivel tambem a elle.

Outras vezes não eram feveras de palha, mas juncos e cannas os corceis escolhidos; o bom do Patricio quiz ver se conseguia que seu amo acceitasse dois paus de vassoura, que sempre seriam, emfim, cavalgaduras mais commodas; mas, apenas elle abriu a boca, o duende respondeu-lhe com tanta dignidade que isso era bom para as bruxas, que o pobre irlandez não ousou insistir, e tratou de ver se aprendia as regras da picaria aeria, e de escolher a posição mais commoda que podesse na tal fevera de palha que o transportava pelos ares.

Ora um dia, ou antes uma noite, o duende chamou Patricio e disse-lhe com modo benevolo:

—Meu amigo, determinei cazar. Estou a fazer mil annos, e parece-me que é tempo de tomar estado e familia. Escolhi para minha noiva a formosa Jenny, e vamos esta noite buscal-a.

Patricio bem desejaria responder que os olhos azues, as tranças loiras, a rosea boca e as faces nevadas da formosa Jenny não deviam ser para um velhote como elle, e que um noivo de mil annos, a querer tomar estado, devia escolher uma centenaria, e não uma rapariga na flor dos seus vinte annos, e que, além d'isso, razão de todas a mais forte, Jenny casára n'esse mesmo dia, e n'esse instante devia-se estar celebrando a boda em casa do noivo. Mas Patricio bem sabia que o duende não gostava de reflexões, e portanto, sem tugir nem mugir, montou a cavallo n'uma folha de couve, que era o corcel de gala, e seguiu seu amo pelos ares fóra.

IV

Tudo era festa e riso em casa de Jenny. Brindes sem conta soavam a cada instante, as violas desprendiam os seus alegres epithalamios, e a mesa, servida á farta, ostentava-se com a alvissima toalha no meio da casa.

A noiva era realmente galante a mais não poder ser. Nos olhos tão azues e tão meigos parecia que se refugiára

a côr do ceu, expellida do firmamento pelas nuvens, e com a côr do ceo a doçura dos anjos.

Os cabellos tinham o colorido das espigas de trigo; na boca pequenina esvoaçava um sorriso de amor, como borboleta em rosa. As faces eram tão brancas, tão brancas, que desmaiaria junto d'ellas a neve das montanhas de Erin; mas n'esse momento incendia-as o prazer e tingiam-se de reflexos roseos, como a nivea toalha dos pincaros, quando o sol a illumina ao descair no occaso.

O noivo era um rapaz esbelto e varonilmente formoso. O olhar ardente com que, para assim dizermos, enlaçava Jenny, mostrava o immenso amor que lhe tinha; a meiguice dos raios de luz, que emanavam dos olhos da gentil irlandeza, revelava que a voz d'esse amor encontrara um echo no coração da formosa que o duende cubiçava para noiva.

Os convivas agrupavam-se em torno da mesa, e no logar de honra, campeava o gordo padre prior, que fazia frente a um magnifico prato de cabeça de porco, flanqueada de feijões, que lhe levava os olhos, como a formosa physionomia de Jenny enlevava o enamorado esposo.

O duende e o seu criado entraram sem ninguem dar por elles, e foram-se sentar commodamente n'uma das traves do tecto. Os cavallos haviam ficado no telhado fóra do alcance das outras cavalgaduras, que seriam muito capazes de as devorar, sem respeitarem por fórma alguma a confraternidade que as pobres folhas de couve allegariam.

Empoleirado alli assim, Patricio estava talvez um

tanto incommodado, principalmente porque lhe chegava o cheiro dos bons manjares que ufanos campeavam em cima da mesa, e o seu estomago segredava-lhe que seria muito melhor fartal-o a elle do que fartar os olhos com as saborosas iguarias.

Mas o bom irlandez bem sabia que o seu duende nunca lhe consentiria mostrar-se, e, portanto, consolava-se pensando que talvez a ceia das bodas do seu amo fosse ainda melhor do que essa que o estava namorando.

Depois relanceou os olhos para a noiva, e em seguida para o seu companheiro da trave, e pensou que era realmente uma barbaridade ligar assim tão donosa primavera a tão encarquilhado inverno.

N'isto a noiva espirrou.

Um espirro não é coisa que envergonhe ninguem, mas o espirro de Jenny fez tanta bulha, que a pobre menina córou muito, sentindo que todas as vistas se haviam voltado para ella.

Excepto, ainda assim, as do padre prior; o anafado sacerdote empunhava o garfo e a faca, e, com os olhos cravados na cabeça de porco, a nada mais dava attenção.

Era natural, meus meninos, que dissessem á formosa Jenny o consagrado *Dominus tecum;* ninguem, effectivamente, queria faltar a esse dever; mas a cortezia ordenava que se deixasse o padre prior tomar a iniciativa, e, por conseguinte, todos esperaram.

O padre prior tomava n'esse instante a iniciativa, mas era de se deitar á cabeça de porco; cravou o garfo destramente, vibrou com certeza rara a faca a um bom tas-

salho, e transportou-o do prato geral para o seu prato particular.

Terminada essa difficil operação, o padre prior poisou as armas triumphantes ao lado do prato, travou gravemente da colhér, e, em tres ou quatro viagens, fez mudar de gasalhado, e erigiu, em enorme acervo, uma respeitavel quantidade de feições.

Ninguem ousou advertil-o do seu esquecimento, e, depois d'esse pequeno incidente, a festa continuou com o mesmo estrondo e enthusiasmo.

A bulha dos queixos do padre prior superava o tumultuoso acompanhamento.

Mas o duende é que dava pulos de contente na trave, e dizia a Patricio:

—Se ella dá mais dois espirros e ninguem lhe diz *Dominus tecum*, é minha; foi isso o que Satanàz me prometteu.

O pobre Patricio enfiou; decididamente, o nosso irlandez tinha boa alma: se não fosse a tal avareza...

Em fim, ninguem póde ser perfeito.

D'ahi a instantes Jenny espirrou de novo, mas a pobre menina ficára tão envergonhada da primeira vez, que o segundo espirro comprimiu-o por tal fórma, que ninguem o ouviu, nem mesmo o seu noivo, que se via obrigado n'esse instante a escutar uma enorme dissertação de seu sogro sobre o cultivo da batata.

O padre prior comia.

Por conseguinte, ainda d'essa vez passou o espirro sem o competente *Dominus tecum*.

O duente pulava, dava cabriolas, fazia bulha tal, em fim, que por mais de uma vez um ou outro conviva olhou para o tecto, mas, não vendo coisa alguma, julgou que seriam ratos e continuou a divertir-se.

Patricio scismava; era realmente uma dôr d'alma vêr tão gentil menina cair em poder d'aquelle espirito malicioso; pensava que talvez a podesse salvar, mas lembrava-se das iras de seu amo, que podiam cair sobre elle, e abanava a cabeça deixando-se ficar mudo e quêdo.

Finalmente, soou o terceiro espirro da menina, ainda mais comprimido que os dois primeiros.

Mas ao mesmo tempo retumbou no tecto um formidavel *Dominus tecum*, que fez tintinar os vidros e tremer os convidados.

E logo um corpo humano veiu, aos robolões pelo espaço, baquear em cima da meza, entornando o prato do padre prior, que soltou um grito de desespêro, e apanhou na batina o naco de cabeça de porco, antes que um mastim faminto, que andava rondando os pés das cadeiras, désse com tão boa fatia.

Era Patricio que, vencendo as suas indecisões, reunira todas as suas forças e coragem, e salvára d'essa fórma a formosa Jenny.

Ao mesmo tempo ouviu-se uma voz que dizia:

—Despeço-te do meu serviço, mas ahi tens o ordenado.

Não era mau, effectivamente; o irlandez esteve tres mezes em lençoes de vinho, e ficou toda a vida com uma dôr nas costellas.

Mas os dois noivos, a quem elle contára o que estivera para lhes succeder, foram-lhe eternamente gratos, ajudaram-n'o muito na sua vida, e, quando envelheceu, levaram-n'o para casa, onde teve sempre uma boa cadeira, onde se sentava a apanhar a sua restea de sol, e onde entretinha os filhos de seus hospedes, contando-lhe as suas viagens aérias, e a historia dos tres espirros.

V

Cerrou-se a noite de todo, meus meninos, e o sereno esplendor da lua branqueia-vos as rosadas faces; desperta a natureza quando adormece o homem; as flores entreabrem os seus thuribulos, a fonte desdobra o transparente crystal das suas aguas, e as naiades chorosas entoam os seus lamentos.

Já o somno começa a fazer-vos pender a fronte; brincastes, correstes durante o dia á luz do sol, chega a hora do repoiso, depois, quando fôrdes crescidos, gostareis de ficar, como eu fico, a contemplar o estrellado docel do firmamento, e a perguntar ás vozes mysteriosas da natureza qual é o segredo que faz palpitar tantos mundos na abobada estrellada; gostareis de vêr os campos onde o luar se espraia, as infindas maravilhas da creação, mas oh! nunca vereis panoramas como os que vos sorriem agora nos meigos sonhos da infancia.

Ide pois; esperam-vos os anjos escondidos detraz das cortinas alvas do vosso leitosinho, e, se algum espirito aéreo se vos entre-mostrar tambem, não tenhaes mêdo, porque os habitantes d'estes ares luminosos são fadas meigas e risonhas, e não duendes malignos.

No dia seguinte áquelle em que o doutor Macedo contára, com grande gaudio das creanças, a lenda do *Dominus tecum*, uma carruagem parava á porta do visconde da Fragosa, e apeiava-se d'ella uma senhora idosa de nobre aspecto e veneranda physionomia, que pedia para fallar ao visconde e á viscondessa da Fragosa.

Era a mãe de Henrique Osorio, que vinha pedir para seu filho a mão de Leonor.

Fez algum reboliço em casa dos viscondes este subito pedido feito por pessoa que sempre vivêra em intimas relações com Leonor, e que nunca até ahi mostrára desejos de a requestar.

Fallando-se n'isso no grupo dos hospedes, o doutor Macedo disse:

—E' para que saibam que, quando se semeia sempre se colhe alguma coisa, ainda que não seja aquillo que se previu. Das nossas lendas da meia-noite saiu este casamento, o que prova mais uma vez o casamento e a mortalha no céo se talha.

—Tanto mais que para o Henrique Osorio o casamento e a mortalha devem estar intimamente ligados... O homem que ama espectros... O auctor de Julieta!

N'este momento vieram dizer ao conselheiro Madureira que a sua carruagem o esperava. Despediram-se elle e a filha dos viscondes da Fragosa, Isaura deu um beijo frio em Leonor, e comprimentou seccamente Henrique Osorio.

—Espero tornal-o a vêr no Espinho, disse ella com requintes de amabilidade a Lucio Valença.

—Ah! de certo, minha senhora, respondeu o escriptor.

Quando partiram, Henrique approximou-se de Lucio e disse-lhe:

—Hontem iamo-nos irritando por frivolidades sem nome. Sabe comtudo, Lucio, que sou seu amigo, e que não tenho no que vou dizer-lhe o minimo pensamento reservado. Não se deixe prender nos laços d'aquella formosa mulher, que é uma *coquette* sem intelligencia e sem alma.

—Meu amigo, tornou Lucio rindo, eu estou-a vendo hoje pelo prisma que você me legou. Hei-de dizer mal d'elle talvez d'aqui a algum tempo. Agora não ha remedio; tenho-o encaixado nos olhos.

Henrique encolheu os hombros.

—Pois meus amigos, disse o doutor Macedo, que vira Leonor entrar a dirigir-se para o seu noivo, tem a *lenda da meia-noite* uma conclusão inesperada; mas isso foi bom para que tivesse alguma.

—Effectivamente, disse Lucio Valença, o nosso fim,

confessamol-o, não se conseguiu. As pessoas nervosas, quando estiverem sósinhas á meia-noite n'um quarto de lugubre aspecto, hão-de continuar a tremer de espectros. Affrontal-os em boa companhia não torna aguerrido ninguem.

—Eu não posso dizer coisa alguma; na *lenda da meia-noite* encontrei eu, disse Henrique, a ventura da minha vida.

—E ainda que outra coisa não se alcançasse, logrou-se passarem-se algumas noites agradavelmente.

—Assim seja! concluiu o doutor Macedo.

Possam dizer o mesmo os leitores d'este despretencioso livro.

FIM.